



**Poltécnico
de Viseu**
Escola Superior
de Educação
de Viseu

PV - ESEV 2023

Um olhar sobre os jovens NEET: Investigação-ação com jovens de um bairro social.

**Um olhar sobre os jovens NEET: Investigação -
ação com jovens de um bairro social.**

Cíntia Carolina Freitas Nóbrega

Cíntia Carolina Freitas Nóbrega

Outubro 2023



**Politécnico
de Viseu**

Escola Superior
de Educação
de Viseu

Um olhar sobre os jovens NEET: Investigaçã- ção com jovens de um bairro social.

Cíntia Carolina Freitas Nóbrega

Relatório Final de Estágio

Mestrado em Intervenção Psicossocial com Crianças e Jovens em Risco

Trabalho efectuado sob a orientação de
Professora Doutora Rosina Fernandes
Professora Doutora Emília Martins

Outubro 2023

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE CIENTÍFICA

Cíntia Carolina Freitas Nóbrega n.º 22841 do curso de Mestrado em Intervenção Psicossocial com Crianças e Jovens em Risco declara sob compromisso de honra, que o relatório final de estágio é inédito e foi especialmente escrito para este efeito.

Viseu, 31 de outubro de 2023

O aluno, Cíntia Carolina Freitas Nóbrega

Resumo

Uma intervenção de cariz social para ser implementada de forma adequada, pressupõe o conhecimento de determinada realidade, nomeadamente necessidades e problemas, mas também meios e recursos disponíveis. O objetivo da intervenção realizada, no âmbito do Estágio desenvolvido, foi conhecer os jovens do Bairro Social de Paradinha, na Freguesia de Repeses e São Salvador, em Viseu, mais especificamente, o que os leva a uma maior probabilidade de se tornarem NEET (*Not in Education, Employment or Training*), bem como intervir nesse âmbito de forma a prevenir este fenómeno. Participaram na intervenção 12 jovens, com idades compreendidas entre os 17 e 27 anos, que apresentassem uma maior probabilidade de se tornarem NEET, sendo 9 de etnia cigana. Para a recolha e análise de dados foram utilizadas como técnicas e procedimentos: a entrevista, com a respetiva análise de conteúdo; a observação participante; e, ainda, questionários com itens avaliados em escalas de Likert, cujos dados foram alvo de análise descritiva e inferencial (Wilcoxon). Os resultados evidenciaram que os jovens apresentam escassos objetivos de vida; alguns encontram-se desempregados salientando que por vontade própria; revelam dificuldades no cumprimento de regras e horários; referem que não gostam de trabalhar e estudar; dependem de apoios sociais; consideram que a cultura e contexto em que se inserem influencia no ingresso no mercado de trabalho; não apresentam expectativas futuras e encontram-se mais propensos à pobreza e exclusão social. Concluímos que para prevenir que os jovens se tornem NEET, é fundamental dar-lhes voz, perceber as suas fraquezas, mas também as potencialidades e interesses, e encorajá-los na criação de objetivos futuros realistas.

Palavras-chave: Jovens NEET; Etnia cigana; Bairros sociais; Fatores de risco; Prevenção.

Abstract

A social intervention, in order to be implemented adequately, presupposes the knowledge of a given reality, namely needs and problems, but also means and resources available. The objective of the intervention carried out, within the scope of the Internship developed, was to get to know young people from the Bairro Social de Paradinha, in Repeses and São Salvador, Viseu, more specifically, which leads them to a greater probability of becoming NEET (*Not in Education, Employment or Training*), as well as intervening in this context to prevent this phenomenon. In the intervention participated 12 young people, aged between 17 and 27, who were more likely to become NEET, 9 of whom were of gypsy ethnicity. For data collection and analysis, the following techniques and procedures were used: the interview, with the respective content analysis; participant observation; and, also, questionnaires with items evaluated on Likert scales, whose data were subject to descriptive and inferential analysis (Wilcoxon). The results showed that young people have few goals in life; some find themselves unemployed, stressing that of their own volition; reveal difficulties in complying with rules and schedules; report that they do not like to work and study; depend on social support; consider that the culture and context in which they are inserted influences their entry into the labour market; they have no future expectations and are more prone to poverty and social exclusion. We conclude that to prevent young people from becoming NEET, it is essential to give them a voice, understand their weaknesses, but also their potential and interests, and encourage them to create realistic future goals.

Keywords: NEET young people; Gypsy ethnicity; Social habitation; Risk factors; Prevention.

Agradecimentos

À Professora Doutora Rosina Fernandes e à Professora Doutora Emília Martins, respetivamente, orientadora e coorientadora, que me acompanharam e orientaram nesta etapa final, demonstrando-se sempre disponíveis para me ajudar. Muito obrigada.

À minha supervisora de estágio, Dra. Susana Criado, que me recebeu tão bem e demonstrou-se igualmente disponível para me ajudar nas minhas maiores dificuldades na prática profissional, proporcionando-me aprendizagens enriquecedoras que levarei para a vida. Muito obrigada por todo o carinho, dedicação e orientação.

À equipa técnica do Centro Comunitário do Bairro Social de Paradinha, nomeadamente a Dona Teresa, o Dr. António Ramalho, a Dona Beatriz e a Dona Catarina, pela sabedoria, suporte, compreensão e acompanhamento ao longo do estágio.

Aos doze participantes, com quem tive o privilégio de trabalhar, conhecer e acolher ao longo do meu estágio, pois aos poucos consegui ganhar a vossa confiança tornando a minha intervenção tão mais enriquecedora. Muito obrigada, jamais vos esquecerei, pois proporcionam-me inúmeras aprendizagens a nível pessoal, social e, principalmente, profissional.

Aos meus pais, por quem tenho um grande amor e carinho, pois, mesmo distantes, acreditaram sempre em mim, sacrificando-se para me proporcionar um futuro melhor e alcançar todos os meus sonhos. Sem vocês nada disto seria possível, obrigada.

Às minhas irmãs, Bárbara e Matilde, que sempre estiveram presentes para me incentivar a dar o meu melhor e consolar nos momentos mais difíceis da minha vida.

Ao meu namorado, Eduardo, que esteve sempre presente em todos os momentos desta jornada, sempre acreditou em mim e me incentivou a dar o meu melhor em tudo o que fazia. Muito obrigada.

À Inês, amiga e companheira, que sempre me ouviu e aconselhou quando mais precisei, acreditou em mim e ajudou-me a dar sempre o meu melhor. Obrigada de coração, por tudo.

À Mafalda, amiga e companheira de estágio, que sempre acreditou em mim e me incentivou a continuar a dar o meu melhor. Terás sem dúvida um lugar especial no meu coração.

Lista de Abreviaturas

CC – Centro Comunitário

CD – Cáritas Diocesana

CDV – Cáritas Diocesana de Viseu

ENA – Energia para um Novo Amanhã

NEET – *Not in Education, Employment or Training*

RSI – Rendimento Social de Inserção

ÍNDICE

RESUMO	IV
ABSTRACT	V
AGRADECIMENTOS	VI
LISTA DE ABREVIATURAS	VII
ÍNDICE DE TABELAS	XI
ÍNDICE DE FIGURAS	XI
INTRODUÇÃO	1
1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
1.1. Diversidade cultural e construção identitária	3
1.2. Minorias étnicas, comunidade cigana e os seus valores identitários	4
1.3. Viver em bairros sociais	6
1.4. Jovens de etnia cigana, identidade cultural e oportunidades para o futuro	8
1.5. Origem da designação de jovens NEET	10
1.5.1. <i>Jovens NEET: caraterísticas, fatores de risco e consequências</i>	12
1.5.2. <i>Dados estatísticos referentes aos jovens NEET: União Europeia e Portugal</i> 14	
1.5.3. A importância da prevenção na problemática dos jovens NEET	15
2. ENQUADRAMENTO DO CONTEXTO DE ESTÁGIO	17
2.1. Valências existentes na Cáritas Diocesana de Viseu	17
2.2. Centro Comunitário do Bairro Social da Paradinha	18
2.2.1. <i>Serviços prestados e atividades desenvolvidas</i>	19
2.2.2. <i>Espaço físico</i>	20
2.2.3. <i>Recursos humanos</i>	20

2.2.4. Público-alvo e problemáticas.....	21
3. PRÁTICA DO ESTÁGIO NO CONTEXTO.....	23
3.1. Diagnóstico	24
3.2. Planeamento.....	24
3.3. Implementação.....	24
3.3.1. Participantes	25
3.3.2. Técnicas e instrumentos de recolha de dados.....	25
3.3.3. Procedimentos de recolha e análise de dados	26
3.3.3.4. Proposta de intervenção	27
3.4. Avaliação	29
3.4.1. Apresentação dos resultados das entrevistas	29
3.4.2. Apresentação dos resultados das atividades desenvolvidas ao longo do estágio 33	
3.4.2.1. Atividade 1: “Caixa das partilhas”	33
3.4.2.2. Atividade 2: “O que me vejo a fazer no futuro?”	36
3.4.2.3. Atividade 3: “Tapete dos sentimentos”	37
3.4.2.4. Atividade 4: Partilha de experiências de profissionais	38
3.4.2.5. Atividade 5: Preparação para entrevistas de emprego e outras tarefas de procura ativa de emprego	39
3.4.3. Apresentação dos resultados dos questionários	41
3.4.4. Discussão dos resultados.....	54
CONCLUSÕES	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	65
ANEXOS	69
Anexo A: Folhas de presença de estágio de janeiro até maio	69
Anexo B: Plano de Estágio.....	75
Anexo C: Guião de Entrevista	82
Anexo D: Declaração de consentimento informado.....	86
Anexo E: Questionário (pré intervenção e pós intervenção) atividade “Caixa das Partilhas”.....	87

<i>Anexo F: Questionário (pré intervenção e pós intervenção) atividade “O que me vejo a fazer no futuro?”</i>	88
<i>Anexo G: Questionário (pré intervenção e pós intervenção) atividade “Tapete dos sentimentos”</i>	89
<i>Anexo H: Questionário (Pré-intervenção e Pós intervenção) acerca da empregabilidade da atividade "Preparação para entrevistas de emprego e outras tarefas de procura ativa de emprego".</i>	90
<i>Anexo I: Questionário (Pré-intervenção e Pós intervenção) atividade "Preparação para entrevistas de emprego e outras tarefas de procura ativa de emprego"</i>	91
<i>Anexo J: Questionário (pré intervenção e pós intervenção) atividade “Partilha de experiências de profissionais”</i>	92
<i>Anexo K: Tabela de análise de conteúdo</i>	93
<i>Anexo L: Registo fotográfico da atividade 1 “Caixa das Partilhas”</i>	110
<i>Anexo M: Registo fotográfico da atividade 2 “O que me vejo a fazer no futuro?” ...</i>	111
<i>Anexo N: Registo fotográfico da atividade 3 “Tapete dos sentimentos”</i>	112
<i>Anexo O: Registo fotográfico da atividade 4 “Partilha de experiências de profissionais”</i>	113
<i>Anexo P: Registo fotográfico da atividade 5 “Preparação para entrevistas de emprego e outras tarefas de procura ativa de emprego”</i>	114

Índice de tabelas

Tabela 1: Tabela de análise de conteúdo das entrevistas.....	30
Tabela 2: Questionário pré e pós intervenção (média, desvio-padrão, mínimo e máximo) - Atividade "Caixa das partilhas"	42
Tabela 3: Questionário pré e pós intervenção (média, desvio-padrão, mínimo e máximo) - Atividade "O que me vejo a fazer no futuro?"	44
Tabela 4: Questionário pré e pós intervenção (média, desvio-padrão, mínimo e máximo) - Atividade "O tapete dos sentimentos"	46
Tabela 5: Questionário pré e pós intervenção (média, desvio-padrão, mínimo e máximo) - Atividade "Partilha de experiências de profissionais"	48
Tabela 6: Questionário pré e pós intervenção (média, desvio-padrão, mínimo e máximo) - Atividade "Preparação para entrevistas de emprego e outras tarefas de procura ativa de emprego"	50
Tabela 7: Questionário pré e pós intervenção sobre empregabilidade (média, desvio-padrão, mínimo e máximo) - Atividade "Preparação para entrevistas de emprego e outras tarefas de procura ativa de emprego"	52
Tabela 8: Comparação pré e pós intervenção sobre empregabilidade (wilcoxon) – Atividade "Preparação para entrevistas de emprego e outras tarefas de procura ativa de emprego"	54

Índice de Figuras

Figura 1: Médias das respostas dos participantes na atividade "O que me vejo a fazer no futuro" pré e pós intervenção	43
Figura 2: Médias das respostas dos participantes na atividade "Caixa das partilhas" pré e pós intervenção	45
Figura 3: Médias das respostas dos participantes na atividade "Tapete dos sentimentos" pré e pós intervenção	47
Figura 4: Médias das respostas dos participantes na atividade "Partilha de experiências de profissionais" pré e pós intervenção.....	49
Figura 5: Médias das respostas dos participantes na atividade "Preparação para entrevistas de emprego e outras tarefas de procura ativa de emprego" pré e pós intervenção	51
Figura 6: Médias das respostas dos participantes acerca da empregabilidade na atividade "Preparação para entrevistas de emprego e outras tarefas de procura ativa de emprego".....	53

Introdução

O presente relatório final de estágio foi elaborado no âmbito do Mestrado em Intervenção Psicossocial com Crianças e Jovens em Risco, tendo este um papel fundamental na aquisição de conhecimentos, estratégias e competências profissionais para a realização da prática do estágio no contexto e enquanto futura profissional da área social.

O desemprego entre os jovens tem sido alvo de grande preocupação, assim como o seu ingresso no mercado de trabalho, por isso, averiguar apenas o desemprego juvenil não é suficiente, pois a população jovem é um grupo bastante heterógeno tendo em conta os divergentes percursos de vida, contextos sociais e oportunidades (Pimentel & Ducharne, 2022; Rowland et al., 2015). As taxas de desemprego contêm apenas indicadores que informam acerca da população desempregada e que procura ativamente emprego, no entanto, estes indicadores não se adequam a todos os jovens como é o caso dos NEET (*Not in Education, Employment or Training*) que são jovens que não se encontram a trabalhar, estudar ou em formação, criando-se este acrónimo com o intuito de evitar a ausência de estatuto (Pimentel & Ducharne, 2022; Rowland et al., 2015).

O facto de o fenómeno NEET abranger diversas trajetórias de vida, constituídas por diferentes características pessoais, sociais e económicas, assim como fatores de risco e uma panóplia de consequências, principalmente quando permanecem nessa situação por um longo período, torna-se não apenas um problema político, mas também um grande problema social que necessita de intervenção técnica, o que justifica a escolha desta temática.

Assim sendo, o presente trabalho tem como objetivo específico, compreender os motivos que levam os jovens do Bairro Social de Paradinha, pertencentes a comunidade cigana, na Freguesia de Repeses e São Salvador, em Viseu, com idades compreendidas entre os 17 e 27 anos, a uma maior probabilidade de se tornarem NEET, bem como formas de prevenir esse fenómeno, uma vez que os torna mais suscetíveis a situações de pobreza e exclusão social. Deste modo, procedeu-se à recolha de informações e dados através de entrevistas e delineou-se a intervenção, de acordo com as necessidades diagnosticadas e objetivos estipulados.

O trabalho encontra-se dividido em quatro partes. A primeira parte contém um enquadramento teórico, onde se efetuou a revisão da literatura acerca da diversidade cultural e construção identitária, minorias étnicas (centrado especificamente na

comunidade cigana), características das vivências em bairros sociais, bem como origem e características dos jovens NEET, fatores de risco, consequências e prevenção deste fenómeno. A segunda, prende-se com o enquadramento do contexto de estágio, dando-se a conhecer a Cáritas Diocesana de Viseu e as suas valências, sendo a valência do Centro Comunitário do Bairro Social de Paradinha mais aprofundada, uma vez que este foi o contexto de estágio. A terceira parte, contém a prática do estágio no contexto, abarca o diagnóstico, planeamentos, implementação, a análise dos resultados obtidos e avaliação. Por fim, tecem-se as considerações finais.

1. Enquadramento Teórico

1.1. Diversidade cultural e construção identitária

Para se abordar a temática da diversidade cultural é fulcral, primeiramente, compreender o conceito de cultura, sendo esta definida como um conjunto de maneiras de pensar, sentir e agir partilhadas e apreendidas por um grupo de pessoas, o que as torna particulares e distintas. Segundo Rocher (1999):

surge assim como o universo mental, moral e simbólico, comum a uma pluralidade de pessoas, em função do qual as pessoas podem comunicar entre si, reconhecem laços, vínculos, interesses comuns, divergências e opiniões, e se sentem, cada uma individualmente e todas coletivamente, membros duma entidade que as excede e a que se chama um grupo. (p. 111)

As características próprias permitem, assim, distinguir e reconhecer uma cultura das restantes dispondo estas de símbolos específicos que permitem a comunicação entre os indivíduos. Todavia, para além das maneiras de pensar, agir e sentir partilhadas, existem outros fatores que contribuem para a construção de uma cultura, tais como os laços de sangue, proximidade geográfica e coabitação (Rocher, 1999).

Não obstante, torna-se essencial perceber que, para a criação de uma cultura, é essencial que haja consciência identitária, pois a identidade é construída através do processo de socialização que permite a transmissão e aquisição de normas, valores, crenças, formas de agir, de pensar e sentir, sendo este processo iniciado desde a nascença do indivíduo e terminado apenas com a sua morte, de forma a garantir a continuidade das relações e influenciar o indivíduo na sua construção de identidade pessoal e social (Rocher, 1999).

Esta transmissão faz com que o indivíduo saiba como se deve comportar em sociedade, permitindo a sua adaptação ao meio. Por isso, pode dizer-se que quanto mais conhecimentos são transmitidos ao indivíduo na infância, mais fácil será a sua inserção na sociedade, pois através da interiorização e interpretação conseguirá dar significado ou sentido ao que lhe rodeia (Rocher, 1999). A identidade, portanto, pode ser construída pelo próprio indivíduo como também pelos restantes, uma vez que resulta “de transações entre o *eu* e os outros em contextos sociais diversos, de relações concretas de trocas ou de poder, gerando uma diversificada experiência *identitária*” (Vieira, 2011, p.76).

O facto de o indivíduo estar sujeito a múltiplas pertenças, conforme referido por Ferreira (2014), permite que construa não apenas uma identidade, mas sim várias, pois no local de trabalho, em casa ou nas interações que estabelece com os outros, terá de se adaptar e comportar consoante as divergentes maneiras de pensar, sentir e agir. No entanto, embora haja estas diversas identidades e pertenças, o indivíduo não descarta a sua origem, visto que é algo que está enraizado e passa de geração em geração, dado que “a história é aquilo que sustenta a nação, dá sustento às tradições e à identidade de ser determinada comunidade, sustentando o sentimento nacional e diferenciando-se das outras comunidades e culturas” (Ferreira, 2014, p. 28).

Em síntese, a identidade não é estática, pois “constrói-se, desconstrói-se e reconstrói-se segundo as situações” (Vieira, 2011, p. 72), através de processos de socialização, de personalidade e até mesmo crises identitárias, por isso, trata-se de uma construção mais dinâmica e complexa, dado que qualquer um de nós tem a possibilidade de recusar uma identidade e definir-se através de outra (Fialho, 2017). A identidade cultural, não é apenas uma construção social, mas também discursiva, pois é partilhada por um determinado grupo, mas cada indivíduo possui o seu próprio discurso, sendo fundamental compreender como é que este se posiciona perante a sociedade de pertença, visto que pode ou não se identificar com a mesma (Ferreira, 2014).

Para concluir, a diversidade cultural engloba todas as diferenças culturais que existem na comunidade, tais como a linguagem, hereditariedade, tradições, vestimentas, religião, entre outras, e como se organizam e interagem com o meio envolvente. Esta diversidade cultural, oferece aos indivíduos uma panóplia de possibilidades de escolha de modos de vida divergentes, que contribuem assim para o enriquecimento da sociedade e, principalmente, para a presença do respeito no que se refere à escolha de condutas, tidas como significantes e fulcrais para cada indivíduo sem que este tenha de abdicar daquilo que realmente almeja (Brasão et al., 2020).

1.2. Minorias étnicas, comunidade cigana e os seus valores identitários

Uma vez que o estágio se realizou num bairro social, onde residiam maioritariamente famílias de etnia cigana, torna-se essencial a compreensão das suas particularidades.

Assim sendo, a construção de uma minoria étnica deve-se à partilha de uma tradição cultural, tal como a língua, território, religião, entre outros fatores consentidos

por todos os elementos do grupo étnico, proporcionando e garantindo assim a sua coesão (Dias et al., 2006; Ferreira, 2014). Por conseguinte, as diferenças étnicas são extremamente notórias no decorrer dos processos de transformação política, social, económica e cultural, pois tornam o grupo mais coeso e distinto dos outros (Ferreira, 2014).

A comunidade cigana é considerada um grupo étnico, visto que possui uma história e cultura comum de valores, crenças, conhecimentos, modos de vida, língua, recursos, assim como uma herança biológica e linguística comum que a dota de uma identidade e cultura própria, uma vez que, a “identidade constrói-se, fundamentalmente, na diferença” (Dias et al., 2006, p.27).

Sabe-se que a identidade cultural da comunidade cigana se distingue pela sua música, vestuário, acessórios, pele mais escura, cabelos longos e aparência cuidada nas mulheres, pois dão uma grande importância ao seu corpo e imagem. Caracteriza-se, ainda, pelos casamentos prolongados, a submissão da mulher ao marido, a baixa escolaridade, o elevado absentismo escolar e a saída precoce dos filhos da escola, principalmente as raparigas para que casem, tenham filhos e se tornem donas de casa, enquanto aos rapazes é transmitido que estes devem trabalhar para sustentar a sua família. Uma outra característica comum nesta cultura são as famílias alargadas, sendo a família a maior prioridade da etnia cigana (Dias et al. 2006; Ferreira, 2014; Oliveira, 2018). Deste modo, é a identidade cultural, criada por esta etnia que guiará as ações dos indivíduos e permitirá que expandam a sua cultura, no entanto, é fulcral a negociação desta cultura para com as outras, para que não sejam assimiladas ou percam a sua autenticidade, pois ocorrem, muitas das vezes, limites étnicos por forças externas que podem influenciar a estrutura de um grupo.

Acrescenta-se que a etnia cigana é um grupo diversificado e dinâmico no interior da sua própria cultura, pois “apesar de revelarem semelhanças ao nível da estrutura e organização social, as comunidades ciganas diferem entre si consoante a sua situação socio-económica” (Dias et al., 2006, p.26). Quando se compara, por exemplo, pessoas que vivem em bairros sociais com as que vivem em barracas, uma vez que têm hábitos de vida completamente diferentes devido às divergentes circunstâncias e meio social que as rodeia, acabam por criar várias comunidades numa só, porque entram em conflito por não se identificarem com determinadas ações dos indivíduos da comunidade mais lata a que pertencem.

Não obstante, a comunidade cigana corre maiores riscos, comparativamente com a sociedade geral, de pobreza, exclusão social e marginalização, dado que os

costumes são divergentes, o que provoca um isolamento destes para com a sociedade, dificultando a sua integração e provocando uma maior dependência de apoios sociais, de forma a conseguirem obter melhores condições de vida e superarem as suas dificuldades (Dias et al., 2006; Dias, 2022).

Importa referir que a entrada da população cigana em Portugal provocou uma grande discriminação, que por sua vez acabou por ser amenizada quando a Constituição reconheceu a cidadania de português a todos aqueles que nasceram em Portugal, incluindo a população cigana. No entanto, embora sejam considerados portugueses, preferem afirmar-se pela sua etnia em vez da sua nacionalidade, o que faz com que a discriminação, exclusão e violência para com a etnia cigana permaneça (Ferreira, 2014).

1.3. Viver em bairros sociais

O projeto realizado, ocorreu num bairro social onde reside maioritariamente população cigana, portanto, pretendeu-se perceber e tomar conta da realidade vivenciada pelas famílias, crianças e jovens neste contexto e, sobretudo, os impactos e transformações que têm na sua vida, tendo em conta que a habitação é imprescindível, prioritária e um direito do indivíduo.

Os bairros sociais encontram-se, principalmente, localizados nas periferias da cidade e possuem um aspeto degradado, sendo considerados um espaço de marginalidade, delinquência e pobreza. O rótulo negativo, que lhes é colocado, leva à discriminação e exclusão social, fazendo com que estes se fechem sobre si próprios. Os bairros sociais, são uma resposta política com o objetivo de facilitar a integração da população mais desfavorecida na sociedade, no entanto, acaba por provocar o contrário, segregação e guetização. O facto de a população socioeconomicamente desfavorecida residir de forma concentrada nestes espaços, intensifica a marginalização e influencia negativamente os indivíduos, pois há uma maior privação de oportunidades e recursos que poderiam proporcionar hábitos de vida saudáveis e uma maior qualidade de vida (Dias et al., 2006; Ferreira, 2014).

Devido às condições vivenciadas nos bairros sociais, há uma maior dificuldade por parte dos indivíduos na superação da sua situação de exclusão, pois têm menor acesso a informações e recursos, encontrando-se mais suscetíveis a fenómenos de crime, tais como delinquência infantil, tensão e conflito familiar, entre outros. Isto, por

vezes, provem do desemprego e dos baixos níveis de rendimentos, havendo, tal como já referido anteriormente, uma grande dependência de apoios sociais para que consigam superar as dificuldades e melhorar as suas condições de vida (Dias et al., 2006; Dias, 2022; Ferreira, 2014).

A estigmatização dos moradores dos bairros sociais influencia negativamente a formação da identidade pessoal dos indivíduos, uma vez que é no espaço de pertença que a desenvolvem porque, como já foi referido, a construção identitária não é um processo estável, sofre constantes transformações a nível económico, social, político e cultural ao longo do tempo, devido às constantes interações do indivíduo para com o meio social que o influenciam. Ao assumirem a estigmatização como identidade individual, conseqüentemente irá construir-se uma identidade grupal, passando esta a ser uma característica de todo um grupo, reforçando-se assim o problema (Dias et al. 2006; Dias, 2022; Ferreira, 2014; Vieira, 2011).

A comunidade cigana inclui grupos diversificados que advêm de diversos contextos e diferentes trajetórias de vida, podendo levar a pequenos confrontos ou até mesmo conflitos de identidades no próprio bairro, pois alguns foram realojados por viverem em barracas sem quaisquer condições habitacionais, trazendo em si uma bagagem de vida marcada por sucessivas ruturas que determinam as suas ações, enquanto outros já residem neles há algum tempo e foram construindo as suas formas de pensar, agir e sentir que não vão ao encontro das dos que foram realojados, gerando, por si só, pouca tolerância e abertura (Ferreira, 2014).

Os próprios moradores dos bairros não gostam de viver nesse mesmo contexto, devido à imagem negativa que é passada para o exterior, tal como a violência e marginalidade, degradação das moradias, entre outras que intensificam a dificuldade de se integrarem na sociedade, pois têm a plena consciência de que são vistos como pobres, desempregados, marginais e como pessoas que vivem apenas dos rendimentos sociais. Por outro lado, há também aqueles que gostam de viver no bairro, pois conseguiram, apesar das condições, alcançar uma melhoria de vida significativa ao nível da habitação, higiene e conforto, comparativamente com as condições a que estavam sujeitos anteriormente à mudança para o bairro (Ferreira, 2014).

É de salientar que nos bairros não residem apenas minorias étnicas, como a comunidade cigana, mas também moradores não ciganos e toda a informação negativa que é passada para o exterior, relativamente a esta comunidade, fará com que os moradores não ciganos se afastem e se fechem no próprio bairro, isto é, não estabeleçam entre si qualquer contacto. Assim, os moradores dos bairros têm, muitas

vezes, de interiorizar determinadas normas e condutas, sem abandonar as suas próprias, para uma melhor integração no contexto em que se encontram, visto que as diferenças étnicas e culturais que surgem das interações diárias, proporcionam conflitos não apenas exteriores, mas também interiores, que levam à criação de uma imagem negativa de si próprios, mas também da cultura de pertença (Ferreira, 2014).

Em síntese, viver num bairro social, para além de um indicador de pobreza, exclusão social e estigmatização, é também indício de permanência da situação de pobreza, uma vez que possuem, frequentemente, aspirações e expectativas diferentes em relação ao seu futuro, comparativamente aos que não residem nos bairros, pois estes têm mais acesso a oportunidades. Residir num bairro, é também um constante sentimento de insegurança e frustração, por não ser um espaço de estabilidade e tranquilidade, mas sim um espaço indesejado pelos outros e, principalmente, por não poderem viver num outro lugar devido às suas condições socioeconómicas.

1.4. Jovens de etnia cigana, identidade cultural e oportunidades para o futuro

Não existe uma definição clara de juventude, apesar de haver um fator que determina esta fase, sendo este a idade. É nesta fase que começam a ser atribuídas responsabilidades e são efetuadas importantes tomadas de decisão, no entanto, muitos jovens são vistos pela sociedade como detentores de liberdade, irresponsabilidade, egocentrismo, rebeldia, que nem sempre correspondem à realidade, pois cada jovem é um ser único, criado em situações e realidades divergentes, sendo incorreto traçar um perfil uno (Ferreira, 2021).

Ao falar-se de jovens e da sua construção de identidade cultural, abordar a globalização torna-se imprescindível, pois esta afeta especialmente os jovens, uma vez que acarreta novos desafios e oportunidades, encontrando-se estes mais suscetíveis a novas ideologias, crenças, experiências e relações interpessoais que têm implicações na construção da sua identidade, tornando a fase da juventude extremamente dinâmica e complexa. Para além da dificuldade de construção de identidade pessoal, a cultural encontra-se igualmente em causa, pois não é apenas o meio envolvente do jovem que o influencia nesse processo, tal como a família, a escola, entre outros, mas também as várias culturas a que se encontra exposto, sendo fulcral alcançar um equilíbrio entre a cultura que lhe foi transmitida, desde o seu nascimento, e as diversas culturas, crenças e comportamentos divergentes dos seus (Ferreira, 2021).

É de salientar que a “partilha da cultura, de ideias, políticas, opiniões, tendências, modas, linguagem, estilo de vida, hábitos alimentares, escola, juntamente com a influência dos colegas, dos amigos e da família sempre existiram na construção das sociedades e os seus indivíduos” (Ferreira, 2021, p. 72) só que, atualmente, a influência é mais elevada, pois a nova geração encontra-se mais exposta ao contacto com outras culturas, dado vivenciarem a globalização no dia a dia, no mercado de trabalho, redes sociais, relações interpessoais, tornando-os mais vulneráveis a influências, mas também mais competentes a adaptar-se ao meio envolvente, permitindo-lhes recriar a sua própria imagem (Bourn, 2008; Kurebwa, 2020).

Os jovens têm necessidade de vivenciar novas experiências e conhecer novos valores e ideologias, com o intuito de construir o seu “eu”, contudo, aspiram ser leais aos valores do grupo de pertença, podendo originar-se uma crise de identidade. A diversidade cultural e curiosidade podem levar a um estado de preocupação no que se refere à formação de identidade (Kurebwa, 2020).

Os jovens podem pertencer a um grupo étnico, cultural ou a um grupo minoritário, que terá sempre grande influência nas suas ações e na forma como se identificam com as normas, aspirações e expectativas que regem a sua conduta. Se o jovem pertencer a uma família com condições precárias, baixas habilitações e desemprego, a probabilidade de alcançar sucesso no futuro ao nível profissional e financeiro será menor do que aquele que pertence a uma família que o motiva, tem grandes expectativas para o futuro e possui altos rendimentos, este último terá um maior sucesso, pois as motivações e objetivos diferem substancialmente (Rocher, 1999).

A comunidade cigana jovem, embora esteja mais suscetível à diversidade cultural, continua a possuir uma fraca relação com a sociedade em geral, devido àquilo que lhes é inculcido, persistindo a exclusão e marginalização (Dias et al., 2006). Torna-se fulcral fazer com que a comunidade cigana jovem se integre na sociedade, para que possa melhorar as suas condições e obter uma maior qualidade de vida no futuro. A escola, por exemplo, é um fator de integração social e conseqüentemente um atenuador da exclusão social, portanto, embora do ponto de vista da comunidade cigana a escola seja considerada uma perda de tempo, por ser um sistema que não se enquadra nas suas formas de pensar, agir e sentir, incentivar as crianças e jovens de etnia cigana a frequentar o sistema escolar é crucial para o acesso a mais oportunidades no futuro e, sobretudo, quebrar o ciclo da estigmatização que produz constantemente desigualdades sociais (Dias et al., 2006). Com efeito, quanto mais escolaridade os jovens ciganos possuírem, menor será a exclusão social, pois terão uma maior

probabilidade de alcançarem hábitos de trabalho regulares e um emprego que vá ao encontro das suas aspirações, tornando-se menos dependentes dos apoios sociais e empregos com condições escassas.

Atualmente, no mercado de trabalho há uma maior exigência ao nível da escolaridade e o constante medo de falhar, a dificuldade de definir objetivos, a falta de incentivo e apoio, proporcionam aos jovens uma grande incerteza para com o futuro. Os jovens ciganos não são exceção, pois há uma grande pressão por parte da família, fazendo com que não arrisquem por medo do desconhecido/da mudança e, principalmente, por não responderem às expectativas da família, que na cultura cigana passa por os rapazes terem de trabalhar para sustentar a família e as raparigas serem donas de casa. Para que os jovens possam ter menos incertezas quanto ao futuro é fundamental o apoio, a motivação e a transmissão de confiança (Fundação Calouste Gulbenkian & Fundação Maria, 2022).

1.5. Origem da designação de jovens NEET

O desemprego entre os jovens tem sido alvo de grande preocupação e o seu ingresso no mercado de trabalho também, o que torna a transição para a vida adulta cada vez mais complexa, problemática e imprevisível. Esta preocupação surgiu com a crise financeira internacional iniciada em 2008, que teve grande impacto ao nível europeu, colocando a taxa de desemprego dos jovens em Portugal acima da média europeia entre 2011 e 2013, dificultando a entrada dos jovens no mercado de trabalho (Frias et al., 2020; Vieira et al., 2018).

Considerar as trajetórias dos jovens, nomeadamente a transição do sistema de ensino para o mercado de trabalho, é fulcral, pois têm sido cada vez mais longas, individualizadas e diversificadas atendendo aos divergentes percursos de vida, contextos sociais, oportunidades e características de cada indivíduo (Frias et al., 2020; Pimentel & Ducharne, 2022; Vieira et al., 2018).

Averiguar apenas o desemprego juvenil não é suficiente porque não dá conta das diversas vulnerabilidades com que os jovens se debatem (Rowland et al., 2015). As taxas de desemprego abarcam somente indicadores que informam acerca da população desempregada, mas que se encontra ativamente à procura de um emprego, o que permite perceber a participação dos indivíduos no mercado de trabalho, no entanto, estes indicadores não tinham em conta os distintos grupos da população, como é o caso dos jovens *Not in Educacion, Employment or Training* (NEET), sendo que a taxa NEET

é a percentagem total da população jovem que não se encontra inserida no emprego, educação ou formação (Eurofound, 2012).

O facto de estes jovens não estarem incluídos nos subsistemas sociais de emprego, educação e formação, acarreta graves consequências no processo de transição da escola para o trabalho, sendo este um complexo desafio para os Estados-Membros da União Europeia, pois obriga a que sejam delineadas estratégias que auxiliem na insuficiência de emprego e, por sua vez, no desemprego de longa duração e, ainda, no “combate ao expressivo desalinhamento entre as exigências de um mercado de trabalho cada vez mais competitivo e as competências e qualificações dos jovens, bem como as suas expectativas e representações da escola e do mundo laboral” (Frias et al., 2020, p.189).

O acrónimo NEET (*Not in Education, Employment or Training*) emergiu pela primeira vez no Reino Unido, na década 90, devido à necessidade da elaboração de um indicador que abrangesse os jovens entre os 16 e os 18 anos que não se encontravam a trabalhar, a estudar ou em formação, nem mesmo integrados nas estatísticas do desemprego, tornando-se assim, o Reino Unido um pioneiro no que se refere às condições vivenciadas por estes jovens (Eurofound, 2012,2016; Furlong, 2006).

Anteriormente ao termo NEET, existia o Status Zer0 como alternativa aos jovens que não se encontravam inseridos em qualquer sistema de emprego, educação ou formação, mas esta definição centrou-se apenas na falta de estatuto destes jovens ao nível do (des)emprego, manifestando-se a necessidade de uma nova terminologia que abarcasse os diversos tipos de jovens. Assim sendo, surgiu o termo NEET, que se direcionava aos jovens entre os 15 e os 24 anos que não se encontravam a frequentar qualquer sistema formal de educação, emprego e formação (Eurofound, 2012, 2016; Furlong, 2007). De acordo com Pimentel e Ducharne (2022) esta nova terminologia “pretendia não só explicar o conceito, alertando para a sua natureza heterogénea, como evitar a conotação negativa da ausência de estatuto” (p.14).

No início da década 2000 a definição NEET foi adotada por quase todos os Estados Membros da União Europeia (EU), porém não houve consenso mundial, tendo, alguns países criado as suas próprias definições que determinassem a dimensão da população NEET, com o intuito de efetuar comparações entre países e organizações internacionais, contudo, o facto de não aderirem a apenas uma definição, dificultou a utilização de critérios globais que pudessem caracterizar estes jovens e comparar a nível internacional e europeu. Assim sendo, a Comissão Europeia, em 2010, concordou com a criação de um indicador uniformizado e o termo NEET passou a referir-se a jovens

com idades compreendidas entre os 15-24 anos e, posteriormente dos 15 aos 29 anos que não estejam a trabalhar, nem a estudar ou em formação. Este indicador inclui jovens em situação de desempregados e de inatividade (Eurofound, 2012, 2016; Pimentel & Ducharne, 2022).

1.5.1. Jovens NEET: características, fatores de risco e consequências

O fenómeno NEET abrange uma vasta diversidade de trajetórias de vida compostas por diferentes características pessoais, sociais e económicas, bem como fatores de risco e consequências, para além de que estes jovens podem sair e regressar a esta situação diversas vezes.

Relativamente às características, estas permitem distinguir três grupos, nomeadamente: i) jovens “essencialmente confusos” que se encontram novamente disponíveis para se envolverem nos sistemas formais de emprego, ensino e formação, desde que lhes seja dado o devido apoio e estímulo; ii) os jovens “temporariamente desviados” que necessitam de uma maior compreensão e paciência enquanto lidam com aquilo que julgam, no momento, ser o mais importante nas suas vidas e, por último, iii) os jovens “profundamente alienados” que apresentam um elevado risco de desinteresse e têm tendência para enveredar por economias informais e ilegais, consumo de álcool e drogas (Williamson, 2010).

Verifica-se também na literatura a proposta de classificação de cinco categorias de jovens NEET: i) os desempregados convencionais, que abrange os desempregados de curta e longa duração, sendo o maior grupo da população NEET; ii) os indisponíveis, que não estão disponíveis devido a responsabilidades familiares ou até mesmo devido a doença/deficiência; iii) os desencorajados, que não procuram emprego, estudos ou formação mesmo que não tenham impedimentos, englobando trabalhadores desencorajados e jovens com estilos de vida perigosos e antissociais; iv) os que procuram oportunidades, isto é, procuram ativamente trabalho ou formação, mas estão à procura da oportunidade que consideram adequada às suas competências e estatuto e, por último, v) os NEET voluntários, que estão construtivamente envolvidos noutras atividades como arte, música e aprendizagem autodirigida (Eurofound, 2012).

Deste modo, para uma maior compreensão dos padrões de vulnerabilidade, em cada subcategoria, foi proposta uma subdivisão tendo em conta as divergentes variáveis sociodemográficas tais como, a educação, o estatuto de emigração e saúde, o rendimento familiar e os antecedentes. Esta subdivisão refere-se aos NEET vulneráveis,

que são os jovens que estão em risco de marginalização e, muitas vezes, privados de capital social, cultural e humano, e aos NEET não vulneráveis que se encontram pouco expostos ao risco de marginalização (Eurofound, 2012).

Observa-se assim, que estes contributos se tornam uma mais-valia no sentido em que permitem identificar as características individuais dos jovens NEET e compreender que, perante a heterogeneidade destes jovens, a perceção dos fatores que conduzem à situação NEET é crucial, uma vez que uns correm um risco mais elevado do que outros de emergir nessa situação.

Assim, constata-se que segundo a Eurofound (2012) os fatores de risco que aumentam a probabilidade de um jovem se tornar NEET são: baixo nível de escolaridade, levando a uma probabilidade três vezes maior de enveredar para a uma situação NEET, relativamente aos jovens que concluem o ensino superior; sofrer de algum tipo de incapacidade; histórico de emigração; dificuldades familiares (divórcio, situação de desemprego, etc.); baixos rendimentos domésticos e viver em áreas remotas/isoladas.

Salienta-se que este fenómeno NEET não é somente um problema político, mas também um problema social, pois proporciona uma panóplia de consequências, principalmente, quando os jovens se encontram nessa situação por um longo período, dificultando a inserção profissional, escolar ou de formação. Para além de que, estão mais propensos a graves consequências económicas, psicológicas e sociais (tais como isolamento, trabalho precário ou mal remunerado, criminalidade juvenil e patologias mentais e físicas), sendo crucial uma intervenção precoce (Eurofound, 2012, 2016; Frias et al., 2020; Furlong, 2006; Pimentel & Ducharne; Williamson, 2010).

De acordo com Frias et al. (2020) e Vieira et al. (2018) existem muito poucas investigações acerca do fenómeno dos jovens NEET, embora as iniciativas já existentes, auxiliem na diminuição destes jovens, esta continua a ser uma problemática persistente, uma vez que maior parte dos programas para este público-alvo acaba por não ir ao encontro dos gostos e aspirações de todos os jovens.

1.5.2. Dados estatísticos referentes aos jovens NEET: União Europeia e Portugal

Segundo um estudo desenvolvido pelo Eurostat (2021), relativamente às mudanças na participação dos jovens no mercado de trabalho, conclui-se que na União Europeia em 2020, mais de 1 em cada 6 jovens adultos (17,6%) com idades compreendidas entre os 20-34 anos não se encontravam a trabalhar, estudar ou em formação. Apesar de se verificar uma diminuição significativa na percentagem de jovens NEET desde 2013, o ano de 2020 apresentou um aumento, para além de que, também, se denota nos 3 grupos etários uma percentagem mais elevada, nomeadamente, dos 20-24 anos com 15,7% (mais 1.2 pp [pontos percentuais]), dos 25-29 anos com 18,6% (mais 1.4 pp) e dos 30-34 anos com 18,2% (mais 0.8 pp).

Este estudo da Eurostat (2021), permite-nos perceber que as raparigas se encontram mais propensas à situação NEET, pois a percentagem de mulheres (21,5%) sem emprego, educação ou formação é superior à percentagem dos homens (13,8%).

No caso de Portugal, de 2019 para 2020 presenciou-se um aumento de 20,7% do número de jovens NEET que corresponde a 181 mil jovens. Desses jovens, 10,9% corresponde à faixa etária dos 15 aos 19 anos, 44% dos 20 aos 24 anos e 45,1% dos 25 aos 29 anos. Isto indica que dos 15 aos 19 anos, a taxa de jovens NEET é inferior, comparativamente às faixas etárias dos 20 aos 24 anos e dos 25 aos 29 anos, devido, também, à escolaridade obrigatória (Gabinete de Estratégia e Planeamento [GEP], 2022).

Uma outra característica presente nos jovens NEET em Portugal, diz respeito ao aumento da percentagem de jovens com o ensino secundário (11,9%) relativamente aos que possuem o 3º ciclo do ensino básico (10,1%) ou o ensino superior (10,7%), percebe-se com isto que o nível de escolaridade tem grande influência nas oportunidades profissionais dos jovens, pois são exigidas cada vez mais qualificações, competências e experiências no mercado de trabalho (GEP, 2022). Ademais, Frias et al. (2020) concluem que os baixos níveis de qualificação advêm do abandono escolar precoce, dificultando, e até mesmo impossibilitando, a inserção dos jovens nos contextos profissionais.

No que concerne ao género, não se verifica uma grande discrepância pois, a taxa de jovens NEET apresenta 11% de rapazes e 11,1% de raparigas, no entanto, existem diferenças significativas entre os jovens nascidos em Portugal que corresponde a 10,8% e os jovens nascidos fora de Portugal com 14,5% (GEP, 2022).

Acrescenta-se que nos últimos dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), encontravam-se 228 400 jovens dos 15 aos 34 anos em situação NEET, isto é, 10,3% da população nacional correspondente à faixa etária dos 15 aos 34 anos (INE, 2021). Por fim, as estatísticas realizadas pela Eurostat (2022), acerca dos jovens NEET, demonstram que a União Europeia possui uma média de 13,1%, enquanto Portugal 9,5%, o que significa, que o número de jovens em situação NEET tem vindo a diminuir, visto que em 2013 Portugal apresentava uma média superior à europeia (13%) com, aproximadamente, 14% de jovens entre os 15-24 anos (Rowland, 2015).

1.5.3. A importância da prevenção na problemática dos jovens NEET

As situações de risco podem ser prevenidas o que implica intervir antes de algo acontecer, ou seja, antecipar o problema, tendo sido esta a principal prioridade para com os jovens do Bairro Social de Paradinha que se encontram em maior risco de se tornar NEET. Para uma intervenção apropriada, perceber qual o tipo de intervenção preventiva, isto é, primária, secundária e terciária, mais adequada é fundamental tendo sempre em conta as distintas realidades (Magalhães, 2005; Ornelas, 2008).

Relativamente à prevenção primária, esta tem como objetivo a prestação de serviços à população, em geral com o propósito de evitar o aparecimento de determinados problemas, sendo fulcral agir no contexto onde há uma maior probabilidade de estes ocorrerem. Com a prevenção secundária, pretende-se identificar e proporcionar serviços a grupos específicos, onde o risco já está instalado, como forma de o evitar ou até mesmo surgir novos problemas, podendo as consequências ser a curto e médio prazo. Por último, a prevenção terciária visa a prestação de serviços, com o intuito de reduzir os impactos e gravidade de uma determinada problemática, evitando o reaparecimento do risco, todavia, nesta fase as consequências são a longo prazo (Magalhães, 2005; Ornelas, 2008).

Tal como foi possível averiguar nos pontos anteriores, as percentagens dos jovens NEET aumentam consoante a idade e género, nomeadamente, feminino, visto que as mulheres são mais propensas a estar em situação NEET e, apesar de haver jovens cada vez mais qualificados, os que possuem menor escolaridade continuam a ser mais vulneráveis à condição, diminuindo e até mesmo impossibilitando a entrada dos jovens no mercado de trabalho. No caso da comunidade cigana onde persiste o absentismo escolar, as intervenções preventivas primárias e secundárias tornam-se essenciais, pois evitam que os jovens se tornem NEET, ou seja, é fundamental procurar

estratégias para evitar que este fenómeno ocorra e que surjam novos problemas associados ao fenómeno.

Para uma intervenção de qualidade, que responda à heterogeneidade e trajetórias dos jovens NEET é essencial conhecer e compreender as idiosincrasias do fenómeno, pois conduz a geração jovem a situações de exclusão social e pobreza (Eurofound, 2012, 2016; Frias et al., 2020; Furlong, 2006; Pimentel & Ducharme, 2022; Rowland et al., 2015; Williamson, 2010). Portanto, é crucial a sensibilização junto dos jovens, dar-lhes a conhecer o conceito dos jovens NEET, as suas consequências, estratégias e recursos que os auxiliem a evitar emergir nessa situação ou superar a mesma, visto que o envolvimento e participação dos próprios jovens, faz com que se sintam mais motivados, aprendam a tomar decisões e assumam mais responsabilidades, prevenindo-se assim esse mesmo problema social (Fundação Calouste Gulbenkian & Fundação Maria, 2022; Krauss et al. 2020).

Uma vez que, maior parte dos jovens que se encontram na situação NEET, desejariam estar a trabalhar dever-lhes-ia ser dada essa oportunidade como forma de prevenir e reduzir os danos causados por esse fenómeno, tais como exclusão social e pobreza, independentemente das qualificações que possuam e o género, pois estão muitas das vezes em situação de desemprego por longos períodos de tempo ou a sair e entrar diversas vezes do mercado de trabalho pelo facto de as políticas e medidas implementadas serem de curta duração. Para concluir, para que este problema social seja prevenido deveria haver uma maior investigação com enfoque nos jovens em situação NEET, privilegiando o envolvimento dos próprios jovens, mas também de parceiros locais no combate a esta situação e definição de novas formas de identificação das vulnerabilidades dos jovens, pois a economia não está a possibilitar oportunidades de segurança. A mudança vai além do conceito NEET, sendo que este acaba por limitar a sua aplicação a diferentes realidades, uma vez que os jovens podem ser voluntaria ou involuntariamente NEET, dependendo dos fatores de risco (Frias et al., 2020; Furlong, 2006; Pimentel & Ducharme, 2022; Rowland et al., 2015; Vieira et al. 2018; Williamson, 2010).

2. Enquadramento do contexto de estágio

A Cáritas Diocesana de Viseu (CDV), outrora designada de Comissão Diocesana da Cáritas, é um organismo oficial de Igreja, destinado à promoção e exercício da ação social. Foi fundada canonicamente a 1 de janeiro de 1977, pelo Bispo de Viseu D. José Pedro da Silva, com a aprovação de novos Estatutos, possuindo autonomia jurídica e financeira. A 24 de maio de 1982, a CDV passou a ser uma Instituição Particular de Solidariedade Social, sendo reconhecida como pessoa coletiva e de utilidade pública. (Cáritas Diocesana de Viseu, 2022; Gestor de Qualidade, 2011).

Pode dizer-se que a CDV é filiada na União Distrital das Instituições de Particulares de Solidariedade Social (UDIPSS); membro da Rede Europeia Anti-Pobreza/Portugal - EAPN; parceira da Plataforma de Apoio aos Refugiados (PAR); membro do Concelho Municipal de Segurança – Centro Distrital de Operações de Emergência da Proteção Civil de Viseu; Membro do Concelho Local de Ação Social de Viseu e parte integrante do seu núcleo executivo e, por fim, parceira do Núcleo Local de Inserção de Viseu – Centro Distrital de Viseu – Instituto da Segurança Social (Cáritas Diocesana de Viseu, 2022; Gestor de Qualidade, 2011).

A CDV possui como missão, a minimização dos problemas, desigualdades e injustiças sociais dos indivíduos mais vulneráveis, em situação de pobreza e exclusão social. Por conseguinte, a CDV é efeito da sinergia de técnicos, pessoas anónimas e voluntários que tencionam valorizar a dignidade humana, a solidariedade e a justiça social, através do seu trabalho, de forma contínua e altruísta (Cáritas Diocesana de Viseu, 2022).

2.1. Valências existentes na Cáritas Diocesana de Viseu

A CDV divide-se em oito respostas sociais: o Gabinete da Ação Social, o Centro Comunitário (posteriormente explicado de forma aprofundada devido a ter sido o local de realização do estágio), a Creche, a Equipa Multidisciplinar do Rendimento Social de Inserção, o Projeto Caminhos E8G, o Plano Institucional de Respostas a Emergências e Catástrofes, a Loja Social e o Programa de Voluntariado Cáritas Diocesana de Viseu.

Relativamente ao Gabinete da Ação Social, este procura informar, encaminhar e dar resposta diariamente às situações/problemas emergentes, principalmente na promoção de iniciativas que pretendem a integração de famílias socialmente desfavorecidas. O Centro Comunitária auxilia no desenvolvimento social, pessoal e

comunitário das suas zonas de influência. No que diz respeito à creche, esta resposta acolhe crianças dos 4 meses aos 3 anos de idade, sendo-lhes proporcionado um ambiente familiar benéfico para o seu desenvolvimento global. A Equipa Multidisciplinar do Rendimento Social de Inserção intervém e acompanha as situações familiares no âmbito do Rendimento Social de Inserção, numa determinada área do concelho de Viseu, contribuindo para a sua progressiva inserção social, laboral e comunitária (Cáritas Diocesana de Viseu, 2022).

O projeto Caminhos E8G, no âmbito da oitava geração do Programa Escolhas, pretende promover a inclusão social de crianças e jovens provenientes de contextos socioeconómicos vulneráveis, tendo em vista a igualdade de oportunidades e a coesão social. No que se refere ao Plano Institucional de Respostas a Emergências e Catástrofes, procura fortalecer as condições institucionais para a realização de um acompanhamento integral das pessoas e comunidades, perante situações adversas, evidenciando vulnerabilidades sociais e naturais. A Loja Social é um espaço de atendimento emergente às necessidades básicas (alimentação, vestuário, calçado, entre outras). Finalmente, o Programa de Voluntariado Cáritas Diocesana de Viseu facilita o encontro entre pessoas que demonstram vontade e disponibilidade para serem voluntários, auxiliando nas necessidades sentidas nas diversas respostas sociais (Cáritas Diocesana de Viseu, 2022).

2.2. Centro Comunitário do Bairro Social da Paradinha

Centro comunitário, segundo Bonfim et al. (2000), é uma estrutura polivalente que dispõe de serviços e atividades para a prevenção de problemas sociais e, por sua vez, a definição de um projeto de desenvolvimento local. Segundo a Segurança Social (2023), Centro Comunitário é uma resposta social que se direciona a pessoas e famílias de uma determinada área geográfica, tendo como objetivos auxiliar os indivíduos e exercer os seus direitos de cidadão; incentivar a participação das famílias, pessoas e grupos; abarcar os parceiros locais e promover a criação de novos recursos; promover atividades que desenvolvam e incentivem a vida social e cultural da comunidade; propiciar a inserção social de pessoas e grupos mais vulneráveis; atender às necessidades concretas da população e conceber condições para a mudança.

O Centro Comunitário (CC), resposta onde foi realizado este estágio, encontra-se inserido no Bairro Social de Paradinha, na Freguesia de Repeses e São Salvador, em Viseu. Trata-se de uma estrutura polivalente e de índole social, dinamizada pela

CDV, com grande impacto no desenvolvimento pessoal e comunitário das famílias do Bairro Social de Paradinha, pois vai ao encontro das necessidades específicas da população, tendo como função a prevenção e minimização de situações de pobreza e marginalidade (Regulamento Interno, 2018). A intervenção realizada no Centro Comunitário possui um caráter de proximidade e participativo, como forma de proporcionar o empoderamento do seu público-alvo (Cáritas Diocesana de Viseu, 2022).

Tendo em conta a nova realidade de necessidades e problemáticas sociais diagnosticadas, o Centro Comunitário tenciona alargar a sua área de intervenção, de modo a abranger mais freguesias com características urbanas, periurbanas e rurais (Cáritas Diocesana de Viseu, 2022).

Passou a denominar-se de Centro Comunitário (CC), por acordo de cooperação com o Instituto de Segurança Social, abrangendo todas as crianças a partir dos 6 anos de idade, fazendo com que o número de crianças a frequentar o espaço aumentasse comparativamente ao número de jovens que diminuiu (Regulamento Interno, 2018). Esta diminuição de jovens deve-se ao facto de outrora ter sido um Centro de Ocupação Juvenil e de Atividades de Tempos Livres (ATL) dividido em faixas etárias. O ATL abrange crianças dos 6 aos 12 anos, sendo desenvolvidas atividades de acompanhamento escolar, desportivas, lúdicas, de informática, de expressão plástica e musical, entre outras. O Centro de Ocupação Juvenil engloba os jovens a partir dos 12 anos, sendo realizadas atividades de caráter pedagógico, cultural e social, com o intuito de minimizar comportamentos desviantes e marginalizantes.

Os objetivos do CC são, segundo o Regulamento Interno (2018), desenvolver atividades dinamizadoras da vida social, educacional, profissional e cultural da comunidade; fomentar a participação das pessoas, famílias e dos grupos; estimular a integração, promoção e desenvolvimento social da população alvo; favorecer a Inter-relação família/Escola/Comunidade e gerar condições para a mudança.

2.2.1. Serviços prestados e atividades desenvolvidas

São realizadas, de acordo com o Regulamento Interno (2018), um conjunto de atividades e serviços que vão ao encontro das necessidades da comunidade, maioritariamente de etnia cigana, bem como de capacidades e competências individualizadas, tais como: atendimento e encaminhamento social; atividades técnico funcionais, animação socio - educativa; animação sócio cultural; dias temáticos; apoio

ao estudo e outras que venham a ser elaboradas no âmbito da ação social (Cáritas Diocesana de Viseu, 2018, 2020).

Para além das atividades anteriormente mencionadas, são também desenvolvidas atividades e intervenções na comunidade nas áreas do apoio social, educação, emprego, saúde, tempos livres, formação profissional, habitação, reinserção social de grupos de risco, entre outras. Todas estas atividades pretendem uma maior autonomização dos indivíduos vulneráveis, na promoção de projetos de vida e inclusão social, apelando sempre à sua participação no próprio processo de mudança (Cáritas Diocesana de Viseu, 2022).

Acrescenta-se, ainda, atividades de terapia ocupacional, apoio psicológico e terapia da fala, destinadas a crianças e jovens, de acordo com as necessidades diagnosticadas, uma vez que são consideradas essenciais para o seu desenvolvimento integral e harmonioso. Esta intervenção tem um caráter de proximidade e participativo, como forma de proporcionar o empoderamento (Cáritas Diocesana de Viseu, 2022).

2.2.2. Espaço físico

No que concerne à organização do espaço interior, contam-se salas polivalentes, onde podem ser realizadas reuniões, *workshops*, ateliês e apoio ao estudo, bem como casas de banho adaptadas e cozinha equipada. São disponibilizadas, também, duas salas destinadas ao atendimento e encaminhamento social, realizado por uma técnica superior de serviço social, uma educadora social e um sociólogo, uma delas com seis computadores para utilização livre.

Relativamente à localização do Bairro Social da Paradinha, este encontra-se na periferia da cidade, apresenta doze lotes e um parque infantil, este completamente danificado. A organização da arquitetura em U dificulta as intervenções e pode potenciar a conflitualidade entre os moradores.

2.2.3. Recursos humanos

O Centro Comunitário possui como recursos humanos uma técnica superior de serviço social, um sociólogo, uma educadora social, duas auxiliares dos serviços gerais e uma professora destacada.

A técnica superior de serviço social tem como funções o atendimento, para informação, esclarecimento e orientação, nomeadamente ao nível dos direitos, deveres

e responsabilidades no exercício da cidadania, assim como acesso aos diferentes serviços e acompanhamento técnico a beneficiários da prestação de Rendimento Social de Inserção. Compete-lhe ainda, a realização de entrevistas e visitas domiciliárias em articulação com a educadora social; a avaliação dos requerimentos e parecer para atribuição da prestação social com finalidade de colmatar situações de carência económica; gestão dos processos familiares; definição e celebração de Contratos de Inserção com os beneficiários; ativação de competências dos indivíduos com vista à integração profissional; promoção da melhoria das qualificações profissionais dos beneficiários; planeamento e organização da intervenção social e integração de beneficiários em programas de ocupação como forma de ativação social e comunitária.

Ao sociólogo compete a coordenação, a par do apoio e acompanhamento aos indivíduos e famílias com diversos problemas sociais. À educadora social compete o planeamento e elaboração de atividades socioculturais e socioeducativas, de forma a reduzir situações e comportamentos marginalizantes e desviantes. Relativamente às auxiliares dos serviços gerais, compete-lhes apoiar a equipa técnica, a higienização dos espaços e garantir o bem-estar das crianças e jovens.

Por fim, a professora destacada tem como função a mediação entre o contexto escolar e o Centro Comunitário, isto é, facilitar a comunicação entre os professores, encarregados de educação e alunos, fornecendo também apoio e acompanhamento no estudo.

2.2.4. Público-alvo e problemáticas

O Centro Comunitário do Bairro Social de Paradinha, dispõe de um público-alvo heterogéneo composto por famílias socialmente desfavorecidas, minorias étnicas, migrantes, ex-reclusos, de todos os grupos etários (crianças, jovens, adultos e pessoas idosas).

Entre as problemáticas contam-se agregados familiares multiproblemáticos que evidenciam carências económicas, desemprego, baixa escolaridade, absentismo escolar, menores em risco, entre outras, que necessitam de intervenção técnica do Centro Comunitário para suprir as suas dificuldades (Caritas Diocesana de Viseu, 2018, 2022).

Relativamente às crianças e jovens de etnia cigana, salienta-se que todos se encontram a frequentar a escola, apesar de persistir grande absentismo escolar, de acordo com as fontes consultadas, devido ao contexto em que se encontram inseridos

e à sua cultura, manifestando comportamentos de risco diversos (vandalismo, violência física, consumo de estupefacientes, entre outros), que põem em causa o seu bem-estar e sua integração social, profissional e educacional, estando mais propensos a situações de pobreza e exclusão social, segundo o que foi possível apurar na fase de diagnóstico do projeto de intervenção que será apresentado adiante.

As baixas qualificações que os jovens e adultos apresentam dificultam a entrada no mercado de trabalho, sendo esta uma problemática que exige intervenção técnica com o propósito de a diminuir, proporcionando-lhes orientação e acesso a serviços. Atualmente, muitos jovens e adultos encontram-se a frequentar formações, referindo que é com o intuito de receberem apoios financeiros e aumentarem os seus níveis de escolaridade, não obstante o desinteresse e desmotivação que demonstram relativamente ao conteúdo das ações, não lhes atribuindo instrumentalidade, quando questionados sobre o assunto. No que concerne ao emprego, há, igualmente, ausência de interesse, segundo o que relataram os jovens, bem como falta de hábitos de trabalho e organização, tornando-os muito dependentes dos apoios prestados pela Segurança Social.

No geral, a população residente no Bairro Social de Paradinha e que frequenta o Centro Comunitário apresenta inúmeras dificuldades no que se refere ao cumprimento de horários, regras, rotinas e obrigações, como veremos adiante na apresentação da intervenção. O facto de a cultura cigana estar em maioria, torna-os um grupo mais coeso, com vantagens claras, mas também dificultando determinadas intervenções com a população e atividades que promovam o desenvolvimento de determinadas competências, entendidas como não necessárias pelo grupo.

O próprio Bairro Social é por si só uma questão problemática, pois o facto de estar isolado da cidade e ser aparentemente um gueto acaba por provocar um grande fechamento/isolamento dos moradores para com o exterior, havendo uma maior privação e falta de recursos tidos como essenciais para o seu bem-estar. Ao longo do contacto estabelecido com os utentes e leitura dos planos individuais de intervenção (PII) percebeu-se que os próprios moradores do bairro manifestam consciência cívica e apontam como aspetos negativos o lixo pela rua, o barulho, os desentendimentos, entre outros. Porém, isso é algo que faz parte da maioria dos hábitos da comunidade e que, por mais que sejam implementados projetos que possam melhorar esses aspetos, parece ser difícil melhorar.

Para concluir, no decorrer do estágio e acompanhamento da dinâmica do Centro Comunitário percebeu-se que apesar de nem sempre se verificar a valorização, por

parte da comunidade civil, do trabalho que é realizado pelos técnicos, o Centro Comunitário tem um papel fundamental na vida destas pessoas, contribuindo para minimizar as suas dificuldades e melhorar as condições de vida, sendo esta resposta reconhecida pelos parceiros da Rede Social como o principal e mais importante suporte a esta comunidade local.

3. Prática do estágio no contexto

No presente capítulo proceder-se-á apresentação da parte prática que se realizou no contexto de estágio, bem como o seu enquadramento e objetivos de intervenção. Posteriormente, explicar-se-á a metodologia, mais concretamente as técnicas de recolha de dados e a apresentação e reflexão dos resultados obtidos ao longo do estágio.

A intervenção realizada no centro comunitário do Bairro Social de Paradinha (Anexo A) direciona-se a famílias socialmente desfavorecidas, minorias étnicas, crianças e jovens em situação de vulnerabilidade, com o intuito de prevenir e minimizar situações de pobreza e marginalização. Assim sendo, pretende-se conhecer e compreender, de forma holística, o público-alvo residente no bairro, isto é, as situações problemáticas das famílias, crianças e jovens, as suas necessidades e potencialidades e, ainda, observar e acompanhar a dinâmica do Centro Comunitário, com o propósito de melhorar a eficácia das intervenções implementadas.

Neste seguimento, a intervenção que se realizou no decorrer do estágio incidiu sobretudo nos jovens com maior probabilidade de se tornarem NEET (*Not in Education, Employment or Training*), tendo esta temática um maior enfoque ao longo do relatório, uma vez que os jovens residentes no Bairro Social de Paradinha, maioritariamente de etnia cigana, encontram-se, de acordo com as fontes consultadas, mais suscetíveis ao abandono escolar precoce, possuem pouca ou nenhuma experiência de trabalho, desmotivação quanto à sua formação profissional, bem como após formações profissionais, se encontram, frequentemente, em risco de não ingressar no mercado de trabalho. Portanto, revela-se pertinente uma intervenção para a prevenção desta problemática, pois apesar de o número de jovens NEET em Portugal ter vindo a diminuir, os baixos níveis de qualificações que advém do abandono escolar precoce, dificultam e até mesmo impossibilitam a inserção no mercado de trabalho, continuando este fenómeno a persistir devido à maior exigência de qualificações, experiências e competências (Eurostat, 2022; Pimentel & Ducharme, 2022; Vieira et al., 2018).

Desta forma, a intervenção para a prevenção deste fenómeno exige a

compreensão da heterogeneidade dos jovens, isto é, a caracterização sociodemográfica, fatores de risco, necessidades específicas de cada jovem, motivações, objetivos de vida e experiências nos sistemas formais (de emprego, educação ou formação), com o intuito de compreender a falta de ligação dos jovens a qualquer sistema formal.

3.1. Diagnóstico

A intervenção realizada contou primeiramente com a elaboração de um diagnóstico social, uma vez que este é essencial no processo de planeamento da intervenção social para o alcance dos objetivos. Assim sendo, o diagnóstico social é o conhecimento de uma determinada realidade, isto é, necessidades, problemas e situações que necessitam de resolução através de técnicas de diagnóstico que permitem atingir o objetivo de estudo, portanto “diagnosticar é conhecer para agir sobre uma (ou várias) situações do problema” (Fialho et. al, 2020, p. 35).

Procedeu-se ao diagnóstico com recurso a diferentes técnicas de recolha de dados que serão apresentadas em próximos pontos do trabalho.

3.2. Planeamento

A planificação é intrínseca à intervenção social, pois “fazer um planeamento é estruturar uma determinada intervenção para que sejam atingidos objetivos de um determinado projeto, ideia ou estratégia” (Fialho et al., p.22). Portanto, após uma vasta pesquisa documental sobre a temática de interesse, levantamento de necessidades e delimitação de objetivos, procedeu-se à definição e calendarização de atividades (Anexo B) a desenvolver durante o Estágio.

3.3. Implementação

Durante o Estágio, implementou-se um projeto de investigação-ação, opção metodológica que nos pareceu adequada atendendo aos objetivos definidos.

A metodologia, de acordo com Coutinho (2018) e Dias (2009), abarca um conjunto de procedimentos, métodos e técnicas que permitem a produção do conhecimento científico de forma racional, coerente e eficaz, sendo a metodologia escolhida de acordo com os objetivos de estudo, com o intuito de alcançar o resultado esperado.

Desta forma, uma vez que se pretende conhecer os jovens do bairro social e compreender o que os leva a uma maior probabilidade de se tornarem NEET, bem como intervir nesse âmbito, a metodologia que mais se adequa à intervenção é a investigação ação, pois o propósito deste tipo de investigação é a resolução de problemas sociais da situação real e melhoria da prática, recorrendo-se a entrevistas, análise de conteúdo, observação participante, escalas, entre outras, promovendo a compreensão de um fenómeno e a mudança social através da ação (Carmo & Ferreira, 1998; Dias, 2009; Fonseca, 2012).

3.3.1. Participantes

No decorrer da intervenção, tal como mencionado anteriormente, a população que se selecionou foram os jovens do Bairro Social de Paradinha na Freguesia de Repeses e São Salvador, em Viseu, com idades compreendidas entre os 17 e os 27 anos que apresentassem uma maior probabilidade de se tornarem NEET. Deste modo, a população, de acordo com Fortin (1999), corresponde a todos os elementos, isto é, pessoas, grupos e objetos, que possuem características comuns tendo em conta os critérios determinados para o estudo.

Numa primeira instância, estabeleceu-se um primeiro contacto com dezanove jovens, pessoalmente e por via telefónica, com o intuito de se perceber se possuíam disponibilidade e interesse em participar na intervenção. Após o contacto constituiu-se uma amostra que, de acordo com Fortin (1999), refere-se a um subconjunto de elementos da população selecionada, de doze jovens sendo dez do sexo masculino e dois do sexo feminino, em que nove desses jovens são de etnia cigana, tendo sido agendadas entrevistas de acordo com a disponibilidade de cada um.

3.3.2. Técnicas e instrumentos de recolha de dados

Uma das técnicas utilizadas foi a entrevista, pois permite-nos “obter um conjunto de informações sobre a sensibilidade, pontos de vista, ideias e sentimentos dos atores sobre a situação ou problema social” (Fialho et al., 2020, p.133). Para além de que esta técnica possibilita o contacto direto com os entrevistados, permitindo uma verdadeira partilha de experiências de forma a obter-se informações mais ricas, profundas e autênticas (Quivy & Campenhoudt, 2008).

Recorreu-se à entrevista semiestruturada, partindo de um guião elaborado de raiz com base na revisão da literatura, sendo composto por três partes: i) uma referente

ao enquadramento da entrevista; ii) outra relativa à caracterização sociodemográfica, bem como educacional, formativa e profissional do jovem e iii) a última parte correspondeu ao encerramento, permitindo acrescentar alguma informação que o jovem considerasse pertinente, relembrando a confidencialidade das respostas fornecidas, tendo a entrevista uma previsão de cinquenta e cinco minutos (Anexo B).

O objetivo da entrevista dirigida aos jovens era traçar o perfil individual, identificar as suas necessidades, compreender os divergentes percursos de vida e experiências vivenciadas, a falta de ligação a qualquer sistema formal (de emprego, educação ou formação), as suas motivações e objetivos de vida (Anexo C). Assim sendo, o guião de entrevista elaborado, continha linguagem simples e adequada ao público-alvo, uma vez que se destinava a jovens com distintos níveis de escolaridade e com possíveis dificuldades na compreensão/interpretação das questões.

Ao longo das atividades planeadas, foi utilizado também como instrumento a observação participante em que, de acordo com Coutinho (2015), o investigador possui um papel ativo, no sentido em que interage com o grupo que observa, mas não é um elemento do grupo, tendo este instrumento como objetivo obter uma perspetiva holística do grupo, uma vez que pretendeu-se compreender, no seu todo, os jovens do Bairro Social de Paradinha (contexto onde se inserem, perfil individual, experiências de vida, motivações e objetivos, havendo um registo diário das situações que ocorriam ao longo da intervenção).

Para além das entrevistas e observação participante, procedeu-se à utilização de questionários por escalas que são instrumentos que possibilitam medir quantitativamente a intensidade de determinada atitude (Dias, 2019). O tipo de escala utilizado foi a de Likert, sendo solicitado a cada participante, o seu grau de concordância de acordo com: 1 – Discordo Completamente, 2 – Discordo, 3 – Não discordo nem concordo, 4 – Concordo e 5 – Concordo Completamente.

3.3.3. Procedimentos de recolha e análise de dados

Procurou-se informar aos jovens, antes da realização das entrevistas, acerca da garantia da confidencialidade e anonimato das informações fornecidas, sendo apenas para fins de investigação e intervenção no âmbito do projeto, tendo todos os jovens aceitado participar e assinado o consentimento informado (Anexo D). De forma a facilitar a recolha de informação, pediu-se autorização a cada jovem para gravar a entrevista em formato de áudio, sendo no caso de aceitação, o registo de áudio através do

telemóvel destruído após a transcrição dos dados, não havendo recusa por parte de nenhum participante (Anexo C e D), tendo as entrevistas decorrido de 24 de fevereiro a 10 de março com uma duração média de vinte e dois minutos.

Finalizadas as entrevistas, procedeu-se à sua transcrição e realizou-se a análise de conteúdo sendo esta uma técnica de investigação que possibilita a realização de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa. Objetiva, no sentido em que deve obedecer a determinadas regras. Sistemática, uma vez que o conteúdo deve ser estruturado em categoriais e, por fim, quantitativa, sendo que pressupõe que haja o cálculo da frequência de menções pelos participantes no estudo (Carmo & Ferreira, 1998).

A análise de conteúdo centrou-se em seis categorias, de acordo com o guião da entrevista, sendo estas: “Caraterização Sociodemográfica”, “Caraterização Pessoal”, “Educação”, “Emprego”, “Formação” e “Opinião”. Para cada categoria, definiram-se subcategorias tendo em conta as respostas dos jovens e o número de frequência de menções (Tabela 1).

Após as entrevistas e análise de conteúdo, planearam-se atividades que fossem ao encontro dos objetivos e necessidades identificadas.

Durante a implementação das atividades foram efetuados os registos de observação e aplicados os questionários (antes e depois da sessão), cujos dados foram alvo de análise estatística descritiva e inferencial (Wilcoxon), com recurso ao SPSS – IBM 28 e assumindo-se um grau de confiança de 95%.

3.3.3.4. Proposta de intervenção

Inicialmente, encontravam-se planeadas seis atividades que tinham como objetivo geral auxiliar a integração profissional, formativa e educacional dos jovens identificados como risco de se tornarem NEET (Anexo B). Três delas tinham como propósito a criação de grupos de interajuda social, uma vez que estes são grupos compostos por pessoas que se encontram nas mesmas circunstâncias, permitindo a partilha de experiências de vida e superação das suas dificuldades (Cáritas Portuguesa, 2012), intitulando-se estas de “Caixa das Partilhas”, “O que me vejo a fazer no Futuro?” e “O tapete dos Sentimentos” que se realizariam uma ou duas vezes por semana, numa sessão com duração média de uma hora e cinquenta minutos (Anexo B). As restantes três atividades tinham como objetivo incentivar e desenvolver competências de procura ativa de emprego.

No que se refere à primeira atividade, intitulada de “Caixa das Partilhas”, solicitou-se aos jovens que escrevessem num *post-ít* um medo ou insegurança e o inserissem, anonimamente, numa caixa, para que depois fossem partilhados com todos os elementos do grupo e debatidas soluções para o problema em questão; num outro *post-ít* os jovens deveriam identificar uma certeza, conquista ou desejo para partilhar com o grupo. Esta atividade tinha como objetivo promover a reflexão, motivação, entreajuda e ainda entender experiências vivenciadas, medos, inseguranças, entre outros constrangimentos (Anexo B).

Relativamente à segunda atividade, “O que me vejo a fazer no futuro?”, pediu-se aos jovens que escrevessem, num *post-ít* três, características positivas e negativas que possam influenciar o percurso profissional, educacional ou formativo e, noutro *post-ít*, o que gostariam de fazer ao nível profissional, escolar ou formativo. Posteriormente, realizou-se um debate entre os elementos e reflexão sobre a informação recolhida, tendo esta atividade como propósito a compreensão de objetivos de vida dos jovens, potencialidades, áreas de interesse, motivo por não enveredarem nas áreas de interesse, bem como promover o pensamento crítico (Anexo B).

Quanto à terceira atividade, o “Tapete dos sentimentos”, pretendia-se a elaboração de uma plataforma de tecido composta por círculos de diversas cores com um sentimento atribuído a cada cor, com o objetivo de promover a entreajuda, criatividade, partilha de sentimentos, experiências de vida relacionadas com os sistemas formais e compreensão, auxiliando na promoção da motivação, superação de determinadas situações e perceção de que não são os únicos a ter determinados sentimentos (Anexo B). Pretendia-se que as sessões de grupos de entreajuda social fossem compostas por dez minutos de apresentação dos participantes e estagiária, cinquenta minutos de partilha sobre o que fizeram de bom e de novo desde a última sessão, vinte e cinco minutos de debate, vinte e cinco minutos de avaliação breve por cada membro, para que pudessem partilhar o que mais e menos gostaram e o que pode ser melhorado. Por fim, a despedida, em que seriam mencionadas duas considerações positivas, recordadas as datas/horas das próximas sessões e o tema, para além de ser questionado se algum participante tinha alguma dúvida para esclarecer.

Pretendia-se, na quarta atividade, a preparação para entrevistas de emprego, entre outras tarefas de procura ativa de emprego, tais como, a criação do *curriculum vitae* e carta de apresentação, entre outras. Esta atividade seria realizada em grupos que teriam de comparecer em dias divergentes, cinco jovens num dia e seis noutro dia, em duas sessões de uma hora, duas vezes por semana (Anexo B).

Na quinta atividade, pretendeu-se a realização de sessões com profissionais que proporcionassem aos jovens, acesso a informações profissionais, educacionais e formativas, como, por exemplo, o Instituto do Emprego e Formação Profissional. O objetivo era dar-lhes conhecimento de estratégias para procura de emprego, formação ou educação, desenvolver competências e incentivar a procura de áreas de interesse. Planearam-se duas sessões de uma hora, uma vez por semana (Anexo B).

Por fim, na última atividade, inicialmente planeada em duas sessões com duração média de uma hora uma vez por semana, pretendeu-se encontrar profissionais que pudessem partilhar as suas experiências ao nível de emprego, educação ou formação, nas áreas de interesse identificadas nas entrevistas realizadas aos jovens, tendo por finalidade a motivação para a procura e ingresso dos jovens nos sistemas formais (Anexo B).

Salienta-se que se solicitou a cada jovem o preenchimento de questionários com escala de Likert, pré e pós intervenção, adequados a cada uma das atividades planificadas (Anexo E, F, G, H, I, J) com diferentes afirmações para que colocassem: 1 – Discordo Completamente, 2 – Discordo, 3 – Não discordo nem concordo, 4 – Concordo, 5 – Concordo Completamente, no início de cada atividade e após todas as atividades serem realizadas (Anexo B).

3.4. Avaliação

3.4.1. Apresentação dos resultados das entrevistas

Finalizadas as entrevistas, procedeu-se à realização da análise de conteúdo, sendo identificadas seis categorias com base no guião da entrevista, designadas por: “Caraterização sociodemográfica”, “Caraterização Pessoal”, “Educação”, “Emprego”, “Formação” e “Opinião”, e respetivas subcategorias mais representadas (Tabela 1), obtidas através da síntese dos resultados e excertos das entrevistas (Anexo K).

Não obstante, ao longo da apresentação dos resultados, os excertos das entrevistas serão mencionados como: P1 (Participante número um), P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8, P9, P10, P11 e P12 (Anexo K).

Tabela 1*Tabela de análise de conteúdo das entrevistas*

Categorias	Subcategorias	Frequência das Menções
Caraterização Sociodemográfica	Solteiro	12
	9º ano de escolaridade	6
	Sem filhos	9
	Com filhos	3
	Reside com os pais	10
	Nasceu em Viseu	10
Caraterização Pessoal	Dificuldades na identificação de aspetos positivos e negativos	12
	Carateriza-se como amigo	5
	Considera-se teimoso	6
	Dificuldades em identificar as atividades que mais e menos gostam	12
	Gosta de fazer um pouco de tudo	3
	Gosta de estar com os amigos	5
	Dificuldade em caraterizar-se em apenas 1 palavra	12
	Carateriza-se como “Humilde”	3
	Limitada perceção do seu maior sonho	12
Educação	Desagrado perante a escola	8
	Gosta apenas de estar com os amigos	9
	Abandono do sistema de ensino aos 17 e 18 anos	9
	Interesse em enveredar para a universidade	2
	Não regressaria ao sistema de ensino	9
	Não gosta de estudar, ler e escrever	7
Emprego	Possui experiência no mercado de trabalho	8
	Apresenta gosto pelo mercado de trabalho	4
	Não se encontra no trabalho que gosta	4
	Trabalha por necessidade e obrigação	4
	Emigraram para França	5
	Frequenta trabalhos temporários	5
	Não gosta de trabalhar	4
	Considera o trabalho duro e exigente	2
	Sente que o trabalho proporciona motivação e aprendizagem	3
	Tem como motivação o ordenado	3
	Encontra-se desempregado	10
	Procuram emprego	7
	Encontra-se inscrito no centro de emprego	8
Formação	Encontra-se em formação	6
	Experiência positiva nas formações	8
	Sente mais apoio na formação do que na escola	4
	Realiza formações devido a ganhar dinheiro	6
	Gostam da convivência	6

Opinião		
	Falta de objetivos e motivação	12
	Interesse por futebol	4
	Interesse por carros e mecânica	5
	Não se encontra na área de interesse devido às baixas qualificações	3
	Não se encontra a trabalhar “devido ao Rendimento Social de Inserção”	8
	O nascimento de um filho dificulta na concretização de objetivos	1
	Pretende arranjar trabalho	3
	Questiona o que teriam concretizado se tivessem continuado a estudar	2
	Não possui apoio familiar	1
	Possui apoio familiar	10
	Condição económica condiciona na concretização dos objetivos	2
	Conhecimento do Centro de Emprego	7
	Viver num Bairro Social condiciona a integração nos sistemas formais	10
	Cultura cigana vista como um entrave ao alcance dos seus objetivos	8

Como se pode verificar na Tabela 1, na categoria da caracterização sociodemográfica, as subcategorias que obtiveram um maior número de menções, foram: solteiro (12), reside com os pais (10) e nasceu em Viseu (10); por sua vez, a menos mencionada relacionou-se com os jovens que têm filhos (3).

Relativamente à categoria da caracterização pessoal, denota-se que as subcategorias com número de menções idênticas (12), referem-se a dificuldades na identificação de aspetos positivos e negativos, tendo, no entanto, uma maior facilidade na identificação de aspetos positivos do que negativos; dificuldades em identificar as atividades que mais e menos gostam; dificuldades em caracterizar-se em apenas uma palavra e, ainda, uma limitada perceção do seu maior sonho, sendo por vezes irrealistas quanto aos sonhos e objetivos, como é o caso de P2 “um sonho mesmo era ser rico, se fosse rico comprava um estádio”(Anexo K). No que concerne às subcategorias menos mencionadas, apenas referidas por 3 jovens, foram o gostar de fazer um pouco de tudo e o caracterizar-se como humilde.

Quanto à categoria educação, destacam-se como respostas com o mesmo número de menções (9): não regressaria ao sistema de ensino, gostar apenas de estar com os amigos e o abandono do sistema de ensino aos 17 e 18 anos. Por outro lado, a subcategoria que se refere ao interesse em enveredar para a universidade foi a menos mencionada (2).

Na categoria emprego, as subcategorias com maior expressão foram: encontrar-se desempregado (10) e possuir experiência no mercado de trabalho (8), enquanto as que apresentaram menor número de menções apontavam para o facto de os jovens considerarem o trabalho duro e exigente (2), tal como referido por P10 “não gosto de trabalhar (...) pagam muito pouco, exigem muito de uma pessoa” (Anexo K); sentirem que o trabalho proporciona motivação e aprendizagem (3), sendo a maior motivação dos jovens o ordenado (3), como o exemplo de P1 “o trabalho que eu estou agora não é o que eu gosto, dói-me muito as costas, mas vou ser sincero eu vou porque gosto de trabalhar e receber o meu, senão não ia” (Anexo K).

No que se refere à categoria da formação, a subcategoria mencionada mais vezes relaciona-se com a experiência positiva nas formações (8) e a subcategoria com menor expressão relaciona-se com o sentimento de maior apoio na formação do que na escola (4). Nota-se, com isto, que os jovens do Bairro Social de Paradinha têm uma maior preferência pelas formações do que pelo sistema educacional, tal como referido, por exemplo, por P7 “gosto porque também não é bem aquela rigidez como se tem nas outras escolas (...) ajudam-nos um bocado e dão-nos uns testes e um manual e uma pessoa sempre vai vendo” e por P8 “é mais fácil não tem nada a ver com uma escola normal, lá é coisas mais básicas está a perceber? Não é tão rigoroso” (Anexo K). No entanto, os jovens demonstram maior interesse pelas formações, não apenas pelo maior apoio sentido, mas também por receberem dinheiro com a sua realização, sendo algo mencionado por seis jovens, tendo um deles (P10) referido “pagavam bem (...) para mim é bom, ganhamos uma média de 300/350€”.

Por fim, destaca-se, na última categoria relativa a outras opiniões dos jovens, com maior número de menções, a falta de objetivos e motivação (12), como visível em P9 “eu acho que não sou mecânico porque também não me esforço para isso”; possuir apoio familiar (10) e o facto de viverem num bairro social que acaba por condicionar a integração nos sistemas formais (10), tal como mencionado por P2 “nós crescemos num bairro e estamos habituados ao bairro (...) nós aqui temos uma maneira diferente de viver a vida” e por P8 “tentei me inscrever na DHL e isso de empresas e essas coisitas a ver... assim essas empresas que uma pessoa não está mesmo no mercado de trabalho está mais à vontade e isso, mas não me aceitaram porque viram que eu era do Bairro Social de Paradinha” (Anexo K). Ainda relativamente a esta categoria, as subcategorias que apresentam menor número de menções são o nascimento de um filho que dificulta na concretização de objetivos (1), não possuir apoio familiar (1), o questionamento acerca do que teriam concretizado se tivessem continuado a estudar

(2) e, por fim, a condição económica que condiciona na concretização dos objetivos (2).

Com esta avaliação foi possível traçar um perfil destes jovens e compreender eventuais razões para se tornarem NEET.

3.4.2. Apresentação dos resultados das atividades desenvolvidas ao longo do estágio

As atividades encontravam-se divididas de acordo com os objetivos de intervenção delineados inicialmente. Neste sentido, planeou-se um total de onze sessões, dadas as características do público-alvo, apenas foram realizadas cinco, com duração entre quarenta minutos e uma hora.

Tal como referido anteriormente, das cinco atividades realizadas, três (“caixa das partilhas”, “o que me vejo a fazer no futuro?” e o “tapete dos sentimentos”) foram de grupos de interajuda social e duas de preparação dos jovens para entrevista de emprego (entre outras tarefas de procura ativa de emprego, acesso a informações profissionais educacionais e formativas) e de partilha de experiências de profissionais ao nível de emprego, educação ou formação (Anexo B).

Lembramos que, no início de cada sessão, os jovens preenchiam questionário com itens em escala de Likert, adequados a cada atividade e que fossem ao encontro dos objetivos planificados. Após a realização de todas as atividades, os jovens tiveram de preencher novamente os instrumentos, com o intuito de perceber resultados após a intervenção.

Acrescenta-se que todas as atividades, explicadas em seguida de forma pormenorizada, contaram com a presença dos técnicos do Centro Comunitário, com o intuito de proporcionar auxílio nas dinâmicas, facilitar a comunicação com o público-alvo e partilhar contributos relevantes durante a intervenção.

3.4.2.1. Atividade 1: “Caixa das partilhas”

No dia 6 de abril, foi realizada uma sessão, tendo sido proporcionado a cada jovem um *post-it* roxo para que nele pudessem escrever um medo ou uma insegurança no âmbito da escola, trabalho ou formação. Posteriormente, foi-lhes dado um *post-it* amarelo para que colocassem uma certeza, conquista ou desejo (Anexo L).

Todos os *post-it* foram dobrados e colocados numa caixa anonimamente. De seguida, abriram-se os *post-it* e debateram-se em grupo, com o propósito de se conhecerem melhor uns aos outros e para que, em conjunto, encontrassem soluções para os medos ou inseguranças identificadas.

No que concerne às certezas, conquistas ou desejos mencionados pelos jovens, o objetivo era que pudessem, através da partilha, motivar-se uns aos outros, como por exemplo, o falar sobre uma experiência de conquista, nomeadamente, o trabalho, poderá levar os outros a refletir sobre isso e a desejar alcançar o mesmo.

Como medos ou inseguranças foram mencionados pelos jovens: o Covid-19; morrer; não ter sido bem aceite no trabalho “por ser cigano”; não conseguir dar o seu melhor; falta de realização e o sentimento de possuir algumas incertezas no dia a dia.

Os jovens que compareceram na atividade foram participativos, mencionando inúmeras soluções para os mais diversos problemas, medos ou inseguranças identificadas. No caso do medo provocado pelas incertezas que sentem no dia a dia, deram como soluções a importância do aumento de confiança própria; a procura de alguém que os ajude e clarifique as coisas, para que não haja tantas incertezas, o cumprir com os deveres do local de trabalho, escola ou formação e não desistir de procurar oportunidades melhores. O Covid-19 foi mencionado por vários jovens, pois foi um momento em que se sentiram com muito medo, aprisionados por não poderem sair de casa, havendo um constante sentimento de insegurança, privação da família e amigos, para além do facto de muitos terem ficado sem trabalho também lhes ter causado receio e incerteza para o futuro. Relativamente à falta de realização, partilharam como solução o aumento da motivação através da realização de um trabalho que gostem realmente. No que se refere ao medo de não conseguir dar o melhor, as soluções encontradas em conjunto foram o tentar, independentemente dos obstáculos que possam surgir, dar sempre o seu melhor; mudar na próxima vez para não cometerem o mesmo erro; tentar de novo; terem mais confiança no que se faz e, acima de tudo, não desistir só porque está difícil. As soluções encontradas em conjunto, no que se refere ao medo de não ser aceite no trabalho por ser de etnia cigana, foram a importância do trabalho junto da comunidade em geral e diminuição do preconceito, isto é, trabalhar a sociedade e dar a conhecer a cultura aos outros. Por último, no que se refere ao medo de morrer, foi mencionado como solução o aproveitar ao máximo a vida com qualidade e o aceitar que faz parte da vida, pois é um ciclo.

Por outro lado, como certezas, conquistas ou desejos, foram mencionados pelos jovens o desejo de ser juiz, ter um *stand* de carros, um trabalho em que ganhe muito

dinheiro, mudar a vida das pessoas por quem passam e o desejo de mudança. Como conquistas, mencionaram a realização de objetivos e o ter estado na sala ENA (Energia para um Novo Amanhã), no âmbito da escola.

Para o desejo de ser juiz, em grupo, chegaram à conclusão de que, para realizá-lo, é importante estudar e, principalmente, acreditar que conseguem alcançar esse objetivo. No entanto, pôde perceber-se que o jovem que possui este desejo acreditava que ser juiz é fácil, sendo apenas necessário dar sentenças «; em conjunto, percebeu que vai muito para além disso e que para exercer essa profissão é necessário estudar muito. Para o desejo de ter um *stand* de carros e um trabalho em que se ganhe bem, foram mencionadas como soluções o não desistir e o não parar de procurar oportunidades. Quanto ao desejo de mudança, os jovens referiam-se à mudança de bairro, pois não gostam de estar associados a um Bairro Social, uma vez que proporciona preconceito. No que toca à realização de objetivos, foi mencionada pelo grupo a importância de ter objetivos porque, caso contrário, não há felicidade, uma vez que são eles que movem uma pessoa a fazer aquilo que realmente gosta. Quanto ao desejo de mudar a vida das pessoas por quem passam, tendo sido alvo de um grande debate, os jovens referiram que todos têm uma segunda oportunidade e que se deve fazer sempre o bem aos outros, pois quem faz o bem recebe-o também, e que errar é humano, mas que nunca se deve estragar a nossa própria vida pelo outro. Por fim, foi mencionado como conquista, ter participado no projeto de sala ENA que se direciona a crianças e jovens com necessidades educativas especiais e em risco de exclusão escolar e social, pois tendo em conta a diferente abordagem conseguiu cativar e motivar quem referiu essa mesma conquista.

Ao longo da atividade, surgiram diversas dificuldades, como a pontualidade, chegando a atingir duas horas de atraso. Os doze jovens, quando contactados no dia anterior à atividade e no próprio dia, comprometeram-se a comparecer; no entanto, somente cinco apareceram, o que demonstra dificuldades no cumprimento de horários e desmotivação para participar na atividade. No final da sessão, os jovens mencionaram o seu agrado e a importância deste tipo de dinâmica e partilha de experiências, porém, apenas se cumpriram quarenta e cinco minutos da hora e cinquenta prevista, pois os jovens perdem o foco muito facilmente e ficam entediados rapidamente.

3.4.2.2. Atividade 2: “O que me vejo a fazer no futuro?”

A cada participante, tendo a atividade decorrido no dia 12 de abril, deu-se um *post-it* com o intuito de escreverem 3 características positivas e negativas, vistas como influenciadoras do seu percurso a nível profissional, educacional ou formativo. Posteriormente, juntou-se toda a informação recolhida num quadro feito em cartolina dividido em três colunas (o que se veem a fazer no futuro, as características positivas e as negativas), tendo-se promovido uma discussão entre os elementos, de forma a relacionar toda a informação recolhida (Anexo M).

Ao longo da discussão, no que se refere ao que se veem a fazer no futuro, foram apresentados pelos jovens: a vontade do querer trabalhar em qualquer área desde que se receba bem, ser juiz sem ser preciso tirar um curso, não querer fazer nada, continuar a sonhar, ser mecânico e, por fim, ser engenheiro informático.

Quanto às características que possam influenciar o percurso profissional, educacional ou formativo, foram identificadas pelos jovens como características positivas o ser persistente, criativo, confiante, brincalhão, simpático, apoiar os amigos, inteligente, capacitado, gentil, tranquilo, colaborante, curiosidade em conhecer o mundo e lindo. Como características negativas, identificaram ser preguiçoso, teimoso, apressado e conflituoso. Com isto, denota-se que estes jovens possuem uma maior facilidade na identificação de aspetos positivos do que negativos.

Quando se pediu aos jovens que referissem como uma determinada característica, tal como o ser conflituoso, poderia influenciar o seu percurso profissional, mencionaram que, no local de trabalho, isto deveria ser evitado, porque provoca mau ambiente e a perda de confiança dos colegas de trabalho. Isto demonstra consciência por parte dos jovens no que se refere à forma como se devem comportar no mercado de trabalho.

No entanto, os jovens demonstraram desinteresse em participar na atividade, permanecendo muitas vezes em silêncio. Portanto, como forma de os tornar mais participativos, realizaram-se questões como: “como vês o futuro?” e “se tivessem a oportunidade de fazer um trabalho durante apenas um mês, qual seria?”. Em resposta à questão “como vês o futuro?”, os jovens mencionaram que o veem cada vez pior, pois há constantes notícias negativas, os preços estão cada vez mais elevados, os ordenados são muito baixos, o que proporciona medo e incerteza para o futuro. Apesar desse medo e incerteza, os jovens demonstraram noção de que se devem “fazer à vida” para poder ser alguém. Por fim, relativamente à questão “se tivessem a oportunidade

de fazer um trabalho durante apenas um mês qual seria?”, os jovens demonstram-se pouco exigentes e, por vezes, irrealistas, quanto àquilo que gostavam de fazer, obtendo-se como respostas o servir às mesas, ser tatuador, juiz sem ter de estudar e ser dono da Tesla.

A atividade decorreu por aproximadamente trinta e cinco minutos, pois houve muito pouca adesão por parte dos jovens (cinco jovens), sendo um constrangimento no que se refere à partilha para com os elementos do grupo, para além de desinteresse e desmotivação nos presentes, mexendo constantemente no telemóvel ou criando conflitos entre os membros. Não foram pontuais, pois chegaram ao Centro Comunitário duas horas depois da hora prevista, apesar de realizado um contacto com antecedência e no próprio dia. No final da dinâmica, dois dos jovens falaram com a investigadora demonstrando a importância deste tipo de atividade, por ser enriquecedora na partilha de experiências e diferentes perspetivas e o facto de poderem ser sinceros uns com os outros.

3.4.2.3. Atividade 3: “Tapete dos sentimentos”

Num lençol branco, foram desenhados e pintados círculos coloridos em que cada cor contém uma emoção atribuída. Realizou-se ainda, um dado com as cores dos círculos pintados no lençol para que o pudessem atirar. Depois de o participante atirar o dado, terá de lembrar um momento que lhe tenha proporcionado um sentimento, de acordo com a cor que lhe calhou no dado, e colocar um membro do corpo no círculo dessa mesma cor, encontrando-se atribuído a cada cor um membro e um sentimento (Anexo N):

- Amarelo (Alegria, aceitação, apreciação, afeto, otimismo e sabedoria – Mão direita);
- Roxo (Tristeza, arrependimento e saudade – Pé esquerdo);
- Vermelho (Raiva, negação, preocupação, fúria, perigo, guerra, violência – Mão esquerda);
- Preto (Medo, solidão, luto e melancolia – Joelho direito);
- Multicolor (Confusão, incerteza e receio – Pé direito);
- Verde (Calma, esperança, nostalgia, confiança, lealdade e orgulho – Joelho esquerdo).

A atividade ocorreu no dia 12 de maio e no geral correu bem, os jovens que compareceram foram participativos e demonstraram interesse na realização da

atividade, sendo um momento marcado por grandes gargalhadas. Todavia, alguns jovens demonstraram dificuldade na partilha de momentos e emoções sentidas, enquanto outros demonstraram uma grande facilidade em partilhar com os elementos do grupo. Contudo, denota-se também a dificuldade em expor momentos relacionados com a escola, trabalho ou formação (que foi o pedido feito na explicação da atividade), focando-se mais em aspetos pessoais, pois na emoção referente à alegria, mencionaram o nascimento de uma filha ou o tirar a carta de condução, ou seja, em momento algum direcionaram, por exemplo, para a conquista do alcance do 9º ou 12º anos, ou conseguir um emprego ao encontro daquilo que realmente gostam. Quando calhou aos jovens a emoção relacionada com a tristeza ou saudade, acabaram por focar-se no falecimento de algum familiar, quando poderiam ter mencionado um momento a nível da escola como, por exemplo, a saudade de estar com os amigos na escola ou relativamente ao emprego, como o não ser bem aceite pelos colegas (relembramos que foi pedido ao grupo foco nas áreas da educação, formação e emprego).

Deste modo, embora se tenha tentado que os jovens não desviassem o assunto e se centrassem em momentos relacionados com a escola, trabalho ou formação, estes redirecionavam-se frequentemente para momentos de cariz pessoal.

Nesta atividade compareceram seis jovens uma hora depois do horário estipulado e após dois reagendamentos por não comparência. A falta de assiduidade dificultou a intervenção com este público-alvo e o cumprimento do plano de estágio.

No final da atividade, uma vez que os doze jovens não tinham comparecido a todas as atividades, com as quais se comprometeram inicialmente, teve-se uma conversa com todos para perceber se queriam realmente fazer parte do projeto e fazê-los compreender que, a partir do momento em que se comprometem, têm de cumprir. Salientou-se que, por vezes, compareciam, assídua e pontualmente, apenas dois jovens, que tinham de aguardar que os outros chegassem, para se poder iniciar a atividade de grupo, levando-os a aborrecer-se e até a abandonar, não voltando a comparecer nas atividades.

3.4.2.4. Atividade 4: Partilha de experiências de profissionais

Para a realização desta atividade, pretendeu-se contactar profissionais que pudessem partilhar com os jovens a sua experiência ao nível de emprego, educação ou formação, nas áreas de interesse identificadas nas entrevistas realizadas aos jovens,

isto é, explicar um pouco de todo o processo até ao alcance dos objetivos, como forma de os motivar a ingressar em sistemas formais e a traçar objetivos alcançáveis (Anexo O).

Neste sentido, foi identificado, nas entrevistas iniciais, o desejo em ser mecânico, futebolista, em ter um *stand* de carros, ser chefe de cozinha, empregado de mesa e técnico de informática. No início, entrou-se em contacto com diversos técnicos das áreas de interesse, que se demonstraram disponíveis para dar o seu contributo. No entanto, devido ao facto de os jovens não serem cumpridores com os horários, emergiu uma constante necessidade de alteração das datas da atividade (o ideal seria dois profissionais num dia e dois noutro dia), que dificultou a intervenção, por incompatibilidade dos horários dos jovens com o dos profissionais.

O contacto estabelecido com os profissionais não foi fácil, pois alguns não quiseram dar os seus contributos, devido ao receio acerca do Bairro Social de Paradinha. Posto isto, compareceram apenas dois profissionais, um de mecânica e outro de hotelaria, e explicaram todo o seu percurso até chegarem às suas áreas. Apesar de estarem presentes apenas dois profissionais, os jovens demonstraram-se extremamente interessados, tendo realizado diversas questões, podendo perceber-se um maior interesse pelo profissional de mecânica e pelo facto de este ter como passatempo participar em *rally*. Os jovens questionaram sobre o que tinham de fazer para ser mecânicos e até mesmo como poderiam entrar no *rally*.

A atividade realizou-se dia 19 de maio, tendo comparecido cinco jovens uma hora depois da hora prevista, após intervenção do mediador de etnia cigana, que foi, juntamente com a investigadora, a casa dos jovens chamá-los para a atividade.

3.4.2.5. Atividade 5: Preparação para entrevistas de emprego e outras tarefas de procura ativa de emprego

A atividade decorreu juntamente com uma assistente social de formação, técnica de um grupo de mediadores municipais interculturais do município de Viseu que tem como destinatários comunidades ciganas e migrantes e exerce mediação entre a escola, alunos e família e, ainda, uma técnica de educação social do Centro Comunitário (Anexo P).

Realizou-se primeiramente um momento de apresentação dos jovens, isto é, o seu nome, se estudam, o ano de escolaridade que possuem e a profissão que gostariam de ter no futuro. Seguiu-se a apresentação de várias opções para que pudessem, no

caso de interesse, prosseguir os estudos como, por exemplo, através do programa Qualifica, ficando com conhecimento do que devem fazer ou onde se dirigir.

Posteriormente, procurou-se informar acerca do que os jovens devem fazer após terminarem uma formação, mais concretamente, inscrever-se ou atualizar a inscrição no Instituto do Emprego e Formação Profissional, ver diariamente os anúncios de emprego, responder a anúncios, realizar candidaturas espontâneas, elaborar uma carta de apresentação, fazer um currículo e preparar-se para uma entrevista de emprego. Elaborou-se um exemplo de uma carta de apresentação e currículo, através de modelos predefinidos. Relativamente à carta de apresentação, os jovens demonstraram conhecimento acerca da mesma, tendo-se reforçado que esta deve ser clara, direta e sucinta, e aquilo que deve englobar. Apenas dois jovens mencionaram já ter feito uma. Quanto ao currículo, os jovens participantes mencionaram que já tinham realizado um, optando-se por questionar sobre o que eles consideram que um currículo deve conter, tendo sido mencionado que deve conter os dados pessoais como nome, idade, morada, entre outros, uma fotografia, percurso escolar e profissional.

Infelizmente, não houve oportunidade de realizar uma preparação para as entrevistas, devido às sucessivas alterações das datas das atividades que, tal como mencionado nas atividades anteriores, prejudicou o cumprimento do plano de estágio, tendo sido apenas abordada a importância de uma entrevista de emprego. Os jovens referiram que, numa entrevista, é fundamental saber estar e ter uma boa postura, pois a entrada no mercado de trabalho depende muito da primeira impressão e comunicação. Segundo eles, o facto de “serem ciganos” faz com que muitas vezes nem lhes seja dada a oportunidade de demonstrar as suas capacidades no mercado de trabalho, acabando por permanecer desempregados.

Assim sendo, realizou-se, ainda com os jovens, uma conversa sobre oportunidades de qualificação e emprego, mostrando-se panfletos do Instituto de Emprego e Formação Profissional, tendo dois jovens demonstrado grande interesse na realização de uma formação em mecânica, e um outro num curso do programa Qualifica, para aumentar a escolaridade.

Alguns jovens manifestaram noção sobre a importância de ter o 12º ano para ter mais oportunidades de emprego e o quão fulcral é investir em si próprios, para alcançar os seus objetivos e sentirem-se realizados. Outros possuem grande interesse em trabalhar, no entanto, têm medo de ser rejeitados e acomodam-se a determinados trabalhos que não são do seu agrado para ganhar dinheiro. Para além disto, tal como mencionado pelos jovens, a maior parte reside com os pais, pois se quiserem sair e

tornar-se independentes, o Rendimento Social de Inserção é-lhes cortado e, como forma de evitar que isso aconteça, permanecem com os pais.

A atividade realizou-se dia 29 de maio, contando com a presença de sete jovens. No entanto, os jovens não foram pontuais, tendo alguns comparecido trinta minutos depois da hora prevista.

No decorrer da atividade, os jovens apresentaram grandes dificuldades em permanecer na atividade, perdendo rapidamente o interesse, tendo alguns saído antes do final, pois alguns deles não possuem quaisquer objetivos, nem pretendem fazer nada; encontram-se em formações que são escolhidas ao acaso apenas “para ganhar dinheiro”, segundo o que referem.

3.4.3. Apresentação dos resultados dos questionários

Os questionários foram utilizados em momento pré e pós intervenção, sendo aplicados um no início de cada atividade e no final da realização de todas as sessões, com o propósito de se perceber se as atividades propostas foram eficazes (Anexo E, F, G, H, I, J).

No que se refere à análise descritiva, inseriram-se as respostas pré e pós intervenção dos jovens e procedeu-se à análise de dados, nomeadamente, média, desvio-padrão, mínimo e máximo, tal como é possível verificar nas Tabelas 2, 3, 4, 5, 6 e 7, de forma a facilitar uma comparação entre as respostas facultadas pelos jovens, nas diversas atividades implementadas.

Observa-se, na Tabela 2, que estiveram presentes na atividade intitulada de “Caixa das partilhas” cinco jovens (N=5), tendo todos preenchido os instrumentos pré e pós intervenção. Relativamente à média, verifica-se na Tabela 2 e Figura 1 que as afirmações que possuem uma média mais elevada, são “sei respeitar os outros independentemente das diferenças” com uma média de 4.80 para 5.00, seguindo-se da afirmação “sou responsável por assumir os meus erros” passando de 4.40 para 4.60, apresentando um ligeiro aumento da pré para a pós intervenção que de acordo com os níveis de concordância estabelecidos nas escalas de Likert, significa que os jovens concordam com essas afirmações. Este aumento demonstra que a atividade, uma vez que era de grupos de interajuda social e permitia a partilha entre os membros do grupo, auxiliou os jovens a respeitar mais os outros nas suas partilhas de vivências e opiniões divergentes, para além de que os fez refletir um pouco acerca de que os seus atos têm consequências para os outros e para si próprios.

Observa-se ainda na Figura 1 que a afirmação "sinto-me confortável ao partilhar o que sinto" destaca-se, pois do momento pré para pós intervenção, a média passou de 3.00 para 4.20, revelando-se um aumento positivo, visto que inicialmente demonstravam-se desconfortáveis na partilha de sentimentos. Por sua vez, a afirmação "faço coisas que sei que estão erradas" presente na Tabela 2 e Figura 1, possui uma média mais baixa, observando-se uma diminuição significativa do momento pré intervenção para o pós intervenção de 3.60 para 2.40, sendo esta diminuição, igualmente, positiva, pois de acordo com a escala de Likert revela que os jovens passaram de um "não discordo nem concordo" para um "discordo", isto demonstra que alcançaram uma maior consciência relativamente à forma como agem e, principalmente, que pensam antes de agir.

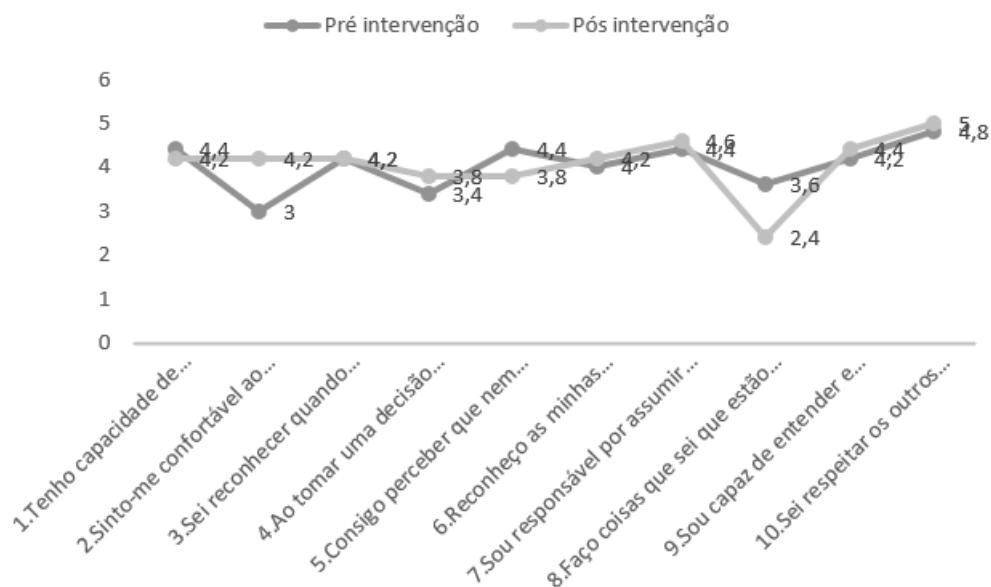
Tabela 2

Questionário pré e pós intervenção (média, desvio-padrão, mínimo e máximo) - Atividade "Caixa das Partilhas"

	Pré intervenção					Pós intervenção				
	<i>N</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min.</i>	<i>Máx.</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min.</i>	<i>Máx.</i>	
1.Tenho capacidade de encontrar soluções perante os problemas.	5	4.40	.55	4	5	4.20	.84	3	5	
2.Sinto-me confortável ao partilhar o que sinto	5	3.00	1.00	2	4	4.20	1.30	2	5	
3.Sei reconhecer quando alguém precisa de ajuda.	5	4.20	.84	3	5	4.20	.84	3	5	
4.Ao tomar uma decisão consigo pensar nas possíveis consequências.	5	3.40	1.14	2	5	3.80	1.10	2	5	
5.Consigo perceber que nem sempre as minhas ideias podem ser aceites pelos outros.	5	4.40	1.34	2	5	3.80	1.30	2	5	
6.Reconheço as minhas qualidades e defeitos.	5	4.00	1.22	2	5	4.20	.84	3	5	
7.Sou responsável por assumir os meus erros.	5	4.40	.89	3	5	4.60	.55	4	5	
8.Faço coisas que sei que estão erradas.	5	3.60	1.67	1	5	2.40	1.52	1	4	
9.Sou capaz de entender e respeitar as opiniões dos outros.	5	4.20	1.79	1	5	4.40	1.34	2	5	
10.Sei respeitar os outros independentemente das diferenças.	5	4.80	.45	4	5	5.00	.00	5	5	

Figura 1

Médias das respostas dos participantes na atividade “Caixa das Partilhas” pré e pós intervenção



No que concerne à Tabela 3 e Figura 2, verifica-se que a afirmação “sou capaz de lutar pelos meus objetivos” possui uma média, tanto no momento pré como pós intervenção, idêntica, de 4.20, o que significa que após a intervenção os jovens permaneceram, de acordo com a escala no “concordo”, o que revela que quando se sentem motivados conseguem lutar pelos seus objetivos, mas necessitam de apoio nesse aspeto, pois alguns deles ao longo da intervenção não demonstravam objetivos e motivação suficiente para a realização dos mesmos. A afirmação “consigo planear e implementar objetivos para o meu futuro” demonstra um aumento positivo, uma vez que a média passou de 4.00 para 4.40, estando, de acordo com o nível de concordância das escalas, no “concordo”. Deste modo, percebe-se que a intervenção realizada os ajudou no facto de se sentirem mais preparados para o futuro e no delineamento de objetivos futuros.

Tabela 3

Questionário pré e pós intervenção (média, desvio-padrão, mínimo e máximo) - Atividade “O que me vejo a fazer no futuro?”

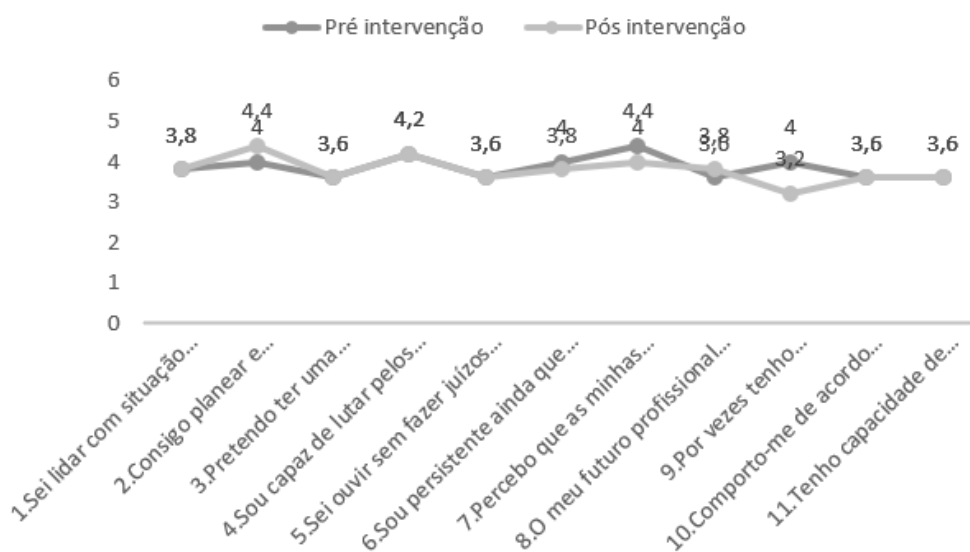
	Pré intervenção					Pós intervenção			
	<i>N</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min.</i>	<i>Máx.</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min.</i>	<i>Máx.</i>
1.Sei lidar com situação positivas e negativas no âmbito do trabalho, escola ou formação.	5	3.80	1.30	2	5	3.80	1.30	2	5
2.Consigo planejar e implementar objetivos para o meu futuro.	5	4.00	1.00	3	5	4.40	.89	3	5
3.Pretendo ter uma profissão que me faça sentir realizado.	5	3.60	1.14	2	5	3.60	1.14	2	5
4.Sou capaz de lutar pelos meus objetivos.	5	4.20	.84	3	5	4.20	.45	4	5
5.Sei ouvir sem fazer juízos de valor.	5	3.60	.55	3	4	3.60	.55	3	4
6.Sou persistente ainda que a situação não seja fácil.	5	4.00	1.22	2	5	3.80	1.10	2	5
7.Percebo que as minhas escolhas atuais irão influenciar o meu futuro.	5	4.40	.55	4	5	4.00	.71	3	5
8.O meu futuro profissional preocupa-me.	5	3.60	1.67	1	5	3.80	1.10	2	5
9.Por vezes tenho dificuldade em realizar o meu trabalho devido ao lazer e diversão.	5	4.00	.71	3	5	3.20	1.10	2	4
10.Comporto-me de acordo com o contexto em que me insiro.	5	3.60	1.14	2	5	3.60	1.14	2	5
11.Tenho capacidade de me adaptar a mudanças radicais.	5	3.60	.55	3	4	3.60	.55	3	4

Por sua vez, as afirmações “pretendo ter uma profissão que me faça sentir realizado”, “sei ouvir sem fazer juízos de valor”, “comporto-me de acordo com o contexto em que me insiro” e “tenho a capacidade de me adaptar a mudanças radicais” apresentam médias inferiores, mas com valores idênticos de 3.60, isto leva-nos a perceber que os jovens não são exigentes quanto àquilo que querem fazer

profissionalmente, apesar de se ter tentado incentivar na procura de algo que realmente gostam, para além de que compreende-se também, que os jovens não sabem como se devem comportar em determinados contextos, isto é, que postura devem adotar e que linguagem devem utilizar, dificultando o ingresso dos mesmos nos sistemas formais. Destaca-se ainda na Figura 2, a afirmação “por vezes tenho dificuldade em realizar o meu trabalho devido ao lazer e diversão” com uma diminuição da média da 4.00 para 3.20, isto é algo positivo, pois os jovens no início da intervenção apresentavam consciência de que tinham dificuldades relativamente ao alcance de equilíbrio entre trabalho/lazer, deixando de realizar deveres importantes devido a centrarem-se mais na diversão, portanto, percebe-se, neste aspeto, que a intervenção foi útil para auxiliar os jovens a estabelecer prioridades.

Figura 2

Médias das respostas dos participantes na atividade “O que me vejo a fazer no futuro” pré e pós intervenção



A Tabela 4 e Figura 3, referentes à atividade "o tapete dos sentimentos", apresentam como média mais elevada a afirmação "considero-me uma pessoa de confiança" com uma média de 4.67 que desce para 4.50, seguidamente a afirmação "sou capaz de distinguir o certo do errado" com uma média de 4.33 para 4.50, apresentando um ligeiro aumento pré- pós intervenção, que significa que os jovens apresentam noção acerca do que devem ou não de fazer. Desta forma, ambas as

afirmações, de acordo com o nível de concordância da escala, demonstram que as respostas dos jovens permaneceram no “concordo”.

Tabela 4

Questionário pré e pós intervenção (média, desvio-padrão, mínimo e máximo) -Atividade "O tapete dos sentimentos"

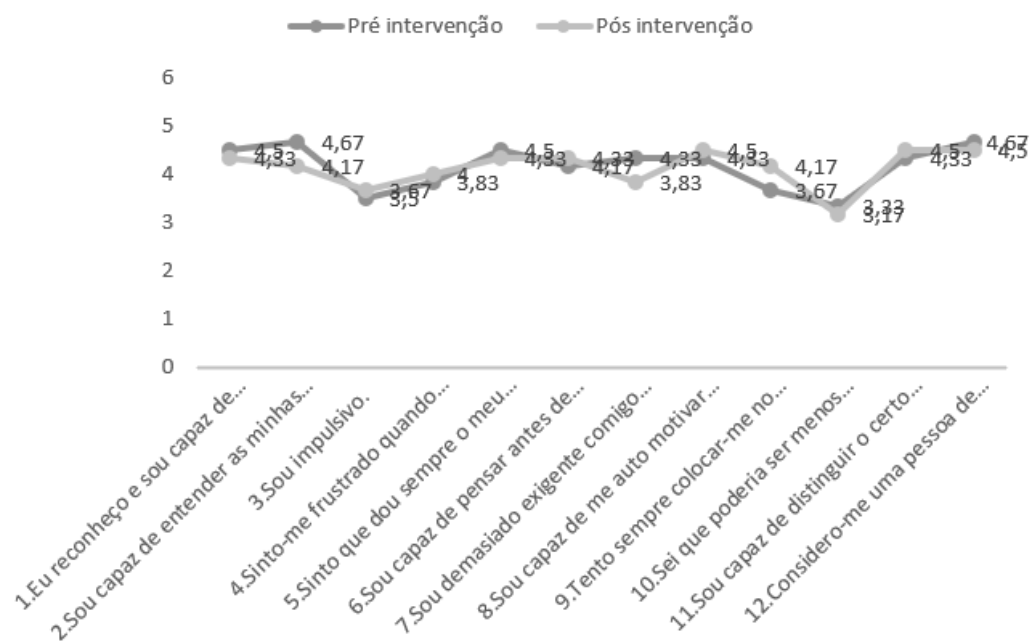
	Pré intervenção					Pós intervenção				
	<i>N</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min.</i>	<i>Máx.</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min.</i>	<i>Máx.</i>	
1.Eu reconheço e sou capaz de identificar as minhas emoções.	6	4.50	.55	4	5	4.33	.82	3	5	
2.Sou capaz de entender as minhas fragilidades.	6	4.67	.52	4	5	4.17	.41	4	5	
3.Sou impulsivo.	6	3.50	1.05	2	5	3.67	1.51	1	5	
4.Sinto-me frustrado quando alguma coisa não corre como eu esperava.	6	3.83	.98	2	5	4.00	.63	3	5	
5.Sinto que dou sempre o meu melhor em tudo o que faço.	6	4.50	.55	4	5	4.33	.52	4	5	
6.Sou capaz de pensar antes de agir e tomar decisões.	6	4.17	.75	3	5	4.33	.52	4	5	
7.Sou demasiado exigente comigo próprio.	6	4.33	.52	4	5	3.83	.98	3	5	
8.Sou capaz de me auto motivar para o que mais desejo.	6	4.33	.82	3	5	4.50	.55	4	5	
9.Tento sempre colocar-me no lugar do outro antes de agir.	6	3.67	.82	3	5	4.17	.75	3	5	
10.Sei que poderia ser menos conflituoso.	6	3.33	1.51	1	5	3.17	1.17	1	4	
11.Sou capaz de distinguir o certo do errado.	6	4.33	.52	4	5	4.50	.55	4	5	
12.Considero-me uma pessoa de confiança.	6	4.67	.52	4	5	4.50	.55	4	5	

Por outro lado, a afirmação “sei que poderia ser menos conflituoso”, apresenta a média mais baixa de 3.33 para 3.17, apresentado uma ligeira diminuição da pré intervenção para a pós intervenção, seguindo-se da afirmação “sou impulsivo” com uma média de 3.50 para 3.67, observando-se um ligeiro aumento pós intervenção. Salienta-se, que estes jovens construíram a sua identidade num bairro rodeado de violência, delinquência, fraca estrutura familiar, entre outros, adotando por vezes comportamentos conflituosos e impulsivos com o propósito de se sentirem integrados no contexto onde se inserem e grupo de pertença. Todavia, o facto de a afirmação “sei que poderia ser

menos conflituoso” ter apresentado uma diminuição, pré-pós intervenção, revela que os jovens demonstram consciência de que poderiam ser menos conflituosos e que isso os prejudica no dia a dia, portanto é fundamental trabalhar com estes jovens as emoções e dar-lhes estratégias para que as consigam gerir da melhor forma, auxiliando-os na integração da sociedade e ingresso nos sistemas formais.

Figura 3

Médias das respostas dos participantes na atividade “Tapete dos sentimentos” pré e pós intervenção



A Tabela 5 e Figura 4 referem-se à sessão de partilha de experiências de profissionais. Pode dizer-se que as afirmações “a partilha das experiências dos profissionais é algo enriquecedor para o meu futuro”, de 4.60 para 4.80, e “tenho autoconfiança”, de 4.60 para 4.40, seguidamente a afirmação “as partilhas de experiências motivam-me a seguir o que eu gosto”, de 4.00 para 4.60, destacam-se com as médias mais altas, havendo aumento pré-pós, na primeira e terceira. Isto revela que a partilha de experiências consegue auxiliar na criação de objetivos futuros, motivá-los na sua concretização, havendo uma melhoria no que se refere ao aumento de conhecimentos, interesses e motivação. A afirmação “sinto-me capaz de fazer coisas que ainda não fiz, se tentar”, apresenta um aumento positivo de 3.80 para 4.20, pois os

jovens ao ouvir pessoas de fora do contexto onde se inserem, experiências e aprendizagens de vida, aumentaram a sua motivação, a curiosidade em arriscar e explorar diferentes áreas no mercado de trabalho.

Tabela 5

Questionário pré e pós intervenção (média, desvio-padrão, mínimo e máximo) - Atividade "Partilha de experiências de profissionais"

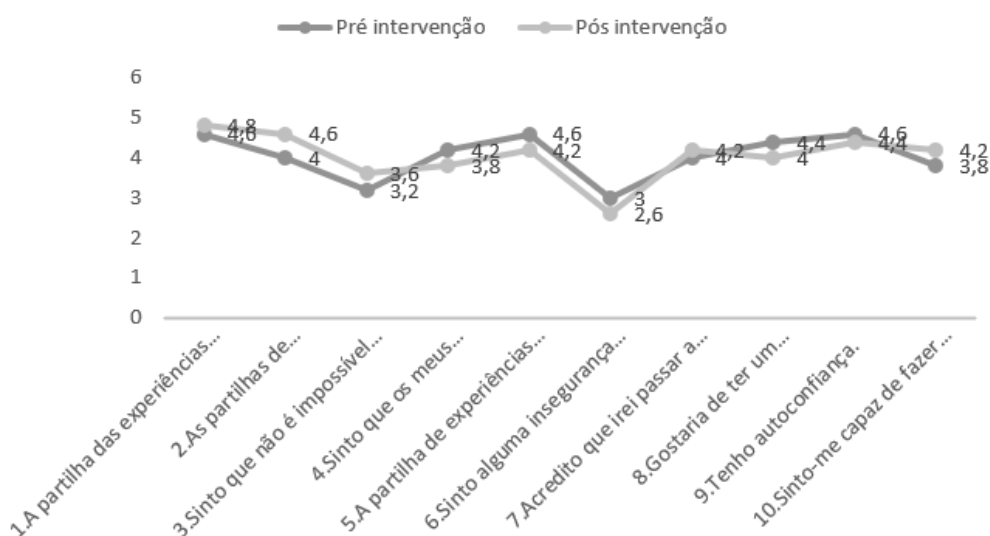
	Pré intervenção					Pós intervenção				
	<i>N</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min.</i>	<i>Máx.</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min.</i>	<i>Máx.</i>	
1.A partilha das experiências dos profissionais é algo enriquecedor para o meu futuro.	5	4.60	.55	4	5	4.80	.45	4	5	
2.As partilhas de experiências motivam-me a seguir o que eu gosto.	5	4.00	.71	3	5	4.60	.55	4	5	
3.Sinto que não é impossível concretizar os meus objetivos.	5	3.20	2.05	1	5	3.60	1.67	1	5	
4.Sinto que os meus objetivos podem gerar novas oportunidades a nível profissional e pessoal.	5	4.20	.84	3	5	3.80	1.10	2	5	
5.A partilha de experiências profissionais contribuem para elaborar objetivos a longo prazo.	5	4.60	.55	4	5	4.20	.45	4	5	
6.Sinto alguma insegurança no alcance do meu objetivo	5	3.00	1.87	1	5	2.60	1.14	1	4	
7.Acredito que irei passar a fazer parte dos sistemas formais.	5	4.00	.71	3	5	4.20	.45	4	5	
8.Gostaria de ter um emprego, escola ou formação que me fizesse sentir realizado.	5	4.40	.55	4	5	4.00	.71	3	5	
9.Tenho autoconfiança.	5	4.60	.89	3	5	4.40	.55	4	5	
10.Sinto-me capaz de fazer coisas que ainda não fiz, se tentar.	5	3.80	1.10	2	5	4.20	.45	4	5	

Todavia, verifica-se, na Tabela 5 e Figura 4, que a afirmação “sinto alguma insegurança no alcance do meu objetivo”, apresenta uma diminuição da média de 3.00 para 2.60, sendo esta diminuição positiva, pois demonstra uma melhoria na confiança dos jovens, fazendo com que não se sintam tão inseguros para alcançar os seus objetivos. No entanto, para um melhor sucesso neste tipo de intervenção, revela-se

pertinente trabalhar com os jovens a autoestima e proporcionar-lhes um maior apoio na concretização de objetivos, por exemplo, nas áreas de interesse e investir na partilha de experiências de profissionais, pois incentiva-os e transmite conhecimento relativamente à realidade no mercado de trabalho. No geral, esta atividade teve um impacto positivo nos jovens.

Figura 4

Médias das respostas dos participantes na atividade “Partilha de experiências de profissionais” pré e pós intervenção



Quanto à Tabela 6 e Figura 5, a afirmação “sinto que me consigo preparar para o futuro” possui a média mais alta, apesar de haver uma ligeira diminuição de pré para pós intervenção (de 4.71 para 4.43), isto demonstra que, apesar de ter a média mais alta, a intervenção realizada com os jovens não foi suficiente para se sentirem preparados para o futuro, necessitando de um maior apoio nesse âmbito, tal como dar-lhes acesso a estratégias e ferramentas para que se possam sentir mais preparados e motivados.

Por outro lado, a afirmação “sinto-me motivado para procurar novas oportunidades de emprego” possui a média mais baixa, apresentando igualmente uma ligeira diminuição (de 3.71 para 3.00), isto poderá significar que os jovens não se encontram suficientemente motivados para procurar emprego, sendo fulcral encontrar estratégias que os incentivem e motivem na procura do mesmo. Segue-se a afirmação “sou capaz de planear e informar-me antes de tomar decisões” com uma diminuição da média de 4.14 para 3.14, isto significa que os jovens necessitam de um maior apoio no

planeamento e acesso a informações antes de ingressar nos sistemas formais para não correrem o risco de enveredar em áreas que não os façam sentir realizados.

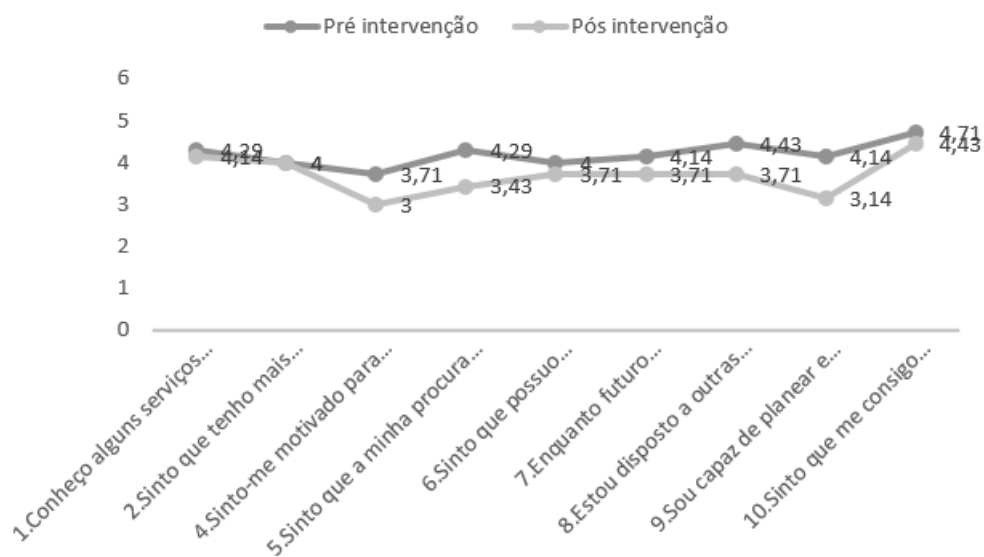
Tabela 6

Questionário pré e pós intervenção (média, desvio-padrão, mínimo e máximo) - Atividade "Preparação para entrevistas de emprego e outras tarefas de procura ativa de emprego"

	Pré intervenção					Pós intervenção				
	<i>N</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min.</i>	<i>Máx.</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min.</i>	<i>Máx.</i>	
1. Conheço alguns serviços que proporcionem acesso a informações profissionais, educacionais e formativas. (Instituto do Emprego e Formação Profissional, Associação Social Escolar, etc.).	5	4.29	.76	3	5	4.14	.69	3	5	
2. Sinto que tenho mais esclarecimento relativamente a informações profissionais, educacionais e formativas.	5	4.00	.82	3	5	4.00	.82	3	5	
3. Sei onde posso ter acesso a anúncios de emprego, educação ou formação.	5	4.43	.53	4	5	4.14	.90	3	5	
4. Sinto-me motivado para procurar novas oportunidades de emprego	5	3.71	1.11	2	5	3.00	.58	2	4	
5. Sinto que a minha procura será apoiada pelas entidades competentes.	5	4.29	.95	3	5	3.43	.98	2	5	
6. Sinto que possuo autonomia para procurar emprego.	5	4.00	.82	3	5	3.71	.76	3	5	
7. Enquanto futuro trabalhador tenho noção dos meus direitos e deveres.	5	4.14	.69	3	5	3.71	1.11	2	5	
8. Estou disposto a outras oportunidades de integração profissional.	5	4.43	.79	3	5	3.71	1.11	2	5	
9. Sou capaz de planear e informar-me antes de tomar decisões.	5	4.14	.69	3	5	3.14	1.07	2	5	
10. Sinto que me consigo preparar para o futuro.	5	4.71	.49	4	5	4.43	.79	3	5	

Figura 5

Médias das respostas dos participantes na atividade "Preparação para entrevistas de emprego e outras tarefas de procura ativa de emprego" pré e pós intervenção



Relativamente à empregabilidade (Tabela 7 e Figura 6) a afirmação “já me inscrevi no centro de emprego” possui a média mais elevada, tendo um valor idêntico de 4.29, tanto em pré como pós intervenção, o que significa que maior parte dos jovens está inscrito no centro de emprego e que tem maior acesso a determinados serviços e ofertas de emprego que diminuem a probabilidade de se tornarem NEET. Seguidamente, a afirmação “sou curioso a explorar novas técnicas de autoconhecimento” com um aumento de 3.71 para 4.00 que por sua vez é algo positivo, pois no decorrer da intervenção tentou-se que os jovens alcançassem um maior conhecimento sobre si próprios, isto é, percebessem as suas características, gostos, sentimentos, entre outros, para ingressar no que realmente gostam, e com este aumento denota-se maior abertura para isso, sendo fundamental investir-se no autoconhecimento dos jovens, pois aumenta a confiança, auxilia na tomada de decisões e definição de objetivos e metas a atingir.

Na Tabela 7 e Figura 6, destaca-se ainda a afirmação “procuro ativamente emprego”, pois a média diminuiu ligeiramente do momento pré para o pós, de 4.00 para 3.43, sendo esta diminuição negativa, uma vez que demonstra que os jovens passaram

de um “concordo” para o “não discordo nem concordo”, o que significa incerteza no que se refere à procura ativa de emprego. Segue-se a afirmação “já elaborei um currículo” com uma diminuição de 3.57 para 3.00, esta diminuição é algo deverás contraditório, pois na atividade os jovens demonstraram conhecimentos acerca da mesma e, alguns, mencionaram que já tinham realizado um currículo, no entanto, esta diminuição revela que é uma ferramenta de trabalho que necessita ser trabalhada com eles, visto que a informação colocada num currículo aumenta a probabilidade de ingressar no mercado de trabalho.

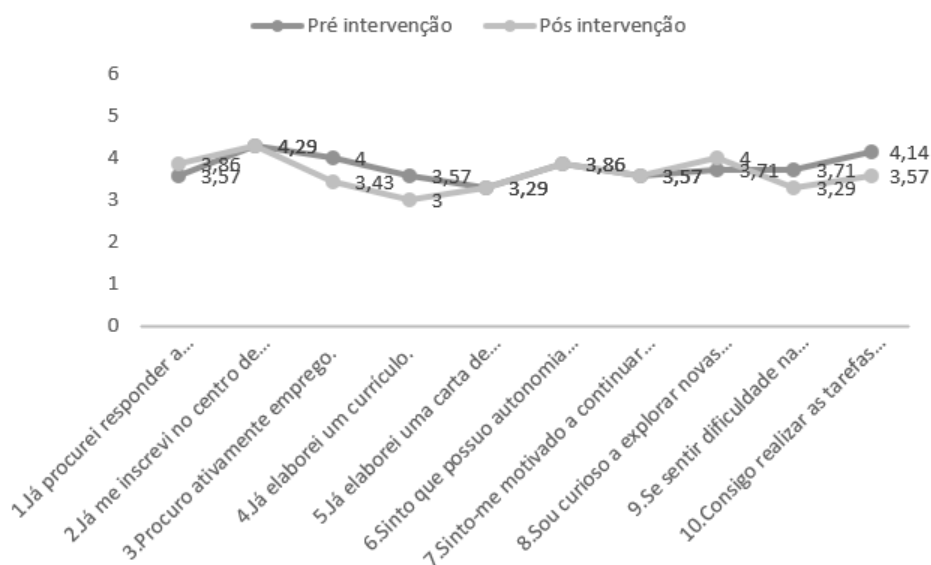
Tabela 7

Questionário pré e pós intervenção sobre empregabilidade (Média, desvio-padrão, mínimo e máximo) - Atividade "Preparação para entrevistas de emprego e outras tarefas de procura ativa de emprego"

	Pré intervenção					Pós intervenção				
	<i>N</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min.</i>	<i>Máx.</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min.</i>	<i>Máx.</i>	
1. Já procurei responder a anúncios de emprego.	7	3.57	1.40	1	5	3.86	1.35	1	5	
2. Já me inscrevi no centro de emprego.	7	4.29	.76	3	5	4.29	1.11	2	5	
3. Procuro ativamente emprego.	7	4.00	1.15	2	5	3.43	1.27	2	5	
4. Já elaborei um currículo.	7	3.57	1.40	1	5	3.00	1.29	1	5	
5. Já elaborei uma carta de apresentação.	7	3.29	1.25	1	5	3.29	1.11	2	5	
6. Sinto que possuo autonomia para procurar emprego.	7	3.86	1.46	1	5	3.86	1.21	2	5	
7. Sinto-me motivado a continuar a procurar emprego apesar das diversas recusas que posso estar sujeito.	7	3.57	1.51	1	5	3.57	1.51	1	5	
8. Sou curioso a explorar novas técnicas de autoconhecimento.	7	3.71	.49	3	4	4.00	.82	3	5	
9. Se sentir dificuldade na elaboração de um currículo ou carta de apresentação, tenho capacidade de procurar ajuda.	7	3.71	1.38	1	5	3.29	1.60	1	5	
10. Consigo realizar as tarefas que me são propostas.	7	4.14	1.21	2	5	3.57	1.27	2	5	

Figura 6

Médias das respostas dos participantes acerca da empregabilidade na atividade "Preparação para entrevistas de emprego e outras tarefas de procura ativa de emprego"



As análises inferenciais (teste não paramétrico de Wilcoxon) revelam ausência de diferenças significativas quando comparados os momentos pré e pós intervenção, pois nenhum valor de p é inferior a $.05$. O facto de não ter ocorrido diferenças significativas, deve-se aos jovens não demonstrarem interesse no preenchimento dos questionários, apesar de lhes ter sido explicado diversas vezes a importância dos mesmos para a intervenção, tendo alguns jovens escolhido, por vezes, o nível de concordância das afirmações ao acaso, comprometendo assim a recolha de dados neste âmbito. Todavia, à exceção da afirmação “já elaborei um currículo” (Tabela 8), com $p=.046$, pois oito jovens encontram-se inscritos no centro de emprego e para poderem ter acesso a ofertas de emprego tiveram de elaborar um currículo (Tabela 1). Deste modo, verificou-se no decorrer da atividade 5 que esses jovens apresentam conhecimento acerca da elaboração do mesmo e a sua importância para a integração no mercado de trabalho. No entanto, sendo que se pretende diminuir a probabilidade dos jovens se tornarem NEET, a apoio na elaboração de um currículo torna-se fundamental, pois apesar de os jovens terem conhecimento acerca do mesmo verificou-se que possuem dificuldades na sua elaboração.

Tabela 8

Comparação pré e pós intervenção sobre empregabilidade (Wilcoxon) – Atividade "Preparação para entrevistas de emprego e outras tarefas de procura ativa de emprego"

	Z	p.
1.Já procurei responder a anúncios de emprego.	-1.414 ^b	.157
2.Já me inscrevi no centro de emprego.	.000 ^c	1.000
3.Procuro ativamente emprego.	-1.414 ^d	.157
4.Já elaborei um currículo.	-2.000 ^d	.046
5.Já elaborei uma carta de apresentação.	.000 ^c	1.000
6.Sinto que possuo autonomia para procurar emprego.	.000 ^c	1.000
7.Sinto-me motivado a continuar a procurar emprego apesar das diversas recusas que posso estar sujeito.	.000 ^c	1.000
8.Sou curioso a explorar novas técnicas de autoconhecimento.	-1.414 ^b	.157
9.Se sentir dificuldade na elaboração de um currículo ou carta de apresentação, tenho capacidade de procurar ajuda.	-1.342 ^d	.180
10.Consigo realizar as tarefas que me são propostas.	-1.633 ^d	.102

3.4.4. Discussão dos resultados

O objetivo da intervenção realizada em contexto de Estágio incidu sobretudo na compreensão holística dos jovens do Bairro Social de Paradinha, centrada nas razões que os levam a uma maior probabilidade de se tornarem NEET e nas formas de prevenir este fenómeno.

A primeira questão que se coloca é: quem são os jovens do Bairro Social de Paradinha? Pode dizer-se que os jovens, com os quais se realizou a intervenção, tendo em conta os dados recolhidos e o contacto de proximidade estabelecido, se encontram desempregados, à exceção de dois, em que um se encontra a trabalhar e outro a estudar, gostam de jogar futebol e de mecânica, não são exigentes quanto àquilo de que gostam, revelam pouca vontade em mudar hábitos, apresentam escassos objetivos e motivação, bem como dificuldades no cumprimento de regras e horários, afirmam que não gostam de trabalhar, dependem das prestações sociais, para além de que provêm de famílias com baixa escolaridade, emprego precário, desemprego, dificuldades financeiras, consumos de álcool e estupefacientes, entre outros. Portanto, estas características presentes em alguns jovens fazem deles um público-alvo difícil e

complexo, tornando-se um entrave à intervenção.

Através da pesquisa documental, pode-se perceber que os fatores de risco que aumentam a maior probabilidade de os jovens se tornarem NEET, de acordo com a Eurofound (2012) são: o baixo nível de escolaridade, o abandono escolar precoce, histórico de emigração, dificuldades familiares, baixos rendimentos e viver em áreas remotas/isoladas, algo que se constata nos jovens do Bairro Social de Paradinha.

A próxima questão que se coloca é: quais os fatores de risco que levam os jovens do Bairro Social de Paradinha a uma maior probabilidade de se tornarem NEET? Tendo em conta o enquadramento teórico realizado, estes jovens, encontram-se na categoria de jovens “profundamente alienados”, definida por Williamson (2010) como jovens com um risco elevado de desinteresse, tendo uma maior probabilidade de enveredar por práticas económicas ilegais, atos ilícitos, consumos de estupefacientes e álcool, algo que foi visível durante a recolha de dados, através das entrevistas, como é o caso do participante número dois (P2) que mencionou “eu gosto de receber o meu, mas custa um bocado e às vezes vamos pelas maneiras mais fáceis de ganhar dinheiro”. Portanto, ao longo do estágio e da conquista da confiança dos jovens, percebeu-se que alguns ganham a vida através de atos menos lícitos sendo considerados por eles o caminho mais fácil, uma vez que a maior parte não possui interesse em trabalhar, por considerar o trabalho extremamente duro e exigente, sendo este um grande fator de risco que os leva a uma maior probabilidade de se tornarem NEET (Anexo K).

Por sua vez, outra categoria que se relaciona com estes jovens é a dos “essencialmente confusos”, de Williamson (2010), que se refere a jovens que se encontram disponíveis para se envolverem nos sistemas formais, mas necessitam de apoio e incentivo, sendo P2 exemplo disso, quando mencionou “eu já agora tinha uns 5 ou 6 trabalhos e não quis ir porque não tinha ninguém que dissesse para ir”. É notório neste jovem que o facto de não possuir qualquer apoio o prejudica imenso no ingresso nos sistemas formais, fazendo até com que rejeite propostas de trabalho, o que significa que provavelmente até poderia estar a trabalhar, se de facto tivesse e sentisse esse apoio (Anexo K).

Os jovens entrevistados encontram-se na subdivisão dos jovens NEET vulneráveis, identificada pela Eurofound (2012), pois há um risco elevado de marginalização, de acordo com os próprios, por serem de etnia cigana e residirem num bairro social. Tal como referido ao longo do enquadramento teórico, a comunidade cigana apresenta costumes divergentes, comparativamente aos da sociedade em geral, que influenciam as suas ações, aspirações e expectativas para o futuro (Dias et al.,

2006; Dias, 2022).

Neste sentido, verificou-se, de acordo com Rocher (1999), que se um jovem pertencer a uma família que possui condições precárias ao nível da educação, emprego, entre outros, tem uma maior probabilidade de não alcançar no futuro sucesso profissional e financeiro, persistindo a marginalização, algo que se evidencia nos jovens entrevistados. Quando se questionou sobre a cultura e se consideravam que a mesma tinha influência no ingresso dos sistemas formais, um jovem mencionou “eu acho que tem muito a ver com a cultura, se eu crescesse e soubesse que o meu pai tem um trabalho e que a minha mãe o dela, eu sabia que eu também ia ter de estudar para seguir os objetivos do meu pai e da minha mãe, mas eu onde cresci, eles fazem feiras, fazem formação, vivem da segurança social, eu também acabei por crescer com isso na mente” (P5). Ou seja, pertencer à etnia cigana, na perspetiva destes jovens, acaba por ser um fator de risco, que aumenta a probabilidade de se tornarem NEET, pois para além de dependerem constantemente dos apoios sociais (nomeadamente, Rendimento Social de Inserção – RSI), deixam de investir na escolaridade e, conseqüentemente, na criação de objetivos de vida e expectativas futuras. Isto é extremamente prejudicial porque, desta forma, os jovens acabam por estar mais sujeitos à pobreza e exclusão social. Deste modo, é fulcral arranjar estratégias de intervenção que tornem os jovens menos dependentes dos apoios sociais, com o intuito de se quebrar o ciclo que produz continuamente desigualdades sociais, pois muitos jovens estão desempregados devido a terem como garantido o apoio social, como foi referido por P7, “eu estou desempregado porque também estou a receber o RSI, é por isso” (Anexo K).

Para a comunidade cigana, de acordo com Dias et al. (2006), a escola é considerada, frequentemente, uma “perda de tempo”, pois não se enquadra nas suas condutas, sendo este um fator de risco que se repercute nos próprios jovens entrevistados, tal como mencionado pelo P12 “hoje olho para o mundo e de que é que me vai orientar tirar um curso? Não me vai orientar de nada”. No entanto, a escola é um fator de integração social e, conseqüentemente, melhor qualidade de vida no futuro, pois quanto mais escolaridade os jovens possuírem, menor será a probabilidade de se tornarem NEET e de enveredar em situações de exclusão social, visto que através do investimento na escola conseguirão, mais facilmente, alcançar um emprego que vá ao encontro das suas aspirações (Anexo K). Neste sentido, tendo em conta que se observou que alguns jovens não atribuem importância à escola, seria fundamental o incentivo e apoio pela própria escola e família, pois a comunidade cigana jovem apesar de estar mais suscetível à diversidade cultural, continua a ter uma fraca relação com a

sociedade no geral devido àquilo que lhes é inculcado, tendo grande influência nas suas aspirações e expectativas futuras, fazendo com que os jovens deixem de investir no futuro, vivenciar novas experiências e conhecer novos valores e ideologias por medo de não responder às expectativas da família e contexto em que se inserem (Dias et al., 2006; Kurebwa, 2020; Rocher, 1999).

Deste modo, quando questionada a experiência tida na escola e se regressariam à mesma, o desagrado manifestado pelo sistema de ensino não passou despercebido, tendo alguns deixado de o frequentar aos 17 anos e outros aos 18 anos, por ser a idade obrigatória. Como referido pelo P12, “acabei por desistir, mas era obrigatório estudar até aos 18 anos”. Outro aspeto importante diz respeito ao terem de cumprir com horários, como referido pelo P9 “não gosto de estudar, não tenho paciência nem consigo acordar de manhã, custa muito acordar cedo”, ou por motivos de pertencer a uma etnia, como mencionado pelo P11 “para tirar uma dúvida, às vezes tinha um complexo de falar e dizer não percebi isto ou não percebi aquilo porque as outras pessoas podiam pensar que a gente por ser de etnia podíamos ser um bocadinho menos inteligentes”. Outros desistiram aos 17 anos devido às más companhias e consumo de álcool e estupefacientes como mencionado pelo P8 “houve aquela altura em que uma pessoa é um bocadinho rebelde (...) há novos conhecimentos que envolvem o álcool e essas coisas, uma pessoa tem sempre aquela curiosidade”. No entanto, alguns jovens apresentam consciência sobre a importância da escola para encontrar um emprego, como indicado por P8 “neste momento o que me faria regressar é por ser mais fácil para arranjar trabalho, mas não sei se conseguia voltar à escola” (Anexo K).

Estes jovens, à exceção de quatro, encontram-se a realizar formações, tendo grande parte o 12º ano de escolaridade, obtido através das formações por abandono precoce da escola. No entanto, os jovens do bairro social de Paradinha, após a realização de formações encontram-se, frequentemente, em risco de não ingressar no mercado de trabalho, pois não lhes dão instrumentalidade, sendo este um fator que aumenta a probabilidade de se tornarem NEET, principalmente se permanecerem nessa situação por um longo período proporcionando uma panóplia de consequências no que se refere à integração profissional (Furlong, 2006; Williamson, 2010). Quando se questionou os jovens sobre o que os levou a realizar formações, mencionaram “porque me pagavam (...) para mim é bom, ganhamos uma média de 300/350€ e ainda nos pagam mais 130€” (P10) e “o dinheiro, porque é sempre alguma coisa que entra e o socializar, porque em 50 horas vais aprender o quê? Não se aprende nada”, ou seja, os jovens não frequentam as formações com o objetivo de adquirir conhecimentos e entrar

no mercado de trabalho, mas sim com o propósito de obter remuneração (Anexo K), de acordo com o que mencionaram.

Relativamente ao residir em bairros sociais, é também um fator de risco, pois é lhes dado um rótulo negativo que provoca discriminação e exclusão social fazendo com que os residentes se fechem sobre si próprios (Dias et al., 2006; Ferreira, 2014). O Bairro Social de Paradinha não é exceção, pois o facto de lá residir maioritariamente população cigana socioeconomicamente desfavorecida e de ser um espaço isolado da cidade, sendo este um fator de risco identificado pela Eurofound (2012), a marginalização intensifica-se e aumenta a privação de bens essenciais, com maior suscetibilidade para roubos/furtos, violência, delinquência, entre outros, tornando-se um lugar imprevisível e inseguro (Dias et al., 2006; Dias, 2022; Ferreira, 2014). Acrescenta-se que residir neste contexto, tal como mencionado por Dias et al. (2006) e Ferreira (2014), molda a forma de pensar dos indivíduos, neste caso os jovens, tendo estes de adotar determinados comportamentos para uma melhor integração, de forma a não serem estigmatizados no próprio local de residência, tal como se verifica na resposta de P2 “nós crescemos num bairro e estamos habituados ao bairro (...) nós aqui temos uma maneira diferente de viver a vida” (Anexo K).

A imagem negativa transmitida para o exterior, acerca do bairro social e da comunidade cigana, proporciona aos jovens a formação de uma identidade pessoal negativa, pois tal como mencionado por Dias et al. (2006), Ferreira (2014) e Vieira (2021) acabam por assumir a estigmatização como uma identidade individual, algo que se verificou nos jovens no decorrer das entrevistas. P9 refere “as pessoas têm medo, se vão pela moral são ciganos ou aquilo do bairro já que têm tanta vontade que somos assim, nós vamos mostrar que somos mesmo assim”, este é considerado um grande fator de risco que os leva a uma maior probabilidade de se tornarem NEET, pois os jovens adotam comportamentos desviantes que colocam em risco o seu desenvolvimento integral e harmonioso, possuem um constante sentimento de preconceito, dificuldades na integração na sociedade e, conseqüentemente, nos sistemas formais. A este propósito salienta-se o que foi mencionado por P8 “tentei me inscrever na DHL e isso de empresas e essas coisitas a ver (...) mas não me aceitaram porque viram que eu era do Bairro Social de Paradinha” e “dizem muito (...) o cigano é o ladrão, é o rótulo que nós temos” (Anexo K).

Portanto, como se pode averiguar viver num bairro social, não é apenas um indicador de pobreza, mas também pode ser um indício de permanência de estigmatização, desmotivando-os no que se refere à procura de trabalho,

permanecendo na situação de desemprego por receio de não ser aceite pela sociedade. Verificou-se, ainda, que o facto de, por vezes, alguns jovens cometerem atos de violência, se reflete negativamente nos que não fizeram nada, por generalização, tal como se nota na resposta fornecida por P7 “já senti muitas vezes o racismo por ser cigano, por exemplo, aqui em vários cafés que muitos ciganos aqui frequentam, fizeram estragos e uma pessoa não tem nada a ver com isso e culpam-nos a nós. Isto por causa de uns pagam todos” (Anexo K). Este tipo de comportamentos, de acordo com Ferreira (2014), cria conflitos exteriores, mas também interiores, pois os jovens acabam por criar uma imagem negativa de si próprios e da cultura a que pertencem.

Relativamente às entrevistas realizadas aos jovens, estas permitiram obter resultados, complementar as atividades e dar resposta à questão de investigação, o que leva os jovens a uma maior probabilidade de se tornarem NEET. Apesar de os objetivos de conhecer os jovens, as experiências ao nível da educação, formação e emprego, a falta de ligação aos sistemas formais e objetivos de vida terem sido alcançados, as atividades não se realizaram nas datas agendadas inicialmente, devido a falta de comparência dos jovens. Desta forma, como estratégia de entrevistar os jovens, o contacto para a realização da entrevista não poderia ser com antecedência, mas sim no próprio dia, ou quando comparecessem no Centro Comunitário. No decorrer das entrevistas, os jovens acabaram por demonstrar agrado pelo conteúdo apresentado, e o facto de a entrevistadora ser jovem, proporcionou uma maior abertura por parte dos jovens e confiança na mesma, tendo alguns deles incentivado outros a realizar a entrevista e a comparecer com maior frequência no Centro Comunitário.

No que diz respeito às atividades “Caixa das Partilhas”, “O que me vejo a fazer no futuro”, “O tapete dos sentimentos”, “Partilha de experiências de profissionais” e “Preparação para entrevistas de emprego e outras tarefas de procura ativa de emprego”, ocorreram inúmeras dificuldades no que se refere à sua realização e alcance dos objetivos. As características dos jovens, nomeadamente, o desinteresse, a dificuldade no cumprimento de horários, regras, rotinas e obrigações, proporcionou o cancelamento e alteração das datas de realização e da forma como foram implementadas, obrigando a adaptar ao número de jovens que compareciam e às circunstâncias.

As sessões de grupos de interajuda social, nomeadamente, “Caixa das Partilhas”, “O que me vejo a fazer no futuro?” e “O tapete dos sentimentos”, também viram o seu tempo reduzido de uma hora e cinquenta minutos para cerca de trinta a quarenta e cinco minutos, devido a comparecerem apenas cinco dos doze jovens, com implicação na forma como as atividades foram dinamizadas. Os jovens perdiam de

imediatamente o interesse e não permaneciam na atividade até ao final, mencionando que tinham coisas mais importantes para fazer. Estas atividades tinham como objetivos promover a reflexão, motivação, entender experiências, medos e inseguranças relacionadas com os sistemas formais de emprego, educação e formação, objetivos de vida e potencialidades. No entanto, não se conseguiram alcançar todos os objetivos, principalmente promover a motivação, visto que os jovens não tinham qualquer interesse aparente nas atividades. Quanto à partilha de experiências relacionadas com os sistemas formais, os jovens apresentaram dificuldades na identificação de medos ou inseguranças, conquistas, certezas ou desejos relacionados com a escola, emprego ou formação, tendo uma grande tendência a divagar para outros assuntos de cariz pessoal, apesar de ter sido pedido o foco nestas dimensões formativas e laborais.

As outras duas atividades pretendiam incentivar e desenvolver competências profissionais nos jovens e dar-lhes acesso a informações de procura ativa de emprego. Quanto à partilha de experiências de profissionais, os jovens demonstraram grande interesse, tendo realizado inúmeras perguntas. Julgamos ter conseguido motivar os jovens, principalmente os que possuíam interesse em mecânica, pois perguntaram ao profissional da área o que poderiam fazer para trabalhar nessa área.

Quanto à atividade de preparação para entrevistas e outras tarefas de procura ativa de emprego, pretendia-se que comparecessem na atividade profissionais do Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP), que pudessem dar informações acerca de emprego e formações, isto é, de como se inscrever e o que devem fazer, pois alguns não vão para as áreas de interesse por falta de informação. No entanto, devido à falta de pontualidade dos jovens e ao facto de não comparecerem nas datas agendadas, decidiu-se não entrar em contacto com os profissionais desejados, correndo o risco de, no dia agendado, os jovens não se deslocarem ao Centro Comunitário. Como solução, recorreu-se a uma técnica de serviço social e de mediação entre a escola, alunos e família e a uma técnica de educação social do Centro Comunitário e, em conjunto, efetuou-se uma recolha de informação relativamente ao mercado de trabalho e formação que se disponibilizou aos jovens, tendo estes ao longo da sessão demonstrado alguns conhecimentos acerca do que foi abordado e interesse em inscrever-se em formações, mais concretamente mecânica e outra, para aumentar o nível de escolaridade. Por sua vez, o objetivo de preparar os jovens para entrevistas de emprego, infelizmente, não foi concretizado por questões de tempo de estágio e características dos jovens. Inicialmente, pretendia-se criar grupos com os jovens para que fizessem simulações de preparação de entrevista, em que um faria de entrevistador

e outro de entrevistado, para perceber se tinham noção daquilo que é questionado, o tipo de respostas e a postura que devem adotar.

Relativamente aos questionários pré e pós intervenção, foi extremamente complicado o seu preenchimento porque os jovens não gostam de escrever, nem ler, sendo referido diversas vezes que preencher os questionários era aborrecido, apesar de ter sido mencionada a sua importância para a intervenção. No entanto, através da análise das respostas aos questionários percebeu-se que a intervenção apresentou algumas melhorias nos jovens, pois demonstraram do momento pré intervenção para o pós intervenção, através do nível de concordância das afirmações apresentadas, maior abertura e respeito pelas divergentes opiniões, consciência de que os seus atos têm consequências tendo de responsabilizar-se pelos mesmos, reconhecimento das suas qualidades e defeitos, gosto pela partilha de experiências de profissionais nas áreas de maior interesse sendo considerado por eles algo enriquecedor e encorajador para a criação de objetivos futuros. Porém, a intervenção realizada com os jovens não se manifestou suficiente para colmatar os problemas identificados sendo necessária uma intervenção mais prolongada, uma vez que o tempo de estágio se demonstrou insuficiente. Assim sendo, percebeu-se, através das médias do momento pré-pós intervenção que estes jovens não se sentem preparados para o futuro, nomeadamente, para o ingresso no mercado de trabalho, nem motivados para a criação de objetivos e procura ativa de emprego, intensificando-se, assim, a probabilidade de se tornarem jovens NEET. Estes aspetos, demonstram a importância de intervir com este público-alvo para que se sintam mais preparados para o futuro e possam alcançar maior qualidade de vida.

Apresentados de forma geral os resultados obtidos, para se prevenir este fenómeno é fundamental recorrer a intervenções, de acordo com Magalhães (2005) e Ornelas (2008), de cariz primário uma vez que pretendem evitar o aparecimento de determinados problemas. Neste caso, verifica-se o risco de não ingressar nos sistemas formais devido ao contexto em que os jovens se inserem, à cultura de pertença, escolaridade, estrutura familiar, entre outros e, secundário, tendo em conta que o risco já está instalado com o objetivo de o evitar ou de surgir novos problemas, pois, alguns jovens não se encontram no mercado de trabalho por vontade própria e devido ao elevado desinteresse. Deste modo, são importantes intervenções que deem voz aos jovens, que permitam trabalhar o autoconhecimento, porque os próprios jovens não conhecem as suas potencialidades, fraquezas e interesses, prepará-los para o futuro, encorajá-los a refletir acerca dos seus objetivos, uma vez que são escassos e, por

vezes, irrealistas, trabalhar a pontualidade e assiduidade, sendo que foi algo visível ao longo de todas as atividades planeadas e tornou-se um obstáculo à sua realização, para além de que é algo bastante prejudicial no mercado de trabalho, pois acabam por ser despedidos por incumprimento de horários. A partilha de experiências, revelou-se fundamental para prevenir também este fenómeno, sendo crucial, principalmente, levar jovens que já estiveram na mesma condição de desinteresse e a conseguiram superar, com o propósito de os motivar a encontrar estratégias para sair da situação de desemprego e fazer algo de que realmente gostam, alcançando a sua própria independência financeira.

Todas estas sugestões deveriam ser postas em prática, desde cedo, pelo centro comunitário, em colaboração com a escola e a família, para evitar que os jovens se tornem NEET, visto que os mesmos podem ser voluntária ou involuntariamente NEET dependendo dos fatores de risco, tendo as intervenções de ser adaptadas às diferentes realidades (Frias et al., 2020; Furlong, 2006; Pimentel & Ducharme, 2022; Rowland et al., 2015; Vieira et al., 2018; Williamson, 2010)

Para concluir, o tempo de estágio revelou-se curto, de acordo com o planeado inicialmente, devido a todos os imprevistos que foram surgindo e à necessidade constante de adaptar a intervenção que se realizou, sobretudo pelo incumprimento de horários por parte dos jovens e à sua assiduidade. Pretendia-se ter aprofundado mais algumas atividades e feito outras de modo a conseguir deixar o máximo de ferramentas para aqueles jovens. Um ponto bastante importante para a concretização da intervenção, e que acabou por a condicionar, seria uma maior receptividade da parte dos jovens. Embora o número reduzido dos que participaram nas atividades, experienciou-se um processo muito prazeroso, de conquista de confiança (de notar que alguns já adotavam uma postura diferente perante a investigadora e as atividades que eram propostas). É uma pena não se poder permanecer mais tempo e levar a cabo a intervenção, de modo a serem os resultados que foram idealizados.

Conclusões

O presente relatório reporta-se a um estágio que consistiu numa tentativa de compreensão acerca dos jovens do Bairro Social de Paradinha, o que os leva a uma maior probabilidade de se tornarem NEET e como prevenir esse fenómeno. Consideramos que grande parte dos objetivos foram alcançados, pois conseguiu-se traçar um perfil dos jovens e perceber fatores de risco que os colocam mais propensos a emergir na situação NEET.

As técnicas de recolha de dados utilizadas, nomeadamente a entrevista e observação participante, foram imprescindíveis na fase de conhecimento dos jovens, pois permitiram a compreensão das suas motivações e objetivos de vida, a partilha de experiências nos sistemas formais de emprego, educação e formação e a falta de ligação aos mesmos. Após este primeiro contacto com os jovens e maior abertura pelos mesmos, conseguiu-se delinear atividades que fossem ao encontro das necessidades e gostos registados e, principalmente, daquilo que se pretendia alcançar com a intervenção.

Para a interpretação dos resultados, a pesquisa documental foi fundamental, permitindo o conhecimento das diferenças culturais, da heterogeneidade dos jovens NEET, dos contextos em que se inserem, nomeadamente, os bairros sociais, e fazer pontes com os resultados obtidos, tornando o estudo mais rico a nível de conteúdo. No entanto, no que se refere aos jovens NEET, emergiu a necessidade de maior investimento em estudos sobre este fenómeno, pois é algo que predispõe os jovens à pobreza e exclusão social, tornando-se assim um problema social.

Posto isto, os dados recolhidos ao longo da prática no contexto de estágio evidenciam que os jovens não possuem interesse em sair da situação em que se encontram, nomeadamente desemprego, por razões diversas, como o facto de não possuírem objetivos de vida ou motivação. O próprio contexto onde se inserem e a comunidade a que pertencem, mais concretamente, cigana, moldam a forma de pensar dos jovens, com pouca disponibilidade para mudar os hábitos que, conseqüentemente, prejudicam o ingresso nos sistemas formais de emprego, educação e formação, acabando os jovens por permanecer num ciclo de: baixa escolaridade, emprego precário ou desemprego e rendimentos sociais, realidade que presenciam no dia a dia do contexto familiar. Portanto, é importante quebrar este ciclo, através do aumento do nível de escolaridade, da definição de objetivos e expectativas para o futuro que possam proporcionar independência financeira e qualidade de vida. Saliencia-se que grande

parte dos jovens apresenta o 12º ano, realizado através de formações, não investindo nas mesmas com o objetivo de obter mais conhecimentos e escolaridade, mas apenas por motivos de remuneração, vivendo muitos deles com o que ganham nas formações. Apesar destes jovens terem o 12º ano de escolaridade, continuam a estar mais vulneráveis à condição NEET, pois o mercado de trabalho está cada vez mais exigente e o não querer estudar, criar objetivos, entre outros, diminui e até mesmo impossibilita a entrada dos jovens no mercado de trabalho.

Para concluir, seria importante sensibilizar os jovens através do conhecimento do fenómeno NEET, das suas consequências, envolvê-los e dar-lhes voz no processo de planeamento de intervenções, perceber as suas potencialidades, interesses, objetivos de vida e expectativas futuras, e dar a conhecer estratégias e ferramentas que possam impedir os jovens de enveredar na situação NEET, pois só assim se conseguirá intervir de forma a prevenir o fenómeno.

Referências Bibliográficas

- Bonfim, C. J., Saraiva, M. E., Curto, M. J., Abrantes, M. L. & Ferreira, S. P. (2000). *Centro Comunitário*. Direção-Geral da Ação Social. https://www.seg-social.pt/documents/10152/51562/Centro_comunitario/a0a29948-aba9-446b-afc0-8561ad725e37
- Bourn, D. (2008). Young people, identity and living in a global society. *Policy and Practice a Development Education Review*, 7, 48-61. <https://www.developmenteducationreview.com/sites/default/files/article-pdfs/bourn%20focus%204.pdf>
- Brasão, H. J. P., Oliveira, H. C. P., Vilela, P. A. L., Cocco, D. D. A., & Sousa, C. S. (2020). Diversidade Cultural e Cidadania. *Cadernos da Fucamp*, 19(41), 87-95.
- Cáritas Portuguesa. (2012). *Grupos de interajuda social: Manuel do (a) Animador (a)*. Cáritas.
- Cáritas Diocesana de Viseu. (2018). *Regulamento Interno do Centro Comunitário*. Cáritas Diocesana de Viseu.
- Carmo, H. & Ferreira, M. M. (1998). *Metodologia da investigação: Guia para auto-aprendizagem* (1ª ed.). Universidade Aberta.
- Centro Comunitário de Paradinha. (2022). *Relatório de Atividades de 2022*. Cáritas Diocesana de Viseu.
- Coutinho, C. (2018). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: Teoria e prática* (2º ed.). Edições Almedina.
- Coutinho, C. P. (2015). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e prática* (2ª ed.). Almedina.
- Dias, E. C., Alves, I., Valente, N., & Aires, S. (2006). *Comunidades ciganas: representações e dinâmicas de exclusão-integração*. Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas. https://www.obcig.acm.gov.pt/documents/58622/202406/olhares_6.pdf/b8ee7c99-1316-45eb-86c1-1b99b0212650

- Dias, I. S. R. (2022). *Integração Educativa das Crianças e Jovens de Etnia Cigana*. [Dissertação, Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório do Instituto Universitário de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10071/26750>
- Dias, M. O. (2009). *O Vocabulário do Desenho de Investigação: A lógica do processo em ciências sociais* (1ª ed.). Psico & Soma.
- Eurofound. (2012). *NEETs – Young people not in employment, education or training: Characteristics, costs and policy responses in Europe*. Publications Office of the European Union. <https://doi.org/10.2806/41578>
- Eurofound. (2016). *Exploring the diversity of NEETs*. Publications Office of the European Union. <https://doi.org/10.2806/15992>
- Eurostat. (2021, Julho 14). Over 1 in 6 young adults not in employment or education. *Eurostat*. <https://ec.europa.eu/eurostat/en/web/products-eurostat-news/-/edn-20210714-2>
- Eurostat. (2022, Maio). Statistics on young people neither in employment nor in education or training. *Eurostat*. https://ec.europa.eu/eurostat/statisticsexplained/index.php?title=Statistics_on_young_people_neither_in_employment_nor_in_education_or_training&stable=0&redirect=no#Young_people_neither_in_employment_nor_in_education_or_training
- Ferreira, A. C. C. (2014). *Viver num bairro social e as relações de vizinhança – um estudo sociológico no bairro de Santa Tecla*. [Dissertação, Universidade do Minho Instituto de Ciências Sociais]. Repositório Institucional da Universidade do Minho. <https://hdl.handle.net/1822/34228>
- Ferreira, A. M. S. (2021). *Globalização e Identidade Cultural*. [Dissertação, Universidade de Aveiro]. Repositório Institucional da Universidade de Aveiro. <http://hdl.handle.net/10773/32123>
- Fialho, J. (2017). A Construção da Identidade Social e Profissional através da ação das Redes de Sociabilidade Laboral. *Revista Argumentos*, 14 (1), 138 – 162.
- Fialho, J., Silva, C. A., & Saragoça, J. (2020). *Diagnóstico Social – Teoria, Metodologia e Casos Práticos* (2ª ed.). Edições Sílabo.

- Fonseca, K. H. O. (2012). Investigação – ação: Uma metodologia para prática e reflexão docente. *Revista Onis Ciência*, 1 (2), 16-31. <https://revistaonisciencia.com/resumo-e-abstract-e2-02/>
- Fortin, Marie-Fabienne. (1999). *O Processo de Investigação. Da concepção à realização* (1ª ed.). Lusociência.
- Frias, M.; Alcoforado, L.; Cordeiro, A. R. (2020) O caso dos jovens nem nem: Novas trajetórias, novos desafios. *Práxis Educacional*, 16(42),186-216. <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v16i42.7348>
- Fundação Calouste Gulbenkian & Fundação Maria. (2022). *Será que isto é para mim? O que leva os jovens a participar?*. Comparte. <https://www.comparte.pt/recursos>
- Furlong, A. (2006). Not a very NEET solution: Representing problematic labour market transitions among early school-leavers. *Work, Employment and Society*, 20(3), 553–569. <https://doi.org/10.1177/0950017006067001>
- GEP (2022). *Jovens NEET em Portugal* [Young NEET in Portugal]. <http://www.gep.mtsss.gov.pt/analises-e-notas>
- Gestor de Qualidade. (2011). *Manual de Qualidade*. Cáritas Diocesana de Viseu.
- INE (2021). Jovens com idade entre 15 e 34 anos não empregados que não estão em educação ou formação (Série 2011 - N.º) por Local de residência (NUTS - 2013) e Grupo etário; Trimestral. https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0007487&contexto=bd&selTab=tab2
- Instituto da Segurança Social, I.P. (2023). *Família e Comunidade*. Instituto da Segurança Social, I.P. <https://www.seg-social.pt/familia-e-comunidade>
- Krauss, A., Hahne, A. S., Borges, B., Bressan, E., Vieira, J., Deber, L., Soares, M. C., Spielhofer, T., Vieira, V., & Mendes, V. (2020). *Guia para a Inclusão Social e desenvolvimento de parcerias locais de empregabilidade de jovens em situação NEET*. Câmara Municipal de Lisboa.
- Kurebwa, J. (2020). The Effects of Globalization on Youth Culture and Identity: A Zimbabwean Experience. *Journal Canadian Social Science*, 16(4), 5-13. https://www.academia.edu/87261095/The_Effects_of_Globalization_on_Youth_Culture_and_Identity_A_Zimbabwean_Experience

- Magalhães, T. (2005). *Maus Tratos em Crianças e Jovens* (4ª edição). Quarteto.
- Oliveira, M. C. (2018). *Particularidade da Intervenção Social com as famílias ciganas nas áreas da saúde, educação e emprego*. [Dissertação, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra]. Repositório Científico da Universidade de Coimbra. <http://hdl.handle.net/10316/85641>
- Ornelas, J. (2008). *Psicologia Comunitária*. Fim de Século.
- Pimentel, M. H., & Barbosa-Ducharme, M. (2022). Jovens NEET: Características e trajetórias de vida. In V. Duarte e J. Torres (Coord). *Jovens NEET: um Manual de Boas Práticas* (pp.13-23). Santa Casa da Misericórdia da Maia UICCC.ISMAI – Unidade de Investigação em Criminologia e Ciências do Comportamento da Universidade da Maia (Ed.). <https://jovensneet.fpce.up.pt/wp-content/uploads/sites/914/2022/08/Activate-017-DIGITAL.pdf>
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (2008). *Manual de investigação em ciências sociais* (2ª ed.). Gradiva.
- Rocher, G. (1999). *Sociologia Geral. A ação Social*. Editorial Presença.
- Rowland, J., Ferreira, V. S., Vieira, M. M., & Pappamikail, L. (2015). *Nem em emprego, nem em educação ou formação: jovens NEEF em Portugal numa perspetiva comparada*. (Policy Brief, 2014). Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. OPJ. Observatório Português da Juventude. <http://hdl.handle.net/10451/22364>
- Vieira, M. M., Pappámikail, L., & Ferreira, T. (2018). Jóvenes y políticas juveniles: algunos desencuentros. El caso del programa Garantía Juvenil en Portugal. *Metamorfosis. Revista del Centro Reina Sofía sobre Adolescencia y Juventud*, 9, 67-88. <http://hdl.handle.net/10400.15/3332>
- Vieira, R. (2011). *Educação e Diversidade Cultural. Notas da Antropologia da Educação*. Edições Afrontamento. <http://hdl.handle.net/10400.8/4898>
- Williamson, H. (2010). Delivering a ‘NEET’ Solution: An Essay on an Apparently Intractable Problem. In S. Upton (Ed). *Engaging Wales’Disengaged Youth* (pp.7–20). Institute of Welsh Affairs. <https://www.iwa.wales/wp-content/media/2016/03/neets-publication-3.pdf>

Anexos

Anexo A: Folhas de presença de estágio de janeiro até maio



Politécnico
de Viseu

Escola Superior
de Educação
de Viseu

Mestrado em Intervenção Psicossocial com Crianças e Jovens em Risco
Estágio

Ano letivo 2022/2023

Folha de Presença

Local de Estágio Cáritas Diocesana de Viseu, Centro Comunitário

Aluno(a) Carla Luísa Freitas Nobrega

Mês Janeiro

Dia	Hora de entrada	Hora de saída	Rubrica	Total de horas
4/1	9 : 00 H	17 : 30 H	Carla Nobrega	7.00h
10/1	9 : 00 H	17 : 30 H	Carla Nobrega	7.00h
11/1	9 : 00 H	17 : 30 H	Carla Nobrega	7.00h
12/1	9 : 00 H	17 : 30 H	Carla Nobrega	7.00h
13/1	9 : 00 H	12 : 30 H	Carla Nobrega	3.30h
16/1	9 : 00 H	17 : 30 H	Carla Nobrega	7.00h
17/1	9 : 00 H	17 : 30 H	Carla Nobrega	7.00h
18/1	9 : 00 H	17 : 30 H	Carla Nobrega	7.00h
19/1	9 : 00 H	17 : 30 H	Carla Nobrega	7.00h
20/1	9 : 00 H	17 : 30 H	Carla Nobrega	7.00h
23/1	9 : 00 H	17 : 30 H	Carla Nobrega	7.00h
24/1	9 : 00 H	17 : 30 H	Carla Nobrega	7.00h
25/1	9 : 00 H	17 : 30 H	Carla Nobrega	7.00h
26/1	9 : 00 H	17 : 30 H	Carla Nobrega	7.00h
27/1	9 : 00 H	17 : 30 H	Carla Nobrega	7.00h
30/1	9 : 00 H	17 : 30 H	Carla Nobrega	7.00h
31/1	9 : 00 H	17 : 30 H	Carla Nobrega	7.00h
/ /	: H	: H		
/ /	: H	: H		
/ /	: H	: H		

Supervisor _____

Orientador(es) Silvia Castro

Carla



Politécnico
de Viseu

Escola Superior
de Educação
de Viseu

Mestrado em Intervenção Psicossocial com Crianças e Jovens em Risco
Estágio

Ano letivo 2022/2023

Folha de Presença

Local de Estágio Capóias Diocesana de Viseu, Centro Comunitário

Aluno(a) Cíntia Carolina Freitas Nobrega

Mês Fevereiro

Dia	Hora de entrada	Hora de saída	Rubrica	Total de horas
1/2	9 : 00 H	17 : 30 H	Cíntia Nobrega	7.00h
2/2	9 : 00 H	17 : 30 H	Cíntia Nobrega	7.00h
3/2	9 : 00 H	17 : 30 H	Cíntia Nobrega	7.00h
6/2	14 : 30 H	16 : 00 H	Cíntia Nobrega	2.30h
7/2	14 : 00 H	16 : 30 H	Cíntia Nobrega	2.30h
9/2	14 : 00 H	17 : 30 H	Cíntia Nobrega	3.30h
13/2	9 : 00 H	17 : 30 H	Cíntia Nobrega	7.00h
14/2	9 : 00 H	17 : 30 H	Cíntia Nobrega	7.00h
15/2	9 : 00 H	17 : 30 H	Cíntia Nobrega	7.00h
16/2	9 : 00 H	17 : 30 H	Cíntia Nobrega	7.00h
17/2	9 : 00 H	17 : 30 H	Cíntia Nobrega	7.00h
22/2	9 : 00 H	17 : 30 H	Cíntia Nobrega	7.00h
23/2	9 : 00 H	17 : 30 H	Cíntia Nobrega	7.00h
24/2	9 : 00 H	17 : 30 H	Cíntia Nobrega	7.00h
27/2	9 : 00 H	17 : 30 H	Cíntia Nobrega	7.00h
28/2	9 : 00 H	17 : 30 H	Cíntia Nobrega	7.00h
/	: H	: H		
/	: H	: H		
/	: H	: H		
/	: H	: H		

Supervisor _____

Orientador(es) Susana Almeida

Est



Politécnico
de Viseu

Escola Superior
de Educação
de Viseu

Mestrado em Intervenção Psicossocial com Crianças e Jovens em Risco
Estágio

Ano letivo 2022/2023

Folha de Presença

Local de Estágio Paróquia Diocesana de Viseu, Centro Comunitário

Aluno(a) Cíntia Carolina Freitas Nobrega

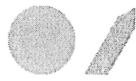
Mês Março

Dia	Hora de entrada	Hora de saída	Rubrica	Total de horas
1/3	9 : 00 H	17 : 30 H	Cíntia Nobrega	7.00h
2/3	9 : 00 H	17 : 30 H	Cíntia Nobrega	7.00h
3/3	9 : 00 H	17 : 30 H	Cíntia Nobrega	7.00h
6/3	9 : 00 H	17 : 30 H	Cíntia Nobrega	7.00h
7/3	9 : 00 H	17 : 30 H	Cíntia Nobrega	7.00h
8/3	9 : 00 H	17 : 30 H	Cíntia Nobrega	7.00h
9/3	9 : 00 H	12 : 30 H	Cíntia Nobrega	3.30h
10/3	9 : 00 H	17 : 30 H	Cíntia Nobrega	7.00h
13/3	9 : 00 H	17 : 30 H	Cíntia Nobrega	7.00h
14/3	9 : 00 H	17 : 30 H	Cíntia Nobrega	7.00h
15/3	9 : 00 H	17 : 30 H	Cíntia Nobrega	7.00h
16/3	9 : 00 H	17 : 30 H	Cíntia Nobrega	7.00h
17/3	9 : 00 H	17 : 30 H	Cíntia Nobrega	7.00h
20/3	9 : 00 H	17 : 30 H	Cíntia Nobrega	7.00h
21/3	9 : 00 H	12 : 30 H	Cíntia Nobrega	3.30h
22/3	9 : 00 H	17 : 30 H	Cíntia Nobrega	7.00h
23/3	9 : 00 H	17 : 30 H	Cíntia Nobrega	7.00h
24/3	9 : 00 H	17 : 30 H	Cíntia Nobrega	7.00h
27/3	9 : 00 H	17 : 30 H	Cíntia Nobrega	7.00h
28/3	9 : 00 H	17 : 30 H	Cíntia Nobrega	7.00h

Supervisor _____

Orientador(es) Luís Almeida

Luís



Politécnico de Viseu

Escola Superior de Educação de Viseu

Mestrado em Intervenção Psicossocial com Crianças e Jovens em Risco
Estágio
Ano letivo 2022/2023

Folha de Presença

Local de Estágio Círculo Diocesano de Viseu, Centro Comunitário

Aluno(a) Cristina Carolina Freitas Nobrega

Mês Março

Dia	Hora de entrada	Hora de saída	Rubrica	Total de horas
29/3	9 : 00 H	17 : 30 H	Cristina Nobrega	7.00h
30/3	9 : 00 H	17 : 30 H	Cristina Nobrega	7.00h
31/3	9 : 00 H	17 : 30 H	Cristina Nobrega	7.00h
/	: H	: H		
/	: H	: H		
/	: H	: H		
/	: H	: H		
/	: H	: H		
/	: H	: H		
/	: H	: H		
/	: H	: H		
/	: H	: H		
/	: H	: H		
/	: H	: H		
/	: H	: H		
/	: H	: H		
/	: H	: H		
/	: H	: H		
/	: H	: H		
/	: H	: H		
/	: H	: H		
/	: H	: H		

Supervisor _____

Orientador(es) Susana Barros

Handwritten signature



Politécnico de Viseu

Escola Superior de Educação de Viseu

Mestrado em Intervenção Psicossocial com Crianças e Jovens em Risco
Estágio
Ano letivo 2022/2023

Folha de Presença

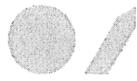
Local de Estágio Caritas Diocesana de Viseu, Centro Comunitário
Aluno(a) Cintia Carolina Freitas Nobrega
Mês Abril

Dia	Hora de entrada	Hora de saída	Rubrica	Total de horas
3/4	9 : 00 H	17 : 30 H	Cintia Nobrega	7.00h
4/4	9 : 00 H	17 : 30 H	Cintia Nobrega	7.00h
5/4	9 : 00 H	17 : 30 H	Cintia Nobrega	7.00h
6/4	9 : 00 H	17 : 30 H	Cintia Nobrega	7.00h
10/4	9 : 00 H	17 : 30 H	Cintia Nobrega	7.00h
11/4	9 : 00 H	17 : 30 H	Cintia Nobrega	7.00h
12/4	9 : 00 H	17 : 30 H	Cintia Nobrega	7.00h
13/4	9 : 00 H	17 : 30 H	Cintia Nobrega	7.00h
14/4	9 : 00 H	17 : 30 H	Cintia Nobrega	7.00h
15/4	9 : 00 H	17 : 30 H	Cintia Nobrega	7.00h
16/4	9 : 00 H	17 : 30 H	Cintia Nobrega	7.00h
17/4	9 : 00 H	17 : 30 H	Cintia Nobrega	7.00h
18/4	9 : 00 H	17 : 30 H	Cintia Nobrega	7.00h
19/4	9 : 00 H	17 : 30 H	Cintia Nobrega	7.00h
20/4	9 : 00 H	17 : 30 H	Cintia Nobrega	7.00h
21/4	9 : 00 H	17 : 30 H	Cintia Nobrega	7.00h
24/4	9 : 00 H	17 : 30 H	Cintia Nobrega	7.00h
26/4	9 : 00 H	17 : 30 H	Cintia Nobrega	7.00h
27/4	9 : 00 H	17 : 30 H	Cintia Nobrega	7.00h
28/4	9 : 00 H	17 : 30 H	Cintia Nobrega	7.00h
/	: H	: H		
/	: H	: H		

Supervisor _____

Orientador(es) Susana Leal

Cant



Politécnico
de Viseu

Escola Superior
de Educação
de Viseu

Mestrado em Intervenção Psicossocial com Crianças e Jovens em Risco
Estágio

Ano letivo 2022/2023

Folha de Presença

Local de Estágio Paróquia Diocesana de Viseu, Centro Comunitário

Aluno(a) Carolina Freitas Nobrega

Mês Maio

Dia	Hora de entrada	Hora de saída	Rubrica	Total de horas
2/5	9 : 00 H	17 : 30 H	Carolina Nobrega	7.00h
3/5	9 : 00 H	17 : 30 H	Carolina Nobrega	7.00h
4/5	9 : 00 H	17 : 30 H	Carolina Nobrega	7.00h
5/5	9 : 00 H	17 : 30 H	Carolina Nobrega	7.00h
8/5	9 : 00 H	17 : 30 H	Carolina Nobrega	7.00h
9/5	9 : 00 H	17 : 30 H	Carolina Nobrega	7.00h
10/5	9 : 00 H	17 : 30 H	Carolina Nobrega	7.00h
11/5	9 : 00 H	17 : 30 H	Carolina Nobrega	7.00h
15/5	9 : 00 H	17 : 30 H	Carolina Nobrega	7.00h
16/5	9 : 00 H	17 : 30 H	Carolina Nobrega	7.00h
17/5	9 : 00 H	17 : 30 H	Carolina Nobrega	7.00h
18/5	9 : 00 H	17 : 30 H	Carolina Nobrega	7.00h
19/5	9 : 00 H	17 : 30 H	Carolina Nobrega	7.00h
22/5	9 : 00 H	17 : 30 H	Carolina Nobrega	7.00h
23/5	9 : 00 H	17 : 30 H	Carolina Nobrega	7.00h
24/5	9 : 00 H	17 : 30 H	Carolina Nobrega	7.00h
25/5	9 : 00 H	17 : 30 H	Carolina Nobrega	7.00h
26/5	9 : 00 H	17 : 30 H	Carolina Nobrega	7.00h
29/5	9 : 00 H	17 : 30 H	Carolina Nobrega	7.00h
30/5	9 : 00 H	17 : 30 H	Carolina Nobrega	7.00h

Supervisor _____

Orientador(es) Inês Leal

Carolina

Anexo B: Plano de Estágio

Objetivos	Atividades	Recursos humanos, materiais e económicos	Cronograma				
			Jan.	Fev.	Març.	Abr.	Maió
<p>Objetivo Geral: Caracterizar/conhecer a Cáritas Diocesana de Viseu nomeadamente o Centro Comunitário.</p> <p>Objetivos Específicos: Conhecer a missão, visão e valores da Cáritas Diocesana de Viseu; Compreender os objetivos do Centro Comunitário de Viseu; Entender a dinâmica do Centro Comunitário; Conhecer a população-alvo; Conhecer a constituição da equipa técnica do centro comunitário; Conhecer e colaborar em atividades implementadas pela equipa técnica, no âmbito da motivação para a escola.</p>	Leitura de documentos essenciais da Cáritas, nomeadamente do Centro Comunitário Bairro Social de Paradinha (Relatórios de atividades; Planos de ação; Planos Individuais de Intervenção (PII); Regulamento interno; etc.);	<p>Recursos humanos: Equipa técnica do Centro Comunitário de Viseu; Estagiária;</p> <p>Recursos materiais: Documentos: Planos de Ação; Relatórios de atividades; entre outros; Regulamento Interno; Processos Individuais. Caderno; Lápis.</p>					
	Leitura dos relatórios de atividades do Centro Comunitário;						
	Observar e acompanhar a dinâmica do Centro Comunitário para compreender o seu funcionamento;						
	Dialogar com as crianças e auxiliar as crianças na organização do estudo/motivação para a escola;						
	Leitura e organização dos processos individuais como forma de conhecer melhor o público-alvo;						
	Dialogar com a equipa técnica e realizar um levantamento das funções, problemas internos e externos do Centro Comunitário.						

<p>Objetivo Geral:</p> <p>Identificar as principais necessidades para planear a intervenção junto dos jovens do Bairro da Paradinha, Viseu.</p> <p>Objetivos Específicos:</p> <p>Identificar os jovens em risco de se tornarem NEET (Not in Education, Employment or Training) e traçar o seu perfil;</p> <p>Informar os jovens sobre o projeto de prevenção relativo aos jovens NEET;</p> <p>Compreender a falta de ligação destes jovens a qualquer sistema formal (de emprego, educação ou formação);</p> <p>Identificar as necessidades educativas, formativas e profissionais específicas de cada jovem;</p> <p>Perceber as suas motivações e objetivos no seu projeto de vida profissional;</p>	<p>Entrevistar jovens dos 17 aos 27 anos em risco de se tornarem NEET.</p>	<p>Recursos humanos:</p> <p>Estagiária;</p> <p>Recursos materiais:</p> <p>Guião de entrevista;</p> <p>Telemóvel (gravar a entrevista);</p> <p>Caderno;</p> <p>Sala;</p> <p>Caneta/Lápis;</p>					
---	--	--	--	--	--	--	--

<p>Entender as suas experiências educativas, formativas e profissionais.</p>							
<p>Objetivo Geral: Perceber se as atividades planejadas apresentam resultados após a intervenção.</p>	<p>Escalas tipo Likert (Pré intervenção e Pós intervenção): proporcionar a cada jovem uma escala, adequada a cada uma das atividades planejadas, com divergentes frases para que colocassem: 1 – Discordo Completamente, 2 – Discordo, 3 – Não discordo nem concordo, 4 – Concordo, 5 – Concordo Completamente, no início de cada atividade e após todas as atividades serem realizadas dar-lhes novamente as escalas iniciais para preencher.</p>						

<p>Objetivo Geral:</p> <p>Auxiliar para a integração profissional, formativa e educacional dos jovens identificados como em risco de NEET e prevenir este fenómeno.</p> <p>Objetivos Específicos:</p> <p>Aumentar a capacidade de resiliência e fortalecer a autoestima;</p> <p>Incentivar a procura do desenvolvimento de projetos individuais que potenciam uma inserção social ajustada e uma inserção laboral reforçada pelos seus potenciais individuais;</p> <p>Entender experiências vivenciadas, medos, inseguranças e outros constrangimentos sentidos pelos jovens;</p> <p>Dar-lhes estratégias para que lidem com as frustrações, insucessos;</p> <p>Desenvolver o pensamento crítico e criativo;</p>	<p>Grupos de Interajuda Social para partilha de competências e experiências profissionais, educacionais e formativas; crenças negativas, dificuldades sentidas; perceber o que se vêm a fazer no futuro, etc. (1/2 vezes por semana – 1h):</p> <p>“Caixa das partilhas” para que escrevam num post-it um medo ou insegurança e depois ser partilhado com todos para que sejam discutidas soluções para o problema em questão, num outro post-it identificar uma certeza, conquista ou desejo para partilhar com o grupo – Objetivo: promover a reflexão, motivação e entreajuda e ainda entender experiências vivenciadas, medos, inseguranças, entre outros constrangimentos (1 sessão);</p> <p>“O que me vejo a fazer no futuro?” escrever num <i>post-it</i> 3 características positivas e negativas que possam influenciar o percurso profissional, educacional ou formativo, noutra <i>post-it</i> escrever o que gostariam de fazer ao nível profissional, escolar ou formativo, posteriormente haverá debate entre os elementos e corelacionamento da</p>	<p>Recursos humanos:</p> <p>Estagiária</p> <p>Equipa técnica</p> <p>Profissionais do Centro de Emprego;</p> <p>Outros profissionais.</p> <p>Recursos Materiais:</p> <p>Caixa;</p> <p>Cadeiras;</p> <p>Papel;</p> <p>Cartolina;</p> <p>Tecidos;</p> <p>Canetas;</p> <p>Computadores;</p>					
--	--	---	--	--	--	--	--

<p>Desenvolver competências de procura ativa de emprego, manutenção do emprego, etc.</p>	<p>informação – Objetivo: compreender objetivos de vida dos jovens, potencialidades, áreas de interesse, perceber ainda se não foram para as áreas identificadas por falta de oportunidades ou outras situações e promover o pensamento crítico. (1 sessão);</p> <p>“Tapete dos sentimentos”</p> <p>Elaboração de uma plataforma de tecido composta por círculos de diversas cores com um sentimento atribuído a cada cor – Objetivo: promover a ajuda, criatividade, a partilha de sentimentos, histórias de vida e compreensão auxiliando na aquisição de motivação, superação de determinadas situações e percepção de que não são os únicos a possuir determinados sentimentos. (1 sessão).</p>						
--	--	--	--	--	--	--	--

--	--	--	--	--	--	--	--	--

	<p>Preparação para entrevistas de emprego, entre outras tarefas de procura ativa de emprego: Criação de currículos e cartas de apresentação, a partir da recolha de dados das entrevistas já realizadas – Objetivo: Desenvolver competências de procura ativa de emprego – (2 sessões – 2 vezes por semana.</p>						
	<p>Sessões com profissionais que lhes proporcionem acesso a informações profissionais, educacionais e formativas como o Instituto de Emprego, entre outros - Objetivo: Dar-lhes conhecimento de estratégias para procura de emprego, formação ou educação, desenvolver competências e incentivar a procura de áreas de interesse. (2 sessões- 1 vez por semana- 1h).</p>						
	<p>Testemunhas que partilhem a sua experiência ao nível de emprego, educação ou formação, nas áreas de interesse identificadas nas entrevistas realizadas aos jovens - Objetivos: motivar a procura e ingresso nos sistemas formais. (Ex: se têm como objetivo tornar-se polícias, seria importante um profissional da PSP para que possa contar a sua experiência nessa área para os motivar a não desistir dos seus sonhos) – (2 sessões – 1 vez por semana- 1h).</p>						

Anexo C: Guião de Entrevista

Guião de Entrevista				
Entrevistados: Jovens NEET				
Entrevistadora: Cíntia Nóbrega				
Etapas	Duração	Objetivos	Conteúdos	Observações
Apresentação	5-6 minutos	<p>Apresentação da entrevistadora;</p> <p>Enquadrar o âmbito em que a entrevista é desenvolvida;</p> <p>Explicar o principal objetivo da entrevista;</p> <p>Clarificar como serão registadas as respostas dadas pelo entrevistado;</p> <p>Colocar o entrevistado à vontade, garantindo-lhe a confidencialidade das suas respostas;</p> <p>Solicitar a colaboração do entrevistado para a presente entrevista;</p> <p>Requerer autorização para a gravação da entrevista através do telemóvel.</p>	<p>A presente entrevista é desenvolvida no âmbito do Mestrado de Intervenção Psicossocial com Crianças e Jovens em Risco, da Escola Superior de Educação de Viseu. O objetivo é proceder à recolha de informações para um projeto de prevenção sobre jovens NEET (Not in Education, Employment or Training - que não trabalham, nem estudam nem fazem formação). Esta entrevista direciona-se a jovens dos 17 aos 27 anos que se encontram em situação de abandono escolar precoce ou até mesmo absentismo, possuam pouca ou nenhuma experiência de trabalho e que após formação estejam em risco de não ingressar nos sistemas formais (de educação, emprego e formação). A entrevista será conduzida pela estagiária Cíntia Nóbrega e os dados serão gravados em registo áudio através do telemóvel. Todavia, a confidencialidade será mantida.</p> <p>Permite que as suas respostas sejam gravadas? A gravação será destruída após transcrição da informação,</p>	

			<p>garantindo-se, sempre, a confidencialidade.</p> <p>Agradeço a sua disponibilidade e participação.</p>	
<p>Desenvolvimento</p>	<p>45 minutos</p>	<p>Proceder à caracterização sociodemográfica dos jovens;</p> <p>Traçar o perfil individual dos jovens;</p> <p>Identificar as necessidades específicas de cada jovem;</p> <p>Entender o percurso de vida do jovem entrevistado;</p> <p>Compreender a falta de ligação do jovem a qualquer sistema formal (de emprego, educação ou formação);</p> <p>Perceber as suas motivações e objetivos de vida;</p> <p>Conhecer experiências que tenham vivenciado;</p>	<p>Caraterização:</p> <p>Qual a sua idade? Qual o seu estado civil? Nível de escolaridade? Tem filhos? Com quem reside? Onde nasceu?</p> <p>Caracterização pessoal:</p> <p>O que acha de si próprio (aspetos positivos e negativos)? Quais as atividades que mais gosta de fazer e as que menos gosta? Se tivesse que se caraterizar em apenas uma palavra, qual seria? Qual é o seu maior sonho?</p> <p>Educação:</p> <p>Fale um pouco do seu percurso escolar e da sua experiência na escola. Há quanto tempo deixou o sistema de ensino? E quais os motivos? O que o faria regressar ao sistema de ensino? Identifique 2 aspetos que mais lhe agradaram no sistema de ensino e os que mais lhe desagradaram.</p>	

			<p>Emprego</p> <p>Já teve experiência no mercado de trabalho?</p> <p>Fale um pouco do seu percurso profissional e da sua experiência (no caso de já ter estado no mercado de trabalho). Que funções desempenhou e por quanto tempo?</p> <p>Por que motivo se encontra desempregado? Tem procurado emprego?</p> <p>Apresente 2 aspetos que lhe agradam no contacto com o mercado de trabalho e outros 2 que lhe desagradem.</p> <p>Formação:</p> <p>Realizou formações? Em que áreas/temas?</p> <p>Fale um pouco do seu percurso formativo. O que o levou a realizar as formações?</p> <p>Apresente 2 aspetos que lhe agradam na formação e outros 2 que lhe desagradem.</p> <p>Opinião:</p> <p>No que toca à educação, formação ou emprego o que gostaria de estar a fazer neste momento?</p> <p>Na sua opinião, porque não está na situação desejada? Pretende sair da mesma?</p> <p>Sente que possui apoio familiar no que se refere à educação, formação ou emprego? Considera que a condição económica familiar condicionou o acesso a outras oportunidades de integração profissional?</p>	
--	--	--	--	--

			<p>Já procurou ou tem conhecimento de estratégias que o ajudem a sair da situação em que se encontra? Porque acha que não se enquadra no sistema escolar, profissional ou formativo? Acha que a cultura onde está inserido é também um fator para não se sentir integrado no sistema?</p>	
Encerramento	5 minutos	<p>Dar oportunidade ao entrevistado de acrescentar dados e/ou informações que considere pertinente;</p> <p>Ressaltar uma vez mais a confidencialidade das respostas que foram dadas pelo entrevistado;</p> <p>Informar sobre a utilização dos dados recolhidos no âmbito do planeamento da intervenção;</p> <p>Agradecer a participação do entrevistado.</p>	<p>Antes de finalizarmos a entrevista, gostaria de acrescentar algo?</p> <p>Informo que os dados por si disponibilizados permitirão delinear uma intervenção no âmbito da integração profissional, formativa e educacional, na qual poderá participar. Acrescento uma vez mais que a confidencialidade das suas respostas será garantida.</p> <p>Grata pela sua participação.</p>	

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

No âmbito do Mestrado em Intervenção Psicossocial com Crianças e Jovens em Risco da Escola Superior de Educação de Viseu, solicita-se a sua colaboração numa entrevista que se insere num projeto de prevenção sobre o tema “Jovens NEET” (que não estão em formação ou emprego)”. A entrevista tem por objetivo recolher informações sobre a sua situação face à formação e trabalho, que permitirão delinear uma intervenção no âmbito da integração profissional, formativa e educacional, na qual poderá participar.

Dado tratar-se dum tema que foca alguns aspetos da vida pessoal, salienta-se que toda a informação que prestar é confidencial e anónima, sendo utilizados apenas para fins de investigação e intervenção no âmbito do projeto, nunca sendo dados a conhecer de modo individual. Pretende-se gravar a entrevista (áudio), cuja decisão de autorização pode ser tomada em momento posterior (até ao início da entrevista) e, em caso de aceitação, o registo áudio será destruído após a transcrição dos dados. Acresce que poderá desistir de participar a qualquer momento, sem qualquer prejuízo pessoal.

Agradece-se, desde já, a sua atenção e disponibilidade em colaborar.

Eu, _____ compreendi a informação que me foi fornecida acerca do estudo acima mencionado, tendo-me sido dada a oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias. Por isso, consinto a participação no estudo e intervenção decorrente, respondendo a todas as questões propostas e permito que estas informações sejam utilizadas em futuros estudos e intervenções associadas, podendo desistir de participar a qualquer momento, sem que daí resulte qualquer prejuízo.

Viseu, ____ de _____ de _____

Assinatura do entrevistado participante: _____

Assinatura do investigador responsável: _____

Anexo E: Questionário (pré intervenção e pós intervenção) atividade “Caixa das Partilhas”

1	2	3	4	5
Discordo Completamente	Discordo	Não discordo nem concordo	Concordo	Concordo Completamente

		1	2	3	4	5
PESSOAL E SOCIAL	1. Tenho capacidade de encontrar soluções perante os problemas.					
	2. Sinto-me confortável ao partilhar o que sinto.					
	3. Sei reconhecer quando alguém precisa de ajuda.					
	4. Ao tomar uma decisão consigo pensar nas possíveis consequências.					
	5. Consigo perceber que nem sempre as minhas ideias podem ser aceites pelos outros.					
	6. Reconheço as minhas qualidades e defeitos.					
	7. Sou responsável por assumir os meus erros.					
	8. Faço coisas que sei que estão erradas.					
	9. Sou capaz de entender e respeitar as opiniões dos outros.					
	10. Sei respeitar os outros independentemente das diferenças.					

Anexo F: Questionário (pré intervenção e pós intervenção) atividade “O que me vejo a fazer no futuro?”

1	2	3	4	5
Discordo Completamente	Discordo	Não discordo nem concordo	Concordo	Concordo Completamente

		1	2	3	4	5
PESSOAL E PROFISSIONAL	1. Sei lidar com situação positivas e negativas no âmbito do trabalho, escola ou formação.					
	2. Consigo planear e implementar objetivos para o meu futuro.					
	3. Pretendo ter uma profissão que me faça sentir realizado.					
	4. Sou capaz de lutar pelos meus objetivos.					
	5. Sei ouvir sem fazer juízos de valor.					
	6. Sou persistente ainda que a situação não seja fácil.					
	7. Percebo que as minhas escolhas atuais irão influenciar o meu futuro.					
	8. O meu futuro profissional preocupa-me.					
	9. Por vezes tenho dificuldade em realizar o meu trabalho devido ao lazer e diversão.					
	10. Comporto-me de acordo com o contexto em que me insiro.					
	11. Tenho capacidade de me adaptar a mudanças radicais.					

Anexo G: Questionário (pré intervenção e pós intervenção) atividade “Tapete dos sentimentos”

1	2	3	4	5
Discordo Completamente	Discordo	Não discordo nem concordo	Concordo	Concordo Completamente

		1	2	3	4	5
EMOCIONAL	1. Eu reconheço e sou capaz de identificar as minhas emoções.					
	2. Sou capaz de entender as minhas fragilidades.					
	3. Sou impulsivo.					
	4. Sinto-me frustrado quando alguma coisa não corre como eu esperava.					
	5. Sinto que dou sempre o meu melhor em tudo o que faço.					
	6. Sou capaz de pensar antes de agir e tomar decisões.					
	7. Sou demasiado exigente comigo próprio.					
PESSOAL	8. Sou capaz de me automotivar para o que mais desejo.					
	9. Tento sempre colocar-me no lugar do outro antes de agir.					
	10. Sei que poderia ser menos conflituoso.					
	11. Sou capaz de distinguir o certo do errado.					
	12. Considero-me uma pessoa de confiança.					

Anexo H: Questionário (Pré-intervenção e Pós intervenção) acerca da empregabilidade da atividade "Preparação para entrevistas de emprego e outras tarefas de procura ativa de emprego"

1	2	3	4	5
Discordo Completamente	Discordo	Não discordo nem concordo	Concordo	Concordo Completamente

		1	2	3	4	5
PESSOAL E PROFISSIONAL	1. Já procurei responder a anúncios de emprego.					
	2. Já me inscrevi no centro de emprego.					
	3. Procuo ativamente emprego.					
	4. Já elaborei um currículo					
	5. Já elaborei uma carta de apresentação.					
	6. Sinto que possuo autonomia para procurar emprego.					
	7. Sinto-me motivado a continuar a procurar emprego apesar das diversas recusas que posso estar sujeito.					
	8. Sou curioso a explorar novas técnicas de autoconhecimento.					
	9. Se sentir dificuldade na elaboração de um currículo ou carta de apresentação, tenho capacidade de procurar ajuda.					
	10. Consigo realizar as tarefas que me são propostas.					

Anexo I: Questionário (Pré-intervenção e Pós intervenção) atividade "Preparação para entrevistas de emprego e outras tarefas de procura ativa de emprego"

1	2	3	4	5
Discordo Completamente	Discordo	Não discordo nem concordo	Concordo	Concordo Completamente

		1	2	3	4	5
PROFISSIONAL	1. Conheço alguns serviços que proporcionem acesso a informações profissionais, educacionais e formativas. (Instituto do Emprego e Formação Profissional, Associação Social Escolar, etc.).					
	2. Sinto que tenho mais esclarecimento relativamente a informações profissionais, educacionais e formativas.					
	3. Sei onde posso ter acesso a anúncios de emprego, educação ou formação.					
	4. Sinto-me motivado para procurar novas oportunidades de emprego.					
	5. Sinto que a minha procura será apoiada pelas entidades competentes.					
	6. Sinto que possuo autonomia para procurar emprego.					
	7. Enquanto futuro trabalhador tenho noção dos meus direitos e deveres.					
	8. Estou disposto a outras oportunidades de integração profissional.					
	9. Sou capaz de planear e informar-me antes de tomar decisões.					
	10. Sinto que me consigo preparar para o futuro.					

Anexo J: Questionário (pré intervenção e pós intervenção) atividade “Partilha de experiências de profissionais”

1	2	3	4	5
Discordo Completamente	Discordo	Não discordo nem concordo	Concordo	Concordo Completamente

		1	2	3	4	5
PESSOAL, SOCIAL E PROFISSIONAL	1. A partilha das experiências dos profissionais é algo enriquecedor para o meu futuro.					
	2. As partilhas de experiências motivam-me a seguir o que eu gosto.					
	3. Sinto que não é impossível concretizar os meus objetivos.					
	4. Sinto que os meus objetivos podem gerar novas oportunidades a nível profissional e pessoal.					
	5. A partilha de experiências profissionais contribuem para elaborar objetivos a longo prazo.					
	6. Sinto alguma insegurança no alcance do meu objetivo.					
	7. Acredito que irei passar a fazer parte dos sistemas formais.					
	8. Gostaria de ter um emprego ou formação que me fizesse sentir realizado.					
	9. Tenho autoconfiança.					
	10. Sinto-me capaz de fazer coisas que ainda não fiz, se tentar.					

Anexo K: Tabela de análise de conteúdo

Entrevistados	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P9	P10	P11	P12
Género	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino	Feminino	Feminino	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino
Qual a sua idade?	24 anos	17 anos	19 anos	19 anos	19 anos	20 anos	24 anos	25 anos	19 anos	21 anos	18 anos	27 anos
Qual o seu estado civil?	Solteiro	Solteiro	Solteiro	Solteiro	Solteira	Solteira	Solteiro	Solteiro	Solteiro	Solteiro	Solteiro	Solteiro
Nível de escolaridade?	7º ano	7º ano	9º ano	9º ano	9º ano	12º ano	12º ano	12º ano	9º ano	9º ano	11º ano	9º ano
Tem filhos?	2 filhos	Não	Não	Não	Não	Não	1 filha	Não	Não	Não	Não	1 filha
Situação face ao emprego?	A trabalhar	Desempregado	Desempregado	Desempregado	Desempregada	Desempregada	Desempregado	Desempregado	Desempregado	Desempregado	Estudante	Desempregado
Com quem reside?	“Pai, mãe, irmãos e cunhada”	“avó e irmão”	“com os meus pais e o meu irmão.”	“com os meus pais e os meus 2 irmãos”	“com o meu pai e com a minha mãe.”	“Com a minha mãe e minhas 3 irmãs.”	“Com os meus pais”	“Neste momento com os meus pais e a minha companheira”	“eu moro sozinho”	“Moro com os meus pais e irmão”	“Com os meus pais e irmãs”	“Com os meus pais e a minha companheira”
Onde nasceu?	Porto	Viseu	Viseu	Viseu	Viseu	Bélgica	Viseu	Viseu	Viseu	Viseu	Viseu	Viseu
O que acha de si próprio (aspectos positivos e negativos)?	“Eu só sou brincalhão, só isso, também sou calmo, mas tem dias. Gosto das pessoas que gostam de mim. Negativos	“sou brincalhão, às vezes não me apetece fazer nada, também sou amigo e leal àqueles que eu acho que devo ser	“Bem sou brincalhão, amigo, sou uma pessoa que respeita as outras pessoas acima de tudo, não é? Não tenho mais nada. Não	“amigo, também sou um bocado brincalhão. Negativos bem às vezes sou teimoso”	“Sou uma pessoa simpática, estou sempre disposta para tudo e para todos, sou uma pessoa que alinha em tudo. Negativos acho que sou	“sou amiga, gosto das pessoas e ajudá-las, adoro conversar com todo o mundo e sou muito amigável e sociável. Negativos, sou muito	“Eu sou amigo, respeitoso e sincero. Negativos é que é o pior, sou um pouco teimoso.”	“Sou uma pessoa pacífica, gosto de me dar bem com as pessoas, gosto de estar no meu espaço” “sincero e frontal”	“sou boa pessoa, sou humilde. Negativos, às vezes não bato bem, teimoso e é isso”	“Negativos não tenho nenhuns. Positivos (...) sou um homem responsável, faço os meus próprios negócios vendendo e compro	“Negativos eu sou muito preguiçoso, não sei muito bem falar com as pessoas	“sou alegre, leal, brincalhão, tenho sempre respeito.” “sou um bocado teimoso, chato e de vez em

	não tenho nenhuns.”	porque nem toda agente é amigo. Negativos eu sou teimoso, irritante e chato às vezes.”	tenho nada de negativo.”		muito nervosa e sou muito explosiva.”	teimosa e também me zango por tudo.”				carros (...) sou um jovem giro.”	Positivo s eu sou perseverante, sou simpático, calmo e respeita dor.”	quando sou ansioso e por vezes quando tenho compromissos com algum amigo ou assim, deixo as pessoas esperarem um bocadinho.”
Quais as atividades que mais gosta de fazer e as que menos gosta?	“Gosto de trabalhar, estar com os meus colegas, jogar futebol e fumar umas toucas”	“Nada” “Mexer no telemóvel que assim sei metade do que se passa no mundo e gosto de jardinagem. Não gosto de jogar à bola.”	“jogar à balsa, jogar à malha, gosto de conduzir e mexer no telemóvel. As que menos gosto é correr.”	“Jogar futebol, mexer no telemóvel e videogames. A que não gosto mesmo é estudar.”	“gosto de estar com os amigos, também gosto de estar no telemóvel, mas prefiro sair com os amigos e fazer convívios, também gosto de tudo o que é de beleza. O que eu não gosto é de estar muito tempo parada.”	“Gosto de cozinhar, ver filmes e dançar. Não há nada que não goste de fazer, gosto de fazer tudo.”	“jogar futebol, estar com os amigos e com a família, na verdade gosto de tudo um pouco.”	“Gosto de estar com os meus amigos, gosto de passear também, ver televisão, gosto de fazer várias coisas. O que eu não gosto mesmo nada é de ler”	“Gosto de sair, fumar, beber, jogar à bola aqui no bairro. O que menos gosto é ficar em casa, estudar, não gosto da escola, trabalhar eu trabalho de vez em quando porque eu gosto”	“Gosto de dormir, gosto de ir ao café jogar um bilhar, setas e matraquilha, gosto de passear, gosto de ganhar dinheiro e gosto de conduzir com velocidade. O que menos gosto de fazer é acordar cedo”	“Eu gosto de jogar no computador e à bola com os amigos, gosto de programar e ver séries. Eu não gosto de estudar, mas estudo e tiro bons resultados”	“Gosto de jogar futebol, mas agora não tenho jogado. As atividades de hoje em dia é telemóvel. Gosto de carros e gostava de ser mecânico, mas não tenho cabeça para isso, mas até gosto de aprender. Gosto de fazer

												negócios e estar com a minha filha.”
Se tivesse que se caracterizar em apenas uma palavra, qual seria?	“Brincalhão”	“sei lá eu talvez frio porque sou assim um bocado mau.”	“Humilde”	“Humilde”	“corajosa, eu sou corajosa para tudo, medo curiosidade, tudo mesmo”	“sou muito alegre”	“Sincero”	“Tranquilo”	“Bom rapaz”	“bonito”	“Perseverante”	“Sou uma pessoa humilde.”
Qual é o seu maior sonho?	“Cozinha ou servir às mesas. Sempre foi desde criança”	“um sonho mesmo era ser rico, se fosse rico comprava um estádio, só droga e uma estufa”	“é ser rico. Milionário.”	“gostava muito de ser futebolista”	“o meu maior sonho é ser mãe”	“era ser chefe de cozinha”	“ser futebolista”	“Ser pai”	“Ser mecânico, é uma coisa fixe”	“Eu gostava de ser juiz ou advogado para ver se havia menos racismo.”	“O meu sonho era ter um bom emprego ou uma empresa.”	“sair daqui, ter casa própria... um casarão grande mesmo... ter a minha vida orientada”
Fale um pouco do seu percurso escolar e da sua experiência na escola.	“Foi boa e ao mesmo tempo não (...) eu faltava à escola, andava com más companhias (...) comecei a ser mais bandido porque as pessoas diziam que eu era mau”	“Eu era raro ir à escola (...) não gosto da escola prefiro um trabalho”	“Gostei da escola”	“As minhas notas foram mais ao menos (...) entrei mais tarde na escola, tipo com 12 anos e eles tinham 10, mas andava com os meus amigos que já lá estavam há muito	“foi uma boa experiência em tudo, que foi desde que entrei para a sala ENA na Infante, aquilo para mim era uma segunda casa. Eu andava com meninos que tinham deficiências e essas coisas e, andei lá	“A minha foi boa, tinha os meus amigos gostava de conversar e rir. Eu como venho de outro lado sempre tive curiosidade em saber como eram as pessoas cá.”	“correu tudo bem, foi aqui na primária né e depois passei para a Infante D. Henrique e conclui lá o 9º ano. Foi uma boa experiência, conheci novas pessoas, fiz amigos, tinha de estudar, mas não era uma coisa	“Eu na escola sempre fui uma pessoa muito calma, tranquila, depois houve aquela altura em que uma pessoa é um bocadito rebelde (...) há novos conhecimentos que envolvem o álcool e essas coisas,	“Foi fixe, ia poucas vezes à escola porque não gostava, ia para a escola só que não ia às aulas. Na escola eu tinha amigos, mas também tinha muitos inimigos	“Eu não gostei da escola, era muito cansativo e não aprendi nada na escola. Dava sempre a mesma matéria e depois tínhamos muito tempo de escola uma hora e meia	“No início eu gostava de ir à escola, como toda agente, mas depois achei uma parte das coisas muito repetitivas (...)	“fui um bocadinho rebelde, mas sempre fui educado com as professoras, mas no que toca a estudar eu desleixei-me para aquilo...lá está

				tempo. Os professores eram fixolas”	porque chumbei várias vezes.”		que gostava muito”	uma pessoa tem sempre aquela curiosidade (...) depois houve uma altura que também não gostava muito de ir às aulas, faltava muito.”	porque às vezes era mau, gostava de lutar. Os professores eram fixos, eu também esta poucas vezes com eles.”	e, depois tínhamos só 10 min de intervalo, então não dava aquilo era uma dor de cabeça e muito stressante”	tinha sempre as melhores notas, mas depois comecei a ficar também um bocadinho desmotivado nas notas, mas tive sempre no geral uma boas notas (...) às vezes também pode ser por causa do contexto da aula, de eu ser um bocadinho mais velho acaba por já não me apetecer estar	aquilo que eles pensavam de mim eu mostrava e aquilo que eu não era, mandava um papel para alguém, anda sempre na brincadeira e tal, não levava as coisas a sério.”
--	--	--	--	-------------------------------------	-------------------------------	--	--------------------	---	--	--	--	---

												muito lá.”	
Há quanto tempo deixou o sistema de ensino? E quais os motivos?	“Eu não gostava mesmo da escola só andava lá por causa dos meus tios (...) começaram a criar-me mais como um menino que deveria ir para escola”	“há uns 6 meses. Eu deixei porque fui-me embora para a França estive lá e depois fui para o Algarve com uma rapariga e depois vim outra vez embora para Viseu.”	“desde os meus 17 anos. Motivo não sei.”	“aos 17 anos fiz o 9º ano, mas ainda andei ali um bocado na comercial e depois deixei a meia. Eu deixei porque comecei a ir de vez em quando, depois começou as férias e, entretanto, ia fazer 18 anos e pronto nunca mais fui.”	“deixei em junho antes de fazer os 18 (...) eu sabia que não era aquilo que eu queria para a minha vida, não queria estudar, eu acho que era isso, para mim estudar está fora de questão.”	“Terminei a escola quando cumpri os 18 anos. Eu ainda me inscrevi na universidade e para gastronomia, mas faltou-me informação por parte da escola (...) acabei por não entrar.”	“Devia ter uns 15/16 anos, deixei porque tive de ir para França trabalhar na parte da agricultura.”	“Já foi para aí a uns 5 anitos ou 6 (...) deixei a escola na altura em que comecei a faltar muito e depois já não me interessei mais pela escola na altura, ainda cheguei a fazer até o 9º ano.”	“Deixei tinha 18 anos (...) porque não gosto de estudar, não tenho paciência nem consigo acordar de manhã, custa muito acordar cedo.”	“Acho que foi com 17 anos, deixei porque não apreendia nada e porque era uma dor de cabeça.”	(Não se adequa, pois encontra-se a estudar)	“Deixei desde os 18 anos, não cheguei a acabar o 12º ano tava a tirar uma formação profissional de turismo, acabei por desistir, mas era obrigatório estudar até os 18 anos.” “(…) uma pessoa começa a crescer cedo anda por aí com 13/14 anos e pensa que já é adulto, começa a vir o tabaco, o álcool, umas gansas e começa a	

												pensar “eu não preciso nada disto”
O que o faria regressar ao sistema de ensino?	“eu sei que os professores não, os meus colegas antigos também não e os castigos que eu tinha também não (...) a escola para mim não (...) para acabar o 9º ano sim voltava, mas para o resto népia”	“Nada, está fora de questão. A escola é um 0.”	“Não sei.”	“os amigos”	“Neste momento era só a Sala ENA que me faria voltar, os amigos de lá, os professores, tinha muitos bons momentos lá.”	“Nada, acho que estou bem como estou agora, mas se entrasse na universidad e eu ia porque é uma coisa que estou a pensar em ir, gostava de tirar o curso em Espanha.”	“(…) já não regressava à escola, a não ser que voltássemos atrás.”	“Neste momento o que me faria regressar é por ser mais fácil para arranjar trabalho, mas não sei se conseguia voltar à escola.”	“Nada, não gostei da escola, ouvir os professores era uma ganda seca.”	“Nada, eu não regressava porra.”	(Não se adequa, pois encontra-se a estudar)	“Nada, como é que eu te vou explicar... hoje eu olho para o mundo e de que é que me vai orientar tirar um curso, não me vai orientar de nada”
Identifique 2 aspetos que mais lhe agradaram no sistema de ensino e os que mais lhe desagradaram.	“os que mais gostava era estar com os meus amigos e fugir da escola, os que menos gostava eram os stroses e o DT”	“a única coisa que eu gosto na escola é o intervalo e às vezes nem do intervalo gosto porque mal saiu da aula já vou para a direção.”	“gosto de estar com os meus amigos e é só. Não gosto de ter faltas.”	“gosto dos amigos, de educação física, dos professores também gostava, mas havia sempre um ou outro que nem tanto. O que menos gosto é escrever e estudar.”	“o que menos gosto é educação física e ir para a sala de aula. O que eu gostava era estar na Sala ENA e também gosto de fazer atividades na sala e os colegas	“Gosto de chatear os professores e conhecer novas pessoas. O que menos gosto é de fazer trabalhos e tarefas.”	“negativos é mesmo o estudar. O que mais gostava era conviver com os amigos e jogar à bola, na altura era tudo mais bonito.”	“Gostava dos amigos como é normal, agora ler nunca foi o meu forte de livros nunca gostei.”	“Não gosto nada de estudar e estar sentado a ter de ouvir os professores . A única coisa que gosta era me encontrar com os amigos.”	“Gostava do intervalo e dos meus amigos, o que menos gostava era as aulas e a da direção da escola porque ia muito para lá.”	“Gosto da libertad e, da facilidad e com que nós falamos com os professores e também gosto muito do interess e que os	“Uma pessoa sempre conhece amigos e antes de acabar o 9º ano até gostava e ia todos os dias, mas lá está sempre houve aquela

					também gosto.”						professores demonstraram pelos alunos. O que menos gosto na escola é ela ser muito longe, ter que acordar cedo”	maluqueira.” “(…) para tirar uma dúvida, as vezes tinha um complexo de falar e dizer “não percebi isto ou não percebi aquilo” porque as outras pessoas podiam pensar que agente por ser de etnia podíamos ser um bocadinho menos inteligente.”
Já teve experiência no mercado de trabalho?	Encontrase a trabalhar	Já teve experiência	Não teve experiência	Não teve experiência	Não teve experiência	Já teve experiência	Já teve experiência	Já teve experiência	Já teve experiência	Já teve experiência	Não teve experiência	Já teve experiência
Fale um pouco do seu percurso profissional e da sua	“Para além de ter servido às mesas (...) tive também	“já tive (...) na apanha dos pintos durante umas 3 ou 4 semanas	(Não foi realizada a questão uma vez que não teve	(Não foi realizada a questão uma vez que não teve	(Não foi realizada a questão uma vez que não teve experiência	“Na feira de São Mateus (...) primeiro vendia faturas e	“Eu em França trabalhei em várias coisas de agricultura,	“Eu estive em hotelaria, empregado de mesa durante uns 6 meses,	“Eu já estive em França, ou lá o que é, a podar e foi só. Mas	“Em França não vale apenas ir porque é muito difícil, aquilo ali	(Não foi realizada a questão uma vez que não	(...) tive na restauração como empregado de

<p>experiência (no caso de já ter estado no mercado de trabalho).</p>	<p>experiência nas vindimas, carpintaria e agora estou na apanha dos pintos” “O trabalho que eu estou agora não é o que eu gosto, dói-me muitos as costas, mas vou ser sincero eu vou porque gosto de trabalhar e receber o meu, senão não ia.”</p>	<p>não foi mais do que isso, aquilo é fixe mas chega a uma certa hora que começa a doer as costas e tive na França a podar durante 1 mês.”</p>	<p>experiência no mercado de trabalho)</p>	<p>experiência no mercado de trabalho)</p>	<p>no mercado de trabalho)</p>	<p>depois fui para um restaurante ” “Foi boa, mas muito cansativa porque era todos os dias até a feira terminar.”</p>	<p>fui para lá em 2004 tive durante 2 anos para aí, depois regressamos e fomos novamente em 2015 e viemos em 2018, meu pai teve um acidente viemos. Mas costume lá ir todos os anos em setembro fazer a vindima e isso.”</p>	<p>trabalhei como UberEats, tive também naqueles trabalhos temporários que era COMAVE que é uma empresa de frangos cá em Viseu, tive também a trabalhar no embalamento de vinhos cá em Viseu, trabalhei também nas pinhas e em feiras semanais, também tive em contagem de pessoas no autocarro (...) muitos foi porque precisava do dinheiro na altura.”</p>	<p>até foi fixe, era tranquilo e serviu para ver se gosto ou se não gosto de trabalhar (...) mas tipo para fora de Portugal nunca mais (...) o tempo parece que não passa. Eu tive de ir porque precisava de dinheiro”</p>	<p>dói muito as costas e estar longe da família, mas aquilo custa muito é um trabalho muito pesado (...) fiquei lá 10 dias, pagaram-me 1200€ e depois fui embora.” “Nas obras eu só fingia que limpava e eles pagavam. Na UberEats tirava 200/300€ por semana.”</p>	<p>teve experiência no mercado de trabalho)</p>	<p>mesa no Algarve e nesse ia só no verão, tive aqui a trabalhar numa fábrica de frangos durante pouco tempo durante 1 mês ou 2 meses foi tipo umas horas, tive a varrer ruas durante umas horas e já fui vigilante na ETAR durante muito tempo e já estive na feira de São Matheus.”</p>
<p>Que funções desempenhou e por quanto tempo?</p>	<p>(respondeu na pergunta anterior)</p>	<p>(respondeu na pergunta anterior)</p>	<p>(Não foi realizada a questão uma vez que não teve experiência no mercado</p>	<p>(Não foi realizada a questão uma vez que não teve experiência no mercado</p>	<p>(Não foi realizada a questão uma vez que não teve experiência no mercado de trabalho)</p>	<p>“O das faturas ficava das 9 horas até as 19 horas, no restaurante ficava das 11 horas</p>	<p>(respondeu na pergunta anterior)</p>	<p>(respondeu na pergunta anterior)</p>	<p>(respondeu na pergunta anterior)</p>	<p>“Tive em França nas vindimas, trabalhei também nas obras em aqui em Viseu, mas foi só</p>	<p>(Não foi realizada a a questão uma vez que não teve experiência no</p>	<p>(respondeu na pergunta anterior)</p>

			de trabalho)	de trabalho)		até para aí à meia-noite.”				limpar, o dos carros sou eu sozinho e também já tive na UberEats durante 1 ano e meio”	mercado de trabalho)	
Por que motivo se encontra desempregado? Tem procurado emprego?	(Não foi realizada a questão, uma vez que se encontra a trabalhar)	“eu já agora tinha uns 5 ou 6 trabalhos e não quis ir porque não tinha ninguém que me dissesse para ir”	“Não”	Desempregada	Desempregada	“Estou a tirar uma formação porque inscrevi-me no centro de emprego e de lá mandaram-me para a formação.”	“eu to desempregado porque também estou a receber o RSI é por causa disso, mas agora estou a fazer uma formação que tem a ver com o centro de emprego também. ”	“Eu estou desempregado, só estou mesmo a tirar a formação”	“Não fui ao curso por causa de um sítio que eu estive.”	“Porque estou a tirar uma formação para tirar o 12º ano.”	Estudante	(...) estou desempregado porque não adianta estar a trabalhar para enriquecer os outros e nós perdemos o nosso tempo todo, muitas vezes ficamos abaixo de escravos. ”
Apresente 2 aspetos que lhe agradam no contacto com o mercado de trabalho e outros 2	“gosto de trabalhar e receber o meu”	“eu gosto de receber o meu, mas custa um bocado e às vezes vamos pelas maneiras mais fáceis	(Não foi realizada a questão, uma vez que não teve experiência no mercado de trabalho)	(Não foi realizada a questão uma vez que não teve experiência no mercado de trabalho)	(Não foi realizada a questão uma vez que não teve experiência no mercado de trabalho)	“Não tem nada positivo é muito cansativo”	“Gosto da motivação que o trabalho dá e aprendizagem. Não há nada assim que não goste no trabalho.”	“teve pontos negativos e positivos como qualquer trabalho. Eu na hotelaria dava-me super bem com o patrão (...) passei	“Gosto de receber o ordenado, o que menos gosto é trabalhar.”	“Não gosto de trabalhar é muito chato (...) e pagam muito pouco, exigem muito de	(Não foi realizada a questão uma vez que não teve experiência no mercado de	“Eu gosto de estar no ativo, resolver problemas, lidar com gente, gosto de um trabalho

que lhe desagrada m.		de ganhar dinheiro.” “o trabalho é duro.”						também por discriminação em alguns.”		uma pessoa.”	trabalho)	assim mais dinâmico” “O que eu não gosto é que às vezes aparece-me cada burro que não entende o que agente quer e criam confusões que não resolvem de nada e a superioridade que algumas pessoas têm no trabalho”
Realizou formações ? Em que áreas/temas?	“tive um curso de tomar conta de crianças, idosos, essas coisas assim e tive um mês de estágio numa escola” “também fiz 1 ano de	“já tive formação na jardinagem na tropa durante 3 meses”	“estou em formação” “estou a tirar Geriatria”	“Não, mas já entreguei umas folhas para tirar o 12º ano”	“já, fiz 2 em Geriatria, mas uma eu não concluí.” “estou a fazer uma agora para concluir o 9º ano”	“estou a tirar formação em Técnico de Qualidade que é 1 ano” “também fiz uma de Marketing durante uns 4 ou 5 meses nada mais.”	“Estou a fazer uma formação agora (...) é para tirar o 12º ano”	“Eu estou a tirar um curso de Técnico de Qualidade”	“Já fiz mais duas, uma em operador de jardinagem e outra de empregado de restaurante e bar.”	“Primeiro acho que estou a tirar Estudos que é durante 3 anos e depois é que tiro o do 12º ano.”	“Também não.”	“(…) eu já fiz muitas, mas não sei assim já...olha fiz de práticas administrativas, fiz primeiros socorros, fiz geriatria, fiz sobre incêndios,

	jardinagem, mas não acabei”											fiz mesmo muitas”
Fale um pouco do seu percurso formativo.	“falto muito, o motivo é para fumar e as aulas que não gosto de estar muito tempo sentado começo a mexer-me mais e a olhar para um lado e outro”	“até agora não tive chatices”	“está a ser fixe” “apenas está a ser bom”	(Não foi realizada a questão, pois não teve experiência em nenhuma formação)	“o meu foco neste momento não é a formação, mas sim concluir o 9º ano” “Na formação (...) entro, faço o que tenho de fazer se tiver de sair mais cedo deixam-me sair, ando com pessoas mais velhas, ando com a minha mãe, meu avô, com tias...é tudo diferente.” “a professora ajuda-nos muito”	“Tive conhecimento da formação por causa da minha mãe e senti-me bem na formação porque foi uma experiência nova, conheci muitas pessoas e tive mais conhecimento do tema.”	“Foi boa e gosto porque também não é bem aquela rigidez como se tem nas outras escolas (...) ajudam-nos um bocado e dão-nos uns testes e um manual e uma pessoa sempre vai vendo.”	“Está a ser boa (...) e é mais fácil não tem nada a haver com uma escola normal, lá é coisas mais básicas está a perceber? Não é tão rigoroso.”	“Por acaso curtia dessas principalmente o de empregado de restaurante e bar, mas às vezes também me inspirava um pouco na jardinagem por causa das máquinas multifunções que o barulho lembrava motores e carros.”	“Está a ser bom”	(Não foi realizada a questão uma vez que não teve experiência formativa)	“(...) uma pessoa está desempregada está sempre a fazer 25 horas ou 50 horas...a panhas um conhecimento ou outro, mas é mais por causa do dinheiro.”
O que o levou a realizar as formações ?	“ganha-se o seu”	“foi na escola, foi eu que pedi à escola e eles deram-me”	“foi por vontade própria e estava a precisar de dinheiro também”	(Não foi realizada a questão, pois não teve experiência em nenhuma formação)	“Foi mesmo só para o 9º ano” “eu se tirar o 9º ano, um dia mais tarde posso tirar o 12º ano e a algum dia se quiser entrar numa	(Respondeu na pergunta anterior)	“é sempre bom ter o 12º ano”	“Eu tirei esta formação porque não estava a fazer nada e aproveitei e ganhasse um dinheirito.”	“estava num centro educativo e era obrigado a fazer isso.”	“Porque me pagavam, um gajo não faz nada e pagam para mim é bom, ganhamos uma média de 300/350€ e	(Não foi realizada a questão uma vez que não teve experiência formativa)	“O dinheiro, porque é sempre algum que entra e o socializar, porque em 50 horas vais aprender

					formação e trabalhar em algum lado, posso.”					ainda nos pagam mais 130€ e não fazemos nada, por isso é que gostamos tanto de formações.”		o que? Não se aprende nada.”
Apresente 2 aspetos que lhe agradam na formação e outros 2 que lhe desagradam.	“eu da formação até gosto, tá-se bem, ganha-se o seu e há pessoas que estão lá que ajudam e assas cenas, só não gosto de estar muito tempo sentado.”	“Gosto de fazer amigos e ganhar dinheiro. O que menos gosto é de estar sentado muito tempo.”	“gosto de estar com as pessoas e do dinheiro como é normal que toda gente gosta” “coisas de médicos eu não gosto, não percebo nada disso.”	(Não foi realizada a questão, pois não teve experiência em nenhuma formação)	“Gosto da convivência e dos amigos. Não há nada que não goste na formação.”	“gosto de estar conversando e rir-me com as pessoas, não gosto de algumas formadoras e dos trabalhos que mandam complicados e que me confundem.”	“Eu gosto de tudo, principalmente e do ter mais apoio”	“São boas pessoas, formadoras e essas coisas assim e pagam bem, isso é o que interessa.”	“Não tinha aspetos negativos, eles ajudam muitos prefiro os formadores do que as professoras, na escola têm a mania que sabem tudo, no fundo gostava de estar na formação porque também podia ir para a rua como estava no centro educativo.”	“A formação é fixe porque é pouco tempo, conversamos lá o que é bom, só não gosto de acordar cedo e dos trabalhos que às vezes dão para fazer.”	(Não foi realizada a questão uma vez que não teve experiência formativa)	“(…) odeio fazer formações online porque aquilo não tem lógica nenhuma uma pessoa tem de estar sempre ali no telemóvel em casa e muitas vezes adormecida, os trabalhos que as vezes dão que não têm lógica nenhuma, não acho interesse nenhum, não acho piada”

<p>No que toca à educação, formação ou emprego o que gostaria de estar a fazer neste momento?</p>	<p>“cozinha ou servir às mesas”</p>	<p>“Gostava de fazer jardinagem, não tenho mais nada assim que goste.”</p>	<p>“gostava de ter um stand de carros”</p>	<p>“Futebolista, acho que não queria mais nada, mas também ainda não sei bem. Aliás também não me importava de ser mecânico.”</p>	<p>“gostava de ser contabilista, mas preferia ser mãe.”</p>	<p>“eu gostava de ser chefe de cozinha”</p>	<p>“Não sei, acho que era mesmo ser futebolista”</p>	<p>“gostava de ser empresário de carros”</p>	<p>“mecânica”</p>	<p>“Ser advogado”</p>	<p>“Gostava de me poder focar mais na área de programação.”</p>	<p>“(…) na altura sim...o meu sonho era ser jogador de futebol” “Gostava de ter o meu stand de carros”</p>
<p>Na sua opinião, porque não está na situação desejada? Pretende sair da mesma?</p>	<p>“Não tenho qualificações suficientes e o apoio da família”</p>	<p>“Por causa da escolaridade e idade”</p>	<p>“Porque ainda sou muito novo, mas um dia até posso ter” “sim”</p>	<p>“Estou nesta situação porque deixei o futebol, andei um bocado, mas depois cansei-me e sai” “Por enquanto estou bem como estou, mas um dia quero arranjar alguma coisa estar sempre parado também não gosto, até gosto de trabalhar”</p>	<p>“Porque eu já cresci na mente assim “eu não vou estudar” entende?”</p>	<p>“Acho que foi mesmo por não ter entrado na universidade e por causa da falta de informação.”</p>	<p>“Olhe eu joguei 11 anos federado, mas depois comecei a crescer, a sair às noites e tudo, depois fui para França e pronto foi através disso. Mas hoje nunca se sabe onde podia estar se tivesse continuado.”</p>	<p>“Se eu tivesse dinheiro investia e recuperava o dinheiro, mas como eu não tenho dinheiro tenho de começar por baixo e tenho de começar por coisas mais fáceis para trabalhar. Mas se eu tiver uma oportunidade de investir nisso, eu invisto.”</p>	<p>“Eu acho que não sou mecânico porque também não me esforço para isso (...) não gosto de estudar e para ser mecânico eu preciso de estudar (...) eu gostava de tentar na mesma, tenho de pensar assim senão nada feito. Mas não estou a dizer estudar,</p>	<p>“Acho que é mais por causa da escola, ter de estudar é muito chato, mas a universidade e é fixe até gostava de ir, mas se calhar é muito tempo de aula e muita dor de cabeça.”</p>	<p>“Porque ainda acho que estou a aprender e falta-me aquela sensação o real de estar a trabalhar mesmo.”</p>	<p>(...)jogava bem na altura, mas lá está o meu pai era assim um bocadito já...que eu tenho irmão já com 40 e tal anos, sou o mais novo, o meu pai já tem assim uma certa idade e muitas vezes ele não me levava aos jogos estás a</p>

									queria era já trabalhar.”			ver? E uma pessoa começou a deixar aquilo, se tivesse apoio nessa parte se calhar hoje estava ligado ao futebol”
Sente que possui apoio familiar no que se refere à educação, formação ou emprego?	“antes ainda tinha o apoio do meu tio”	“claro (...) se não tiver ninguém a me ajudar e dizer “olha tens de que ir trabalhar” eu não vou.”	“sim claro.”	“sim por acaso sinto que tenho”	“sim, se eu quisesse estudar tinha apoio de todos, mas (...) eu não quero”	“sim tenho, a minha mãe apoia, o meu pai e os meus avós.”	“sim, isso eu tenho.”	“sim em tudo, os meus pais sempre me apoiaram”	“Claro, sinto apoio por parte da família, bastante até.”	“Sinto, a minha família dá-me muito apoio.”	“Sim.”	“Tenho, somos uma família unida mesmo.”
Considera que a condição económica familiar condiciona ou o acesso a outras oportunidades de integração profissional?			“não”	“Eu acho que não”	“Não”	“Sim, um pouquinho (...) para entrar na universidade e os preços.”	“Não, acho que não.”	“Sim, porque se os meus pais vivessem bem eu procuraria sair daqui e seria mais fácil para mim”	“Não, já sou maior e vacinado, sempre paguei as minhas cenas e quando não pagava tipo...os meus pais chegavam e pagavam”	“Não, eu sou independente, mas o que eu preciso eles ajudam, a minha avó, os meus pais, os meus tios.”	“Não, se precisar de ajudar eles ajudam-me, posso sempre contar com o apoio deles.” “Não posso pensar em ir muito	“(…) eu neste momento se tiver de optar por alguma coisa tem de ser de mim, tem de ser do meu bolso porque já sou crescido.”

											longe por isso prefiro ficar por aqui perto da família e ir para o politécnico.”	
Já procurou ou tem conhecimento de estratégias que o ajudem a sair da situação em que se encontra?	“Eu estou à espera da formação, mas não me dão o 9º ano para eu poder ir para a cozinha”	“já, aqui no Centro Comunitário para perceber se tinha alguma coisa que pudesse fazer na jardinagem na APPACDM e mais nada.”	“Sim, no Centro de Emprego.”	“para ser sincero não procurei nada, no centro de emprego já me chamaram algumas vezes, mas o que era não me interessava muito.”	“por agora não, mas no futuro não sei.”	“no Centro de Emprego”	“Centro de Emprego”	“enquanto estou na formação já tentei inscrever na DHL e isso de empresas e essas coisitas a ver...assim essas empresas que uma pessoa não está mesmo no mercado de trabalho está mais à vontade e isso, mas não me aceitaram porque viram que eu era do Bairro Social da Paradinha.”	“Já, eu estava inscrito no centro de emprego, mas depois lá está tinha a tal formação que não fui.”		“Gostava de ir até para um politécnico, e trabalhar e estudar.”	Encontra-se inscrito no Centro de Emprego
Porque acha que não se enquadra no sistema	“eu andava sempre com más companhias, o	“porque fui criado de uma maneira diferente	“sim, adequou por uma questão de estudos.”		“Eu sou cigana não vou estudar, não tenho		“tive uma filha e tornou-se tudo mais complicado.”	“Gosto de trabalhar, só que há tanta discriminação que	“porque não me esforço”	“não gosto de trabalhar é muito chato”	“Porque ainda acho que estou a	“(…) trabalhar também tem de ser numa

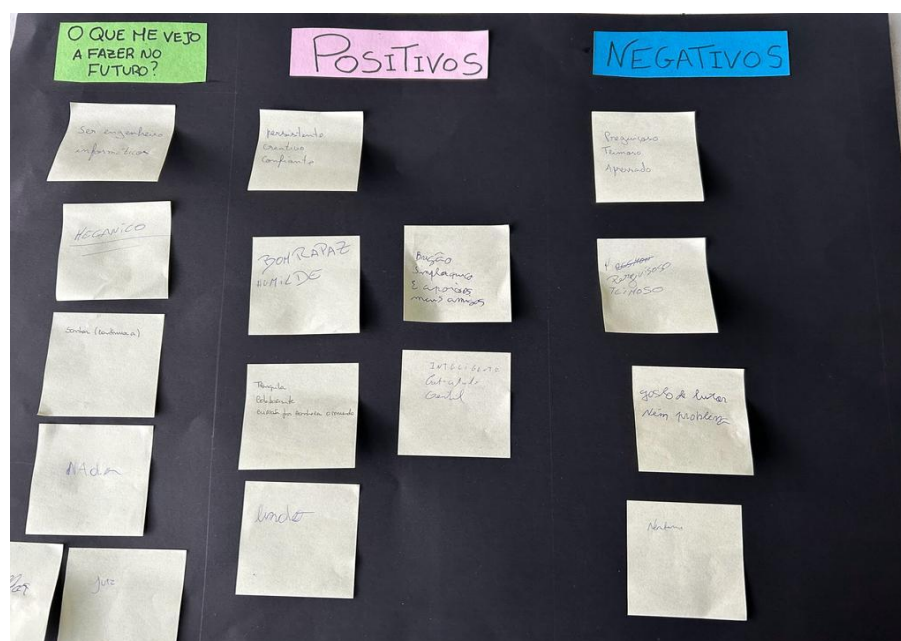
escolar, profissional ou formativo?	problema foi eu.”	dos outros, uns foram criados ao lado do pai e da mãe e eu fui criado sempre de forma separada”			paciência para isso”			optamos pelos trabalhos que não se tenha tanto contacto direto com os clientes ou qualquer coisa”			aprender”	coisa que vejas que é certo e que recompensa no final... agora estar a trabalhar e chegar ao final e uma pessoa fica desiludido não vale a pena.”
Acha que a cultura onde está inserido e o facto de morar num bairro são fatores para não se sentir integrado no sistema?	“Antes não me dava muito com os ciganos... não gostava muito quando as pessoas falavam pelas costas.”	“Nós crescemos num bairro e estamos habituados ao bairro se sairmos destruímos tudo, nós aqui temos uma maneira diferente de viver a vida” “nós temos um defeito parece que temos escrito cigano na testa, mas eu não ando com ciganos verdadeiros	“não isso não tem nada a haver.”	“Acho que não, hoje em dia qualquer um consegue um trabalho só não vai quem não quer.”	“Eu acho que tem muito a haver com a cultura, se eu crescesse e soubesse que o meu pai tem trabalho e que a minha mãe o dela, eu sabia que eu também ia ter de estudar para seguir os objetivos do meu pai e da minha mãe. Mas eu onde já cresci, eles fazem feiras, fazem formação, vivem da segurança	“Na cultura não sinto que influência”	“Às vezes sim (...) já senti muitas vezes o racismo por ser cigano, por exemplo aqui em vários cafés que muitos ciganos aqui frequentaram fizeram estragos e uma pessoa não tem nada a haver com isso e culpam-nos a nós. Isto por causa de uns pagam todos e uma pessoa pede logo o livro de	“às vezes vão muito pela aparência, eu não sou racista, mas dizem muito que aquele que é de cultura negra é trabalhador e o cigano é o ladrão, é o rótulo que nós temos (...) já ouvi muitas vezes “o cigano só quer viver dos rendimentos sociais e essas coisas”, mas isso não, porque se	“quando sinto que sou alvo de preconceito sinto-me melhor (...) as pessoas têm medo, se vão pela moral “são ciganos ou aquilo do bairro” já que tem tanta vontade que somos assim, nós vamos mostrar que somos mesmo assim.”	“Se souberem que sou cigano tiram-me o trabalho para fora, mas no trabalho nunca senti muito isso, nos trabalhos que fui até gostavam dos ciganos. Nós só somos perigosos porquê? Tem de haver uma razão para sermos perigosos		“As vezes pode ter a haver, imagina vais a uma entrevista e opah podem te aceitar como podem não aceitar por seres de um bairro, mas não vai de um bairro, vai de conhecimentos vai de cunhas... é preciso

		eu não sou cigano puro, as pessoas olham para nós como se fossemos furacões.”			social, eu também acabei por crescer com isso na mente.”		reclamações porque não temos nada a haver com os outros.”	derem oportunidade como podem ver agora atualmente há muito cigano a trabalhar, mas não contam os ciganos que estão a trabalhar só contam os ciganos que não estão a trabalhar.”		que é se eles abusarem, imagina uma pessoa entra no nosso bairro e armasse em inteligente então tem que levar, se não abusarem não acontece nada.”		sempre um empurrão em todas as áreas.”
--	--	---	--	--	--	--	---	--	--	--	--	--

Anexo L: Registo fotográfico da atividade 1 “Caixa das Partilhas”



Anexo M: Registo fotográfico da atividade 2 “O que me vejo a fazer no futuro?”



Anexo N: Registo fotográfico da atividade 3 “Tapete dos sentimentos”



Anexo O: Registo fotográfico da atividade 4 “Partilha de experiências de profissionais”



Anexo P: Registo fotográfico da atividade 5 “Preparação para entrevistas de emprego e outras tarefas de procura ativa de emprego”

